

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 560

Terça-feira, 14 de Janeiro de 1986

Preço 40\$00

**A PARTIR
DAS 10.30**

**Amanhã:
greve
da Carris**

A Carris entra amanhã em greve, a partir das 10 e 30 horas e até às 2 e 30 do dia 16 por convocatória do Sindicato dos Transportes Rodoviários e Afins, afecto à UGT. Em causa está a negociação da tabela salarial para o ano corrente, tendo um plenário de trabalhadores, ontem realizado, rejeitado a proposta da administração da empresa para aumentos salariais de 17,5 por cento. «Na posição do Sindicato existe a consciência de não poder aceitar a imposição de um tecto salarial de condições injustas e penosas que se pretenderá, posteriormente, fazer aceitar pela generalidade dos trabalhadores dos transportes e de outras empresas públicas» — diz um comunicado ontem distribuído pelo SITRA.

BALSEMÃO DIZ NÃO Medo instala-se dentro do PSD



«Não quero acreditar mas receio que o Conselho Nacional do PSD tenha agido por medo ou subserviência», afirmou esta manhã o ex-primeiro-ministro Pinto Balsemão a propósito da sua substituição por Rui Almeida Mendes na direcção dos deputados do PSD no Parlamento Europeu. Balsemão disse em conferência de Imprensa que recusara ir para Estrasburgo por uma questão de «dignidade pessoal e política» e anunciou igualmente que decidira suspender o seu mandato na Assembleia da República. Estas atitudes de contestação directa a Cavaco Silva visam «dizer não ao medo e à subserviência» que deu a entender existirem dentro do PSD. Balsemão sublinhou, todavia, que em caso nenhum abandonará o partido de que é fundador.

Pág. 28



Renato Miranda

**EX-VEREADOR
GARANTE**

**Lisboa
é mesmo
insegura**

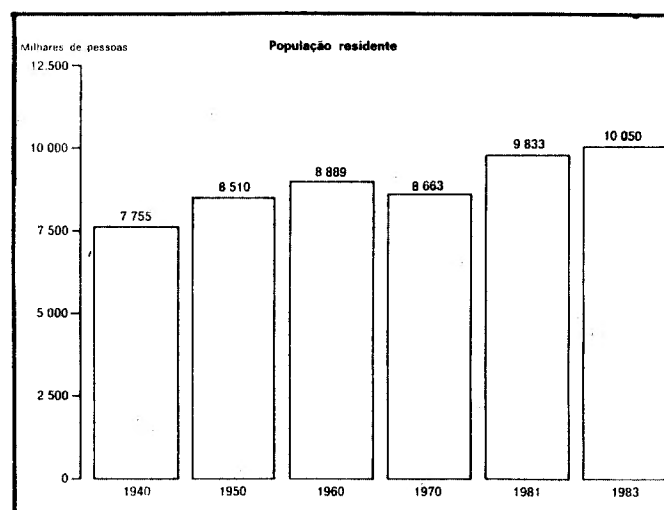
Págs. 12 e 13

**PORTUGAL
- ESPANHA**



População portuguesa está a envelhecer

O crescimento desigual da população portuguesa nos últimos 40 anos, parcialmente provocado pelo fenómeno migratório, e o seu envelhecimento, caracterizam a população portuguesa nos últimos quarenta anos.



Entre 1940 e 1981, a população residente em Portugal cresceu cerca de dois milhões de pessoas.

Esse crescimento, no entanto, não foi uniforme. No período que vai até 1950, a taxa anual média de crescimento é relativamente forte, situando-se nos 9,7 por mil habitantes.

Na década seguinte, esse valor é mais baixo, cifrando-se em 4,5 por mil, o que é parcialmente provocado pelo forte surto migratório do decénio.

Nos anos 60, a evolução da população residente é negativa — menos 2,5 por mil — apresentando-se como razões o reforço do fluxo emigratório, incluindo a sua componente clandestina.

Finalmente, nos anos compreendidos entre 1970 e 1981, regista-se uma vigorosa recuperação, expressa numa taxa anual muito próxima dos 14,00 por mil. O regresso de cerca de meio milhão de retornados das ex-colónias portuguesas de África, sobretudo nos anos de 1974 e 1975, o regresso de emigrantes portugueses da Europa e o abrandamento dos níveis de emigração, estão na origem destes valores registados.

Na relação masculino-feminino, o ano de 1981 permite encontrar valores situados em 107 indivíduos do sexo feminino para cada 100 homens. Mas o ano mais significativo, deste ponto de vista, é 1971, pois o decréscimo da população residente total ocorreu tanto entre os homens (menos 145 mil) como entre as mulheres (menos 81 mil), reflectindo

além do fenómeno da guerra colonial, a dimensão familiar do fenómeno emigratório.

População envelhece

A análise por grandes grupos etários permite realçar o que é uma característica fundamental da evolução recente da população portuguesa: o seu envelhecimento.

Vejam os a realidade dos números: o grupo de jovens dos 0 aos 19 anos, que correspondia a 41,8 por cento da população presente em 1940, desce continuamente em termos percentuais até 1981, ano em que correspondia apenas a 34,3 por cento da população residente.

No que se refere ao grupo das pessoas mais idosas, com 65 e mais anos de idade constata-se que a sua percentagem passou de 6,4 para 11,4 por cento no mesmo período, sendo o valor de 1981 duplo do registado em 1940.

O Instituto Nacional de Estatística apre-

senta duas razões fundamentais para essa tendência de envelhecimento: a diminuição das taxas de natalidade, que tem normalmente correlação com progressos no nível de vida, e os progressos na investigação e assistência médicas, com repercussões positivas na diminuição das taxas de mortalidade e no aumento da esperança de vida.

A evolução da taxa bruta de natalidade é de contínuo decréscimo: o valor de 1980 é de 37,9 por cento inferior ao de 1945.

A taxa bruta de mortalidade apresenta também uma evolução no mesmo sentido, mas com um recuo menos pronunciado do que a anterior.

Os valores mais recentes (1983) confirmam a manutenção das tendências dos anos anteriores.

Emigração por fases

A emigração portuguesa apresenta várias fases distintas nas últimas décadas.

Em 1940, os cerca de 13 mil emigrantes re-

presentavam 0,17 por cento da população residente. Nos anos de 1950, regista-se um acentuado crescimento: os cerca de 30 mil emigrantes de 1955 representavam cerca de 0,34 por cento da população.

Mas é na década de 60 que o país atravessa uma fase de forte emigração, provocada pela guerra em África e pela busca de melhores condições de vida nos países de destino. A emigração clandestina tem quase tanta relevância como a legal: só para França, dão o «salto» na fronteira cerca de 107 mil pessoas.

Nos anos seguintes, a emigração legal desce para valores mais próximos dos da década de 50. É na fase característica dos abrandamentos da prosperidade dos países europeus e americanos, na sequência do choque petrolífero de 1973, e também em virtude do termo das guerras coloniais.

Na presente década, a emigração continua a diminuir, para atingir em 1984 os oito mil portugueses. É na mesma década que começamos a assistir a um importante aumento do fluxo de retorno.

O continente americano era o destino quase exclusivo até ao começo da década de 60. Depois, as preferências manifestam-se pelo continente europeu, para serem hoje relativamente semelhantes.

Numa análise por sexos, a emigração começa por ser fortemente «masculina». Mas nas épocas de mais forte fluxo, é patente um sensível esforço no sentido de as famílias se manterem reunidas nos novos destinos.

Panorama do país

O que sabemos do país que nos viu nascer? Como evoluiu em termos populacionais ou económicos? Que dados estatísticos dão corpo a esse esforço de análise e compreensão? Ao comemorar o seu 50.º aniversário, o Instituto Nacional de Estatística decidiu divulgar alguns dos muitos trabalhos realizados para o conhecimento de Portugal. Sem os pormenores das publicações estatísticas especializadas, «Portugal 1935-1985» é uma obra que contém a descrição da evolução dos principais indicadores estruturais desde 1935 até ao presente. Em suma, um panorama, que hoje começamos a divulgar nas páginas do «DL».

População por grandes grupos etários
Milhares de pessoas

Escala de idades	1940		1950		1960		1970		1981	
	(a)	%	(a)	%	(b)	%	(b)	%	(b)	%
0-19	3 217	41,8	3 299	39,1	3 339	37,5	3 183	36,7	3 368	34,3
20-64	3 984	51,8	4 553	53,9	4 842	54,5	4 596	53,1	5 339	54,3
65 e +	498	6,4	590	7,0	708	8,0	884	10,2	1 126	11,4
	5 699	100,0	8 442	100,0	8 889	100,0	8 663	100,0	9 833	100,0

(a) População presente
(b) População residente

Emigração legal por destinos (a)
Efectivos (milhares)

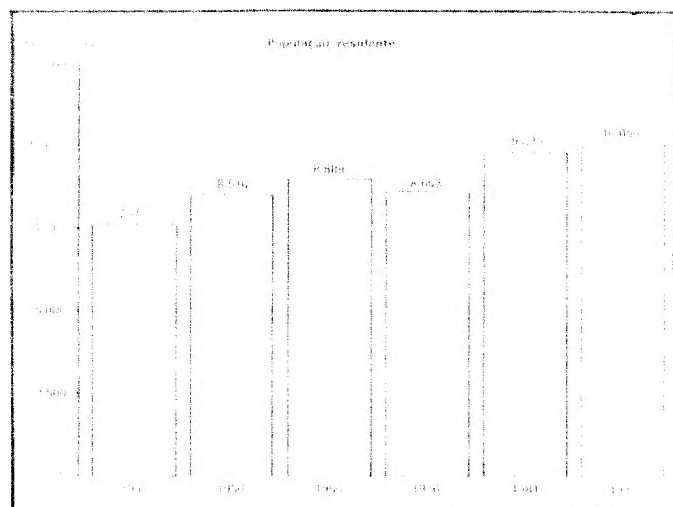
	1935	1940	1945	1950	1955	1960	1965	1970	1975	1980	1983
Total	9,1	13,2	5,9	21,9	29,8	32,3	89,1	66,3	24,8	25,2	13,7
América	8,2 90,0%	13,0 98,4%	5,7 96,5%	20,9 95,2%	27,3 91,7%	27,6 85,3%	14,4 16,1%	21,3 32,2%	18,4 74,2%	11,5 45,7%	5,0 36,2%
Europa	0,4 4,8%	...	...	0,8 3,7%	1,1 3,7%	3,8 11,8%	71,5 80,3%	43,7 65,8%	5,5 22,2%	9,8 38,7%	6,6 48,6%
Outros continentes	0,5 5,2%	...	...	0,2 1,1%	1,4 4,6%	0,9 2,9%	3,2 3,6%	1,3 2,0%	0,9 3,6%	3,9 15,6%	2,1 15,2%

(a) Fonte: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas emigração permanente e emigração temporária

M. Monteiro Lopes

População portuguesa está a envelhecer

O crescimento desigual da população portuguesa nos últimos 40 anos, parcialmente provocado pelo fenómeno migratório, e o seu envelhecimento, caracterizam a população portuguesa nos últimos quarenta anos.



Entre 1940 e 1981 a população residente em Portugal cresceu cerca de dois milhões de pessoas.

Esse crescimento, no entanto, não foi uniforme. No período que vai até 1950, a taxa anual média de crescimento é relativamente forte, situando-se nos 9,7 por mil habitantes.

Na década seguinte, esse valor é mais baixo, caindo-se em 4,5 por mil, o que é parcialmente provocado pelo forte surto migratório do decénio.

Nos anos 60, a evolução da população residente é negativa — menos 2,5 por mil — apresentando-se como razões o reforço do fluxo migratório, incluindo a sua componente clandestina.

Finalmente, nos anos compreendidos entre 1970 e 1981, regista-se uma vigorosa recuperação, expressa numa taxa anual muito próxima dos 14,00 por mil. O regresso de cerca de meio milhão de retornados das ex-colónias portuguesas de África, sobretudo nos anos de 1974 e 1975, o regresso de emigrantes portugueses da Europa e o abrandamento dos níveis de emigração — estão na origem destes valores registados.

Na relação masculino/feminino, o ano de 1981 permite encontrar valores situados em 107 indivíduos do sexo feminino para cada 100 homens. Mas o ano mais significativo, deste ponto de vista, é 1971, pois o decréscimo da população residente total ocorreu tanto entre os homens (menos 145 mil) como entre as mulheres (menos 81 mil), reflectindo

além do fenómeno da guerra colonial, a dimensão familiar do fenómeno migratório.

População envelhece

A análise por grandes grupos etários permite realçar o que é uma característica fundamental da evolução recente da população portuguesa: o seu envelhecimento.

Vejamos a realidade dos números: o grupo de jovens dos 0 aos 19 anos, que correspondia a 41,8 por cento da população presente em 1940, desce continuamente em termos percentuais até 1981, ano em que correspondia apenas a 34,3 por cento da população residente.

No que se refere ao grupo das pessoas mais idosas, com 65 e mais anos de idade, constata-se que a sua percentagem passou de 6,4 para 11,4 por cento no mesmo período, sendo o valor de 1981 duplo do registado em 1940.

O Instituto Nacional de Estatística apre-

senta duas razões fundamentais para essa tendência de envelhecimento: a diminuição das taxas de natalidade, que tem diminuído correlação com progressos no nível de vida, e os progressos na investigação e assistência médicas, com repercussões positivas na diminuição das taxas de mortalidade e no aumento da esperança de vida.

A evolução da taxa bruta de natalidade é de contínuo decréscimo: o valor de 1980 é de 37,9 por cento inferior ao de 1945.

A taxa bruta de mortalidade apresenta também uma evolução no mesmo sentido, mas com um recuo menos pronunciado do que a anterior.

Os valores mais recentes (1983) confirmam a manutenção das tendências dos anos anteriores.

Emigração por fases

A emigração portuguesa apresenta várias fases distintas nas últimas décadas.

Em 1940, os cerca de 13 mil emigrantes re-

presentavam 0,17 por cento da população residente. Nos anos de 1950, regista-se um acentuado crescimento: os cerca de 80 mil emigrantes de 1955 representavam cerca de 0,34 por cento da população.

Mas é na década de 60 que o país atravessa uma fase de forte emigração, provocada pela guerra em África e pela busca de melhores condições de vida nos países de destino. A emigração clandestina tem quase tanta relevância como a legal: só para França, dão o «salto» na fronteira cerca de 107 mil pessoas.

Nos anos seguintes, a emigração legal desce para valores mais próximos dos da década de 50. É na fase característica dos abrandamentos da prosperidade dos países europeus e americanos, na sequência do choque petrolífero de 1973, e também em virtude do termo das guerras coloniais.

Na presente década, a emigração continua a diminuir, para atingir em 1984 os oito mil portugueses. É na mesma década que começamos a assistir a um importante aumento do fluxo de retorno.

O continente americano era o destino quase exclusivo até ao começo da década de 60. Depois, as preferências manifestam-se pelo continente europeu, país a ser em hoje relativamente semelhantes.

Numa análise por sexos, a emigração começa por ser fortemente «masculina». Mas nas «pocas» de mais forte fluxo, é patente um sensível esforço no sentido de as famílias se manterem reunidas nos novos destinos.

Panorama do país

O que sabemos do país que nos viu nascer? Como evoluiu em termos populacionais ou económicos? Que dados estatísticos dão corpo a esse esforço de análise e compreensão? Ao comemorar o seu 50.º aniversário, o Instituto Nacional de Estatística decidiu divulgar alguns dos muitos trabalhos realizados para o conhecimento de Portugal. Sem os pormenores das publicações estatísticas especializadas, «Portugal 1935-1985» é uma obra que contém a descrição da evolução dos principais indicadores estruturais desde 1935 até ao presente. Em suma, um panorama, que hoje começamos a divulgar nas páginas do «DI».

População por grandes grupos etários

(em milhões de pessoas)

Escalaões de idades	1940		1950		1960		1970		1981	
	(a)	%	(a)	%	(b)	%	(b)	%	(b)	%
0 - 19	3 217	41,8	3 299	39,1	3 339	37,5	3 183	36,7	3 368	34,3
20 - 64	3 984	51,8	4 553	53,9	4 842	54,5	4 596	53,1	5 339	54,3
65 e +	498	6,4	590	7,0	708	8,0	884	10,2	1 126	11,4
	5 699	100,0	8 442	100,0	8 889	100,0	8 663	100,0	9 833	100,0

(a) População presente;
(b) População residente

Emigração legal por destinos (a)

(em milhares)

	1935	1940	1945	1950	1955	1960	1965	1970	1975	1980	1983
Total	9,1	13,2	5,9	21,9	29,8	32,3	89,1	66,3	24,8	25,2	13,7
América	8,2	13,0	5,7	20,9	27,3	27,6	14,4	21,3	18,4	11,5	5,8
	90,0%	98,4%	96,5%	95,2%	91,7%	85,3%	16,1%	32,2%	74,2%	45,7%	36,2%
Europa	0,4	4,8	—	0,8	1,1	3,8	71,5	43,7	5,5	9,8	6,6
	4,8%	—	—	3,7%	3,7%	11,8%	80,3%	65,8%	22,2%	38,7%	48,6%
Outros continentes	0,5	—	—	0,2	1,4	0,9	1,2	1,3	0,9	3,9	2,1
	5,2%	—	—	1,1%	4,6%	2,9%	3,6%	2,0%	3,6%	15,6%	15,2%

(a) Emigrantes portugueses, incluindo os que regressaram; (b) emigrantes portugueses, incluindo os que regressaram; (c) emigrantes portugueses, incluindo os que regressaram.

Crónica de um português já na CEE

M. Monteiro Lopes

Como parceiros da CEE, uma das palavras de ordem no nosso desenvolvimento socioeconómico, que a todos desejamos acelerado, é a de aumentarmos as exportações porque «eles» vão mesmo aumentar as suas parcas... Assim, para além das nossas exportações tradicionais — vestuário, calçado, conservas, vinho do Porto e do outro, (bem bom!) etc. — julgo que devemos promover já e fortemente a exportação de um dos nossos melhores produtos de «alta tecnologia» genuinamente nacio-

nal: as «pontes», as tais que usamos antes, o durante e o após (para se descansar do durante) dos dias festivos, em que, com umas «pequenas habilidades», se consegue arranjar uma semana e até duas de férias suplementares. E também poderemos exportar, decerto com sucesso, as chamadas «inter-pontes», ou seja, as que cobrem os períodos de trabalho (?) entre as «pontes» propriamente ditas, que, evidentemente, estão para além das férias anuais, gozadas por inteiro, repartidas, triparti-

das ou pluripartidas, conforme os casos. É claro que já não aconselho a exportação (porque ninguém nos compraria), dos passeios de automóvel com a família, na Avenida da Liberdade e na Baixa, com congestionamentos monstros, nas antevésperas de Natal e de Ano Novo, para se gastar devidamente o subsídio de Natal em gasolina, da tal já de preço a nível europeu de mais alto... Assim como que de alemão! Mas eu, pensando sempre positivo, costumo dizer com os meus botões: Antes em gasolina, porque se ajuda o Fundo de

Abastecimento, do que em meios e remédios!

Desde o primeiro (dia) de 1986, tenho (temos) tido várias grandes alegrias. A primeira, já se sabe, foi a da adesão à CEE, que andei (andámos) a festejar alguns dias, com copos de água, já se vê, porque o vinho está muito caro. A segunda, (acreditam?) foi a notícia na comunicação social, de que, com o IVA, não nos vão aumentar (mais) as nossas queridas gasolina e gasóleo, (por causa do chamado Fundo de Abastecimento... e a despeito da baixa do petróleo e do dólar). A terceira, foi o Se-

nhor Ministro das Finanças ter «anunciado» na TV, que vai ser «implacável» (ouve-se logo «uau!» em fundo) em relação a aumentos abusivos de preços, a pretexto do IVA e ainda o facto de qualquer de nós, cidadãos pagantes, podermos nos dirigir directamente por escrito, ao Senhor Ministro, porque cada carta terá sempre resposta, que, estou a imaginar, poderá ser, por exemplo: «Oh jóia! Aguenta-te, não liguês boia e paga!» A quarta e última, por agora, foi algo de um novo estilo que muito me agradou, quando o Senhor Ministro, no

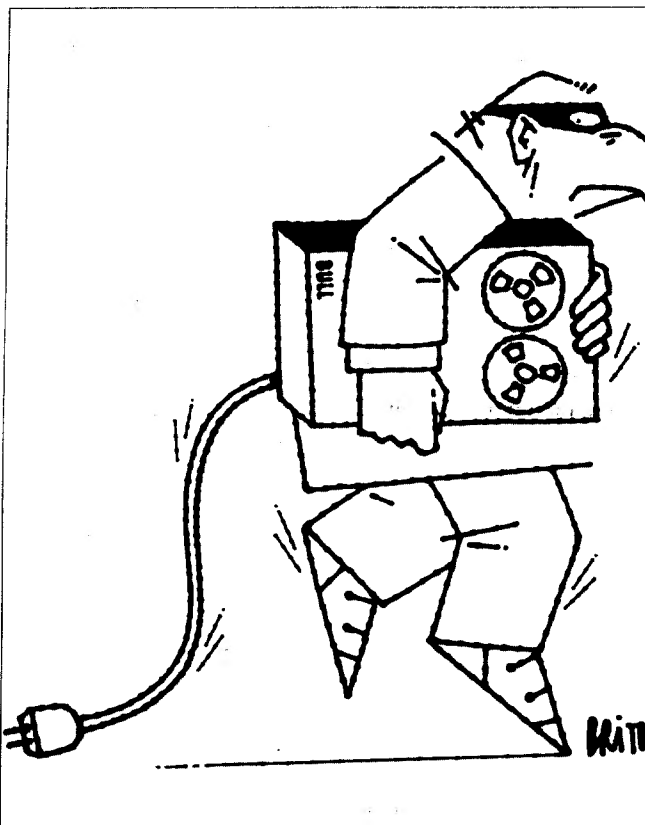
fim da sua comunicação, nos agradeceu pelo tempo que nos tomou e pela atenção dispensada. Neste momento, creiam, senti-me cidadão de parte inteira, e não apenas o atento, venerador e obrigado que só serve para pagar e para votar... Já me esquecia: prossegue a «guerra aos ratos» com vitórias em todas as frentes. Embora não possa deixar de ter uma certa pena dos pobres ratos, (não acham?), sinto, por outro lado, um vivo orgulho nacional — agora europeu — porque nesta «guerra» vamos ganhar mesmo...

Quem escuta quem?

COM os alvares do dia rompe o escândalo. As primeiras páginas de dois jornais e os noticiários das estações de rádio dão-nos conta de que: «Muito bem escondido numa caixa de parede do telefone pessoal de Freitas do Amaral, na sede nacional da sua candidatura, foi encontrado um desses sábios aparelhos que escutam o que se diz e o transmitem a um emissor estrategicamente localizado a distância conveniente». («O Dia»). Ou, entrando já em explicações: «No gabinete de Freitas do Amaral existe um telefone, para uso pessoal, que está ligado a uma caixa colocada na parede, como é comum. Foi no interior desta caixa que os serviços da candidatura descobriram, quando procediam a uma operação de rotina, um aparelho de escuta e transmissão». («Correio da Manhã»). Acrescente-se que, segundo «os serviços da candidatura», pelas informações vindas a público, o raio de acção do aparelho de escuta e transmissão seria de «uns 300 metros».

Estes são os dados divulgados que configuram o escândalo. O telefone pessoal do candidato Diogo Freitas do Amaral estava sob escuta. O aparelho que escutava e transmitia as suas comunicações telefónicas: «aparenta ser de fabrico artesanal». («Correio da Manhã»).

Esta referência ao «fabrico artesanal» é repoussante. Tranquiliza-nos. A utilização de meios «artesaniais» afasta quaisquer suspeitas relativas a uma escuta montada por serviços especiais e dotados com meios eficientes, modernos, sofisticados. Parece excluir o Estado português e os serviços estrangeiros que estivessem interessados em tomar conhecimento das comunicações telefónicas do candidato Freitas do Amaral. Mas já o raio de acção do aparelho suscita inquietação. A «uns 300 metros» do telefone pessoal do candidato, numa casa vizinha ou num automóvel estacionado, podiam estar pessoas entregues à tarefa de escutar Freitas do Amaral. Esta informação é inquietante. Mostra a precária segurança que os serviços



privados e públicos asseguram ao candidato apoiado pelo partido que está no Governo e do qual é dirigente o titular do Ministério da Administração Interna.

Por outro lado, as informações divulgadas sobre «o escândalo» fazem alusão a que o sistema de escuta foi descoberto durante «uma operação de rotina», o que, talvez, permita supor que não estava montado há muito tempo. De resto, o gabinete de Diogo Freitas do Amaral no palácio que foi a residência particular do industrial e financeiro Alfredo da Silva, no Alto de Santa Catarina, apesar da elevada frequência e intensa movimentação naturais numa sede nacional de candidatura à Presidência da República, não é de admitir que estivesse ao alcance do primeiro indivi-

duo que se apresentasse como funcionário da Companhia dos Telefones ou como curioso dos telefones alheios.

O «escândalo» levanta problemas. O carácter «artesanal» dos meios aponta para curiosidades internas ou significará que não eram necessários meios sofisticados?

Não se contesta a existência de «escutas». Elas têm sido objecto de denúncias, de queixas, de inquéritos. E neste país, como em muitos outros domínios, este, o das escutas telefónicas, tem dado lugar a averiguações inconclusivas. É uma situação inaceitável que constitui um índice de debilidade das instituições democráticas, que aponta para a presença de serviços ou agentes que se entregam a actividades suspeitas, descontroladas ou incontroláveis.

O problema pode, numa simplificação que exige resposta, ser apresentado à consciência pública na forma interrogativa: Quem escuta, quem?

Não descuremos de o saber. Mas, este escândalo, à primeira vista é fraco, reduzido, maculado por um patente sentido da oportunidade. Longe de nós a suspeita de que se trate de um «escândalo» montado, mas que, a esse respeito, as dúvidas não nos surpreendem se, em tempo útil, o mistério do aparelho de escuta de fabrico artesanal não for descoberto e explicado.

Temos o direito de saber quem escuta e de sermos alertados para o problema das escutas telefónicas. Os inquéritos policiais, ou de serviços técnicos, devem ser concluídos e as conclusões deverão ser divulgadas.

Neste caso o inquérito é necessário e é urgente que sejam divulgadas as conclusões. Não podemos limitar-nos à queixa feita à Polícia Judiciária e à respectiva rotina. O Governo deverá assumir responsabilidades directas no inquérito que se impõe.

A impunidade das escutas não é admissível. As vagas suspeições são de natureza a confundir, a perturbar, a inquietar.

Não se pode tratar de um «golpe publicitário». Portanto — e com urgência — saiba-se quem escuta quem.

Folhetim artístico

"Alvenaria burguesa"

Jose-Augusto França

As cidades têm um viver burguês apropriado desde que o urbanismo nelas interveio, em meados mais ou menos avançados ou recuados do século XIX, o «burguês conquistador». Assim na Europa de Paris ou de Viena, assim em Lisboa da Avenida da Liberdade (pouco) e das Avenidas Novas — assim no São Paulo do café. Daí me chega agora um livro (desde já dito, notável) do arquitecto Carlos A. C. Lemos, ali nascido e formado e professor.

Uma arquitectura tipificada em modas internacionais, com adaptação a modos próprios de viver e de gostar, desenvolveu-se então por novas vias de circulação, dando imagem às cidades e às vilas mais modestas — ou mesmo às aldeias, no caso português que aqui se inclui, onde agricultores mais ricos, ou negociantes, fizeram construir casas ao jeito da cidade mais próxima. Fenómeno a estudar, procurando-lhe raízes sociais tanto quanto estéticas (ou mais ainda). Já algures o sugeri — e

investigador precisa-se...

Mas não é disso que se trata aqui, falando a propósito de um estudo sobre a arquitectura burguesa de uma grande cidade brasileira, em fins do século. Vale a pena, porém, notar que esta obra é publicada em 1985, ao mesmo tempo que, em Portugal, pesquisas paralelas se fazem, no quadro do Departamento de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa, sobre um bairro que assegurava, de 1900 em diante, o crescimento da capital para Nordeste, as chamadas Avenidas Novas (com o seu arquitecto principal, Norte Júnior, e outros), trabalho de Raquel Henriques da Silva, e sobre um arquitecto suíço que se instalou na província leiriense e foi o mais importante, em vários aspectos culturais, de quantos então se importaram: E. Korrödi, tese de mestrado, também já defendida, de Lucília Verdehlo Costa — e enquanto no Porto se estuda, em doutoramento (de António Cardoso) e, em breve, para exposição, a

obra do mais ilustre arquitecto da burguesia nortenha de então, Marcos da Silva.

Carlos A. C. Lemos deu como título ao seu livro um termo técnico de emprego corrente na altura e que, ao mesmo tempo, indicava uma qualidade de construção simbolizando socialmente essa qualidade como apanágio da classe que assim tão bem edificava, para seu cómodo e seu estatuto. «Alvenaria Burguesa» é quase um pleonismo, que uma categoria não ia sem a outra...

Em alvenaria se desenvolveu então a capital paulista abrindo-se a novas necessidades da sua riqueza, de café e de indústria nascente, em «mansões», que metiam no vocabulário português uma palavra de imediata conotação americana do Norte. E tiveram «mansões» os poderosos prados e uma sua Dona Veridiana...

Aqui, a alvenaria é de tijolo, e a sua introdução deve-se à imigração italiana que submergiu a portuguesa, mais fluminense por mais lojista e sem vocação ou hábitos industriais.

Com ela, o palacete burguês se embelezou, todo bordado de pedras trabalhadas, varandas, meneis, ameias, torrinhas, num neogótico de fantasia, à beira do «chalet», que encantava os proprietários e me parece vir especialmente do Piemonte. De qualquer modo, ele sucede ao neoclássico que, de origem francesa no Rio, como formulário romântico, se repropunha nos anos 60 de oitocentos. Ao novo arremedo de estilo justapôs-se em breve um «eclectismo» internacional, com dados forçosamente renascentistas e barrocos, (e de novo neoclássicos, mais tarde), mas também com uma intenção nacionalista que a evocação «colonial», já em arranjos «neo», justifica.

À taipa da cidade velha opõe-se então o tijolo da cidade nova: a fórmula do autor é feliz, dando o comando estético aos materiais de construção, como desde meados do século modernamente acontecia.

Nesse processo intervieram sucessivamente diversos arquitectos ou engenheiros e logo

um, formado em Gand, na Bélgica, Ramos de Azevedo, edificador titular do governo estadual e da alta burguesia, à cabeça de um atelier que dominava a cidade, com múltiplos colaboradores que não deixam conhecer o seu próprio talento individual. Entre estes, um cenógrafo, Claudio Rossi que está na origem do magno teatro municipal da cidade, e outro Rossi, Domiziano, braço direito do patrão, e numerosos italianos, bem vistos em São Paulo. E também Ricardo Severo.

A presença paulista deste engenheiro português (e portuense de coração) exilado pelo 31 de Janeiro e que, por segunda vez, e definitivamente, se instalou em São Paulo, em 1908, é extremamente importante; talvez mais do que admite Carlos A. C. Lemos que se limita a escrever do «neocolonial» que «dizem ter sido inspirado» por ele. O papel representado por Severo foi essencial na definição ideal e utópica da «casa portuguesa», pedra-de-toque nacionalista, tanto tradicional quanto republicana, de uma vasta polémica

situada na crise da passagem de um século para o outro, em Portugal. Os seus princípios ideológicos (expressos na fundação da revista portuense «Portugália», quando, em 98, regressou do Brasil, rico pelo casamento com uma Dumont do café) manifestaram-se, depois, na defesa da tradição portuguesa da arte brasileira, numa conferência célebre, feita em São Paulo, em 1914. Para ele, nessas raízes neocoloniais residia a verdadeira «renascença brasileira» — e, em nome dela, já antes de 18 construíra, edificando, logo depois, a sua própria «Casa Lusa», que enriqueceu um formulário já expresso no Porto, em 1904.

Mas o fim da grande guerra daria novo impulso à cidade e, «com o auge das construções, vieram à tona planos e mais planos de modernização» de São Paulo, em imitação tácita de Buenos Aires. Samuel das Neves, ligado a engenheiros alemães então ali disponíveis, foi o principal agente do crescimento urbano e mandou um filho formar-se em arquitectura, em

Continua na pag. 4

Parlamento

Ministros vão responder a perguntas dos deputados

Ministros de vários sectores vão estar sexta-feira na Assembleia da República para responderem a mais uma «sessão de perguntas ao Governo» por parte dos deputados.

Carreiras médicas e extinção de fundos autónomos são alguns dos temas sobre os quais diversos partidos apresentaram perguntas.

O Governo vai escolher daquelas perguntas aquelas a que vai responder.

Os socialistas-democratas apresentaram duas perguntas: quais as acções do Governo em 1986 no que se refere à formação profissional e sobre a navegabilidade do Rio Douro.

Os socialistas fizeram quatro perguntas: sobre a extinção da Secretaria de Estado do Fomento Cooperativo, saída do Secretariado da Reabilitação da Presidência do Conselho, extinção de fundos autónomos e implantação de novas tecnologias da informação na administração pública.

pública.

Os renovadores interrogaram o Governo sobre as razões que levaram à instauração de subsídios aos subsídios atribuídos pelo LNETI e IAPMEI, transportes para os ensinos preparatório e secundário e medidas para renovação da marinha de comércio.

Os comunistas colocaram questões sobre um decreto que consideram fomentar o desemprego entre os médicos, repartição de fundos pelas autarquias e sobre a venda de terrenos da Companhia das Lezírias, na Golega.

Os centristas indagaram sobre a política salarial para o sector público e sobre as carreiras dos jovens médicos.

Quanto ao MDP, fez duas perguntas: a reorganização do Ministério da Agricultura e o apoio às Câmaras, a resolução do problema da habitação.

A deputada «Verde» apresentou apenas o problema da poluição do rio Alviela.

Alvenaria burguesa

Continuação da pág. 3

Filadelfia. Entretanto, o francês (?) V. Dubugras, hesitava-se entre o neocolonial (que, pouco a pouco, se simplificava) e um «art-nouveau» pouco convicto — até que o «art-d'eco» chegou aos horizontes estéticos de São Paulo e do Brasil, numa maneira logo dita «futurista». E foi, com Warchavchik, o fim do «ciclo cafezista», e dos seus ornamentos de fantasia mais ou menos

barroca que satisfazia, com cultural inocência, uma burguesia cada vez mais média ou medíocre...

Esta viagem do prof. Carlos A. C. Lemos pela «alvenaria burguesa» paulista, de carácter histórico e ideológico põe, para um leitor português (que muito ganhará em fazê-la), problemas que são paralelos aos seus e que vão também tendo estudo adequado, como vimos.

Eanes: segundo mandato terminou hoje

“Não saio satisfeito”

Ramalho Eanes, décimo quarto Presidente da República, termina hoje o seu segundo mandato, mas por imposição legal continuará em funções até que o novo PR tome posse. Explicitando melhor: face à lei, o mandato termina hoje, mas, em virtude das eleições legislativas antecipadas de 6 de Outubro e a necessidade de entre este sufrágio e as eleições presidenciais decorrerem 90 dias, Ramalho Eanes «é forçado» a iniciar um prolongamento do seu segundo mandato como Presidente.

Eleito em 1976 pela primeira vez, com os apoios do PS, PSD, CDS, PCTP/MRPP e PCP (ML), Eanes seria reeleito em 1980 com os votos da FRS e do PCP.

Governo minoritário no começo.

Começou o primeiro mandato dando posse a um Governo minoritário (chefiado por Mário Soares) e dez anos depois sairá do Palácio de Belém deixando ao País outro Governo minoritário (chefiado por Cavaco Silva).

Nestes dois mandatos, Eanes dissolveu por três vezes a Assembleia da República e nomeou dez governos.

Quando abandonar o Palácio de Belém, Ramalho Eanes encerra um ciclo de seis décadas de Presidentes militares. Em sua substituição entrará um dos cinco civis que presentemente participam na campanha eleitoral.

De acordo com o constitucio-

nalista Jorge Miranda, o prolongamento do mandato não limita os poderes que Ramalho Eanes detém desde 14 de Julho.

«Não saio satisfeito»

«Não saio satisfeito» — disse Ramalho Eanes a jornalistas cabo-verdianos quando visitou a Cidade da Praia em Dezembro de 1985.

Ao fazer o balanço dos dez anos que passou na Presidência da República Portuguesa, Ramalho Eanes disse então aos jornalistas cabo-verdianos:

«Muito mais se poderia ter feito, mas penso que esta insatisfação existe em toda a gente que passa por responsabilidades semelhantes. Sei, no entanto, que parto com objectivos, considerados fundamentais, realizados.»

Actos praticados

Ao longo dos dez anos, Ramalho Eanes viajou por todo o



continente e Regiões Autónomas e manifestou, desde o início do primeiro mandato, preocupação quanto aos emigrantes, instituindo, a 10 de Junho, o «Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades».

O Poder Local, a descentralização e a delimitação de competências foram preocupações constantes nas suas intervenções.

O Presidente da República promulgou algumas leis que geraram polémica, como a Lei da Despenalização do Aborto e a das Rendas de Casa — e vetou a Lei de Defesa Nacional que, posteriormente, seria obrigado a promulgar já que, ao regressar ao Parlamento, o diploma ob-

teve os dois terços de votos necessários.

Como se define Eanes

Ramalho Eanes definiu-se a si próprio como «um militar profissionalizado, cónscio de que serve uma Pátria com um passado específico e cujo futuro ajudará a construir.»

Disse uma vez:

«Se não fosse militar seria padre ou médico.»

Ramalho Eanes é casado com Maria Manuela Neto Portugal e tem dois filhos, o mais novo dos quais nasceu durante o seu primeiro mandato como Presidente da República.

Hoje na televisão

TERÇA-FEIRA / DIA 14
No tempo de antena depois do Telejornal

MÁRIO SOARES

Compreender os Portugueses

UM PROGRAMA DE
ANTONIO PEDRO VASCONCELOS
MÁRIO BARROSO
E NUNO TEIXEIRA



COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

COMUNICACO

GREVE ANUNCIADA

PARA O PRÓXIMO DIA 15

Como é do conhecimento geral têm vindo a decorrer na Carris as negociações de Revisão do Acordo de Empresa.

Tendo constatado a impossibilidade de se chegar a acordo na fase de negociações directas, a Empresa decidiu requerer, nos termos da Lei em vigor, a passagem à fase de conciliação.

Procurando ir ao encontro dos legítimos anseios e direitos dos trabalhadores, a Comissão Administrativa da Carris deliberou processar, por acto de gestão e com efeitos desde o passado dia 1, um aumento cujo acréscimo médio na tabela salarial é de 17,5%.

Pensa a Comissão Administrativa ter contribuído, com esta decisão, para, por um lado, preservar o clima de paz social na Empresa e, por outro, fazer com que a fase das negociações que se vai seguir (conciliação) possa decorrer dentro de um ambiente de total normalidade.

É neste quadro que a Comissão Administrativa vem informar os utentes da cidade de Lisboa da existência de dois pré-avisos de greve na área do tráfego com o seguinte horário:

FESTRU	- 10.30 horas às 13 horas do dia 15.
SITRA	- 10.30 horas do dia 15 às 02.30 horas do dia 16.

A Empresa envidará todos os esforços no sentido de minimizar os efeitos das paralisações sobretudo nos eixos principais da cidade.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE BENAVENTE

ANÚNCIO

C.P. 197/85-2.ª sec.

No dia 31 de Janeiro de 1986, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de carta precatória acima indicados, vinda da Comarca de Vila da Feira, extraída dos autos de execução sumária n.º 80/83 que correm termos no 1.º Juízo-1.ª secção, em que é exequente Alves & Filhos, Lda. e executado António Luís Santa Bárbara, residente em Salvaterra de Magos, há-de ser posta em praça pela segunda vez, para se arrematar ao maior lance oferecido por metade do valor indicado no processo, uma sala de jantar século XVII do catálogo «H. Lemos n.º 104», composta de um móvel, seis cadeiras e uma mesa, em estado novo.

Benavente, 6 de Janeiro de 1986

A Juiz de Direito,

as) Maria Regina Costa de Almeida Rosa

A escrivã-adjunta,

as) Isabel Maria de Sousa Moreira da Silva Soares Roque

D.L. 14/1/1986

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo — 1.ª Secção nos autos de Acção de Despejo com n.º 3130, em que são autores, Maria José Gomes Cunha e Silva e marido, Rubem Macedo da Silva e réus, Ana Isabel Cunha Sales Gonçalves Vieira e marido, Pedro Manuel Seabra Rosa Vieira, com última residência conhecida na Quinta Paulo Jorge, lote 10-B-2.º Esq.º, em Carcavelos e actualmente ausentes em parte incerta, são estes citados para virem à tentativa de Conciliação dos autos acima referidos, designada para o dia 19 de Fevereiro de 1986, pelas 9h30, e ainda para, no prazo de cinco dias a contar da data da tentativa de conciliação e no caso desta se frustrar, contestarem querendo a referida acção.

Cascais, 8 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito

Jorge Frias Lourenço da Gama

O Escrivão Adjunto

Mário Alves Torres

D.L. 14/1/86 — 1.ª Pub



MEDICINAS ALTERNATIVAS CURSOS

Abertas as inscrições para os seguintes cursos:
ACUPUNCTURA * NATUROPATIA * QUIROPRAXIA
OSTEOPATIA * HOMEOPATIA * IRIDOLOGIA
* Professores especializados nacionais e estrangeiros *
INSCRIÇÕES

I.M.N. — Av. Praia da Vitória, n.º 18 — 1.º Esq. * LISBOA
Telefone 55 40 87

* Cursos homologados pelas associações de classe *

A presença das mulheres

A intervenção das mulheres na campanha presidencial em curso assume de dia para dia maior preponderância. Já não é só Lourdes Pintasilgo, a primeira mulher em Portugal a levar até ao fim uma candidatura presidencial, ou Manuela Eanes, mais uma vez à frente de uma caravana eleitoral, desta feita em apoio a Salgado Zenha, e que ainda na segunda-feira, porque o candidato teve de regressar a Lisboa antecipadamente, foi ela que cumpriu parte do itinerário previsto para ele.

Maria Barroso, mulher de Mário Soares, que já no primeiro tempo de antena deste candidato prendera as atenções pela força com que falou do marido no tempo de antena, surgiu ontem à frente de uma caravana eleitoral e a afirmar que não está

na política por ser mulher de quem é, «mas porque antes e depois do 25 de Abril sempre erguia a voz contra a miséria e o desrespeito pelos direitos do homem».

Ainda segunda-feira, outra mulher apoiante de Mário Soares, Maria Helena Carvalho dos Santos, evidenciou-se ao desafiar publicamente Manuela Eanes para um debate na televisão ou rádio, afirmando ser seu objectivo quebrar o «monólogo» da mulher do actual Presidente.

A candidatura de Mário Soares também ontem teve mais uma manifestação da importância que atribui a mobilização do eleitorado feminino, com o jantar do candidato com 300 mulheres na Cervejaria Trindade, em Lisboa.

Outra mulher especialmente activa nesta cam-

panha presidencial é a mandatária nacional de Freitas do Amaral, Agustina Bessa Luís, que quando a caravana passou ontem por Amarante, sua terra natal, fez uma intervenção de saudação à população e de evocação de Teixeira de Pascoaes, seu conterrâneo.

Muitas outras mulheres poderiam ser citadas pela sua participação activa nas candidaturas eleitorais. Ou, ainda, as localidades onde as mulheres têm sido a parcela dominante na recepção aos candidatos, a levantar-lhes questões, a por-lhes problemas, ou a traduzir esperanças.

A intervenção crescente das mulheres traduz, entre outras situações, a animação e vivacidade que a campanha para as presidenciais está a registar, quando ainda apenas se encontra cumprido o terceiro dia.



Há foguetes no ar

Eugenio Alves



BELEM
FREITAS
DO AMARAL

Bragança, 14 — «Às sete da manhã já cá andavam», contava-nos às onze da manhã de ontem, num largo de Penafiel, o quarteleiro dos bombeiros, António Fernandes, uma velha mangueira na mão, a queixar-se da falta de material e de instalações. Freitas do Amaral acabara a sua segunda intervenção do dia. Meia hora antes fora em Paredes. Trânsito igualmente interrompido e muita gente na rua apesar do dia de trabalho. O candidato terminara com a saída habitual, que os jornalistas já papagueiam de cor: «Muito bom dia, Muito obrigado a todos, um abraço de amizade, até ao dia da vitória». Mais tarde, em Amarante, Mesão Frio, Lamego, Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real e Bragança, o repetido esquema da necessidade de estabilidade, organização, liderança e o mote final: «não quero andar para trás, nem para a esquerda, nem para a direita, p'ra frente Portuguesa».

Em Amarante, já com Amândio de Azevedo, n.º 3 do PSD e deputado por Vila Real, o mandatário local lê uma mensagem de Agustina Bessa Luís, natural do concelho, com referências a Teixeira de Pascoaes, também amaran-tino. Menos gente que em Penafiel, mas o candidato seguro, mais triunfal, menos bipolarizador e a falar da necessidade de unir como PR todos os portugueses. E a referência sistemática à juventude (sempre presente em bom número) e ao problema da educação (não apenas técnica, mas cívica, moral, histórica e cultural)

como a grande prioridade do nosso país.

Traiano

Em Mesão Frio, vila triste, descaracterizada, com mamarachos a liquidar a antiga e larga alameda central, é beijado por três freiras do hospital. Sua mulher, sorriso simpático, atraente, sobe também para o estrado. Freitas ataca de novo Zenha. Poupa Soares: imobilista, não conhece os problemas, incapaz de tomar decisões, mas um democrata... Usa uma imagem nova: somos

um barco à deriva, cada um a remar para o seu lado, e o País não avança. Está-se na área do Marão. Aproveita: o desenvolvimento tem de chegar à província, os portugueses do interior têm os mesmos direitos que os restantes portugueses. Fala da CEE, conta que o dinheiro não vai cair do céu e lança o aforismo: «ajuda-te que eu te ajudarei». O mandatário de Mesão desafiara-o a visitar a vila quando e se eleito PR. «Cá estarei, se Deus quiser...», conclui com foguetes no ar.

Em Lamego, enorme caravana automóvel espera-o desde a ponte da Régua. Chega à Câmara, onde António Ferreira antigo membro do PSD mas eleito em Dezembro como autarca presidente pelo PRD, o recebe de braços abertos. «Auguro-lhe uma vitória extraordinária», diz o autarca PRD. É o espanto. Vai a pé pela rua até ao local do breve comício, repleto de jovens vindos há pouco do fim das aulas. «Não me candidatei por motivos ideológicos ou partidários», grita Freitas duma varanda.

Na Régua, Luís Fontoura e Carlos Macedo reaparecem na tribuna. É uma Câmara socialista. Uma faixa de Soares domina o largo do «meeting». «Quero dizer nesta terra que a candidatura de Zenha é também uma tentativa de destruir

o PS»... dois para o candidato da nova AD.

Em Santa Marta de Penaguião, o comício, com pouca gente, corre no largo 13 de Janeiro. É dia de feriado municipal. Traiano, jovem agricultor e nome de imperador, é voz isolada. «É sempre a mesma coisa, só vêm caçar votos ao povo». Freitas aperece-se do mal-estar. Fala da regionalização, da necessidade de modernizar a agricultura. Traiano, com jornalistas perto, aproveita: «Pois é, mas para o trabalhador da vinha, não se pagam feriados, não há 13.º mês, não há subsídio de férias».

Freitas fala da renovação que começou com as legislativas de Outubro, continuou em Dezembro e vai terminar em 26 de Janeiro. Traiano, sempre ele, não se cala: «Que grande renovação... e o trabalhador rural?» pergunta ainda.

Cavaco e Adriano

Em Vila Real repete-se a cena de Braga. Transferiu-se para a rua o comício, marcado para o Cine Teatro. Armando Moreira, autarca local, conhecido balsemista, está eufórico. Amândio de Azevedo intervém e dá o mesmo recado de Eurico de Melo na véspera: «O PSD está fortemente empenhado na candidatura do

professor Freitas do Amaral». Carlos Macedo fala também pela primeira vez. E fala da certeza na vitória.

Horas depois em Bragança, etapa final de ontem, há comício forte até cerca da meia-noite. Esperava-se Adriano Moreira. Não apareceu tal como no Porto, sábado, apesar de ter estado na cidade no Congresso da Juventude do CDS. Não apareceu ainda, desta vez no coração frio do Nordeste. Talvez dia 23 à noite, no Rossio, em Lisboa, etapa final da estafeta «P'ra Frente Portuguesa». Uma noite com Cavaco Silva (na campanha pela primeira vez) e Adriano Moreira a rodearem o candidato da direita? O palpite aqui fica.

Concluindo: Freitas correu ontem, é certo, por zonas fisís do seu eleitorado. Mas tem uma dinâmica muito forte a acompanhá-lo: uma dinâmica que espanta os próprios mentores da volta de Cavaco nas legislativas de Outubro. É a direita unida e decidida a ter o seu homem em Belém. Morreu uma vez mais o sonho socialista do bloco central? Pior: a esquerda, dividida, sem garra nem imaginação, corre o risco de uma profunda e traumatizante derrota. Uma longa travessia do deserto à vista?

Hoje corre-se de Macedo de Cavaleiros até à Guarda, com passagem por Viseu. Amanhã direi.

SIC

Freitas do Amaral:

«Os líderes dos partidos não têm que participar na campanha».
«O mais importante é transmitir a minha mensagem».
«Estou a ver, a sentir e a vibrar com tanta adesão popular».
«A candidatura de Salgado Zenha é também uma tentativa de destruição do PS».
«Os ataques pessoais deixam-os para os que não têm ideias nem projectos para Portugal».
«O Presidente deve ajudar o Governo a resolver os problemas do País».
«A educação é a prioridade das prioridades».

Lurdes Pintasilgo:

«O consenso não é senão o bom senso».
«Cada um deve pensar pela sua cabeça, escolher pelo seu coração».
Popular: «É ela que vai à segunda volta».
Popular: «É pena ela não desistir».
Uma Mulher: «Senhora ministra seja pela gente».
Fisher Lopes Pires: «Esta candidata é a última esperança de salvar os ideais de Abril».

Mário Soares:

«Os trabalhadores comunistas, como comunistas, não gostam de mim, mas como trabalhadores preferem-me ao Freitas do Amaral».
«Se há situações em que um homem fica confundido, é quando se encontra entre mulheres».
Maria Barroso referindo-se a Zenha: «Saiu à pressa do PS e tem vergonha da sua origem».
Referindo-se a Veloso: «É para fingir».
Uma criança referindo-se a Soares: «Este senhor é o PS».
Um trabalhador da Centrel: «Os meus filhos até me enforcavam se eu votasse neste gajo».
Soares para um taxista: «Se nós lá estivéssemos a gasolina tinha baixado».

Ángelo Veloso:

«A esquerda não tem força para eleger um candidato. A esquerda, no sentido organizado claro, é a APU, 900 mil votos».
«O que está em cima da mesa é que Lurdes Pintasilgo não tem possibilidade nenhuma, mas nenhuma, de ganhar».
«As sondagens são, neste momento, uma autêntica vigarice», «são encomendadas, feitas a martelo».
Sobre a intervenção de Maria Barroso no primeiro tempo de antena do marido: «Ela é uma grande actriz».
Participante no mesmo debate: «Ou a Maria de Lurdes Pintasilgo desiste, ou se não desiste vai ser um caso sério».
Mulher comunista: «Estou a olhar para a sala e vejo todos com ar preocupado, e mais do que preocupado pessimista».
Um militante do PC sobre Eanes: «A sua opinião não tem o mesmo peso que o Chico ou a Chica da esquina, por muito respeito que o Chico ou a Chica nos merecem».

Salgado Zenha:

«A máquina administrativa padece de todos os vícios de uma burocracia bloqueadora».
«As intervenções devem ser feitas antes das refeições».
«A corrupção é o meu combate principal».
Um trabalhador: «Sabe, há corrupção por toda a parte».
Um pescador: «Isto está muito mau».
«A sardinha portuguesa é a melhor do mundo».
«O 25 de Abril não é só termos liberdade, mas solidariedade e justiça social».



A intimidade é quem mais ordena

Áurea Sampaio



BELEM LURDES PINTASILGO

Há uma intimidade que se adivinha em cada aproximação, em cada gesto, em cada maneira de expor. Maria de Lourdes Pintasilgo, tenha a votação que tiver, pode congratular-se pela «relação especial» que consegue estabelecer com os seus concidadãos. Relacionamento que ela não cultiva porque surge tão espontâneo como aquele «gosto de olhar nos olhos» os que escutam e com ela se cruzam «numa vontade de lhes conhecer os problemas».

Diz isto quando sobre aos bancos dos jardins, ou do alto de um pequeno palco desmontável com quatro degraus que a comitiva transporta. Ontem, na volta pela zona norte do distrito de Lisboa, de Alenquer a Alhandra, foi do quotidiano que lhes falou, desfiando carências, apontando responsáveis. Desse «25 de Abril por cumprir», doze anos depois, «vividos como se fossem muitas décadas». Mas respira esperança, que ela «não é mulher para se deixar abater».

Solta gargalhadas ante os apelos que, refere, lhe são feitos para desistir. Recusa admitir que está só. «A minha candidatura nasce da vontade popular».

População que vem às ruas quando dá conta da caravana que atravessa até as mais recônditas localidades. O fenómeno são as mulheres. Transportam para ela os seus anseios, projectam-se nela, naquela mulher «importante» que «até quer ser presidente». Chamam-lhe a «D. Pintasilgo», «senhora ministra» ou fazem confusão dizendo que «logo que soube da sua candidatura à Assembleia da República decidi por si».

Em Alenquer, uma vendedora considerava-a, carinhosamente, «uma concorrente» porque se fartava de visitar as feiras. Ela aproveita para responder, no improviso, que nesses locais «se podia aprender a mistura de culturas e de classes sociais, os modos de vida dos cidadãos». Mais à frente uma outra oferece-lhe uma rosa de pano cuidadosamente embrulhada em celofane, produto das suas mãos, «feita especialmente para si, senhora engenheira».

Antes, na Câmara, o respectivo presidente e toda a vereação receberam-na na sede da

edilidade. Palavras de amizade para a candidata que, «apesar de não apoiar — é uma autarquia socialista — merece ser recebida porque é uma democrata».

«Gosto dela como da minha mãe»

Mais adiante, no Cercal, população à entrada da vila, «todos menos os que estão a trabalhar», recebe um ramo de flores do presidente da Junta da Assembleia de Freguesia, militante do PSD. Os homens descobrem a cabeça quando ela lhes estende a mão. Um gesto respeitoso, e olhos turvados, não se contém. «Gosto dela como da minha mãe».

Pintasilgo mete conversa com todos como é seu costume. Quer saber das actividades locais: «Sabe, sra. engenheira, o rei e a rainha ficavam aqui». Num gesto largo a velhota apontava para uma casa: «Dormiam ali, naquela pensão». E numa resignação: «Agora é uma tristeza».

Falam da falta de água e de esgotos na vila. Queixas que Lurdes Pintasilgo escuta com atenção. Diz que essas questões devem ser resolvidas pela Câmara, mas não deixa de acrescentar que um Presidente da República «não pode ficar indiferente».

Sempre acompanhada de Fisher Lopes Pires, apresentado como «um militar de Abril», a candidata vai percorrendo os concelhos rurais desta zona

Norte da capital. No Cadaval, o presidente da Câmara (PSD), entrega-lhe uma medalha. Ela retoma o discurso social. «Há quem diga que o Presidente não pode fazer nada. É mentira. O Presidente da República jura a

Constituição e tem de a fazer cumprir».

Fica para trás a Azambuja onde houve pausa para almoço. Pintasilgo come, como sempre, em casa particular. Segue-se Vila Franca, zona de forte implantação do Partido Comunista. Frente à Câmara, algumas centenas de pessoas escutam. Um desempregado com dois filhos a estudar havia-se dirigido momentos antes à candidata dizendo-lhe que se não conseguisse encontrar emprego iria mesmo roubar. Pintasilgo aproveita este caso «que não é isolado; há mais 500 mil».

Defende o seu projecto, o seu modo de estar caso venha a ocupar a Presidência. Mas «há quem nasça sempre velho, com ideias velhas». São os que querem manter tudo como está, mesmo quando tudo é diferente e os problemas necessitam de outras respostas.

Aponta a urgência da reconversão tecnológica, da valorização dos recursos humanos. Regressa ao nascimento da sua candidatura: as sondagens, o movimento de opinião e de apoio que se gerou à sua volta. Pergunta: «Então que cúpulas são essas que decidem que é outro que não eu que ganha as eleições?» Apela para que o medo seja «desinstalado das consciências». Nova interrogação: «Não é verdade que nesta democracia se diz que é o povo, quem mais ordena?».

«O espectáculo»

Uma saltada a Arruda dos Vinhos para, de seguida, se assistir ao «espectáculo» único na Europa, amargura de todos nós, sem resposta dos governantes.

O cenário é a DCP — fábrica de componentes electrónicos. São 530 os operários, esmagadora maioria mulheres. Os salários não são pagos há nove meses. Famílias inteiras a viverem do que lhe dão os outros, a esperança a impacientar-se depois de cinco propostas de contrato de viabilização metidas na gaveta de Ministérios e Governos.

Dezenas de operários aguardavam cá fora a engenheira. A conversa surge em catadupa. Todas querem desabafar. Uma que vive de uma pensão de miséria que o marido lhe deixou.

Outras que já não podem vir trabalhar porque não têm dinheiro para transportes. Casais que não aguentam a tensão.

Situação que ultrapassa as fronteiras da «dignidade humana», como diz Pintasilgo. «Um berço de embalar» como refere uma trabalhadora cansada de promessas, de idas e voltas aos gabinetes, às direcções-gerais de Lisboa.

A DCP é uma empresa única do género em Portugal, que fabrica material altamente sofisticado quase todo para exportação. Estava ligado a uma multinacional norte-te-americana, mais tarde substituída por interesses italianos. A má gestão foi acumulando dívidas que chegaram para levar a empresa à quase paralisação da actividade. Depois de muitas diligências foi conseguido um subsídio para manutenção dos postos de trabalho — cerca de 93 mil contos — concedido através da secretária de Estado do Emprego. Mas a verba foi bloqueada pois que, para a sua atribuição é exigida a consolidação do passivo existente. Neste momento, há perspectivas de viabilização, pois dois grupos económicos estão interessados em «agarrar» a empresa. Enquanto se negocia, a comissão de trabalhadores pretende que, pelo menos, seja libertada «uma tranche» do subsídio da SEE, para se pagarem os salários.

Aqui fica a «história» à atenção dos responsáveis. E uma pergunta: será possível deitar fora uma empresa destas?

O dia terminou em Alhandra. Comício fraco com muitos oradores. Beja Santos foi o mais inflamado, com muita comoção a falar da candidatura — «um projecto para a unidade da esquerda», da ofensa que se está a fazer e não pode ser feita ao eleitorado do PS e do PCP sob pena de «ser posta em perigo a democracia».

Kalidás Barreto, da CGTP, esgrimiou contra esta «democracia coxa» em que só se ouvem «palavras, palavras, palavras».

Pintasilgo em circuroso contudente atacou os candidatos de hoje que, enquanto governantes não prepararam devidamente o País para a modernização e a revolução tecnológica. Falou dos emigrantes e do «povo de muitas culturas» que somos. Na nossa capacidade de «inovar» e «transformar» de absorver.

Tempos de antena alteram programa

José Manuel Vilaca

BELEM



A campanha de Francisco Salgado Zenha esteve ontem praticamente parada, depois de ter sido anulada, por imperativos de programação a deslocação do candidato pelo litoral alentejano. Após curtas paragens em Loulé e em Albufeira e de um comício em Portimão, Salgado Zenha regressou de avião a Lisboa para gravar tempos de antena.

Manuela Eanes, que esteve no domingo à noite no comício em Faro do ZAP, fez parte do percurso previsto para Zenha, embora com grandes atrasos, superiores a quatro horas. Mas os principais comícios foram anulados — a mulher do presidente — estava também impedida, porque à noite realizou-se no Palácio de Belém um jantar de despedida oferecido por Eanes aos funcionários da Presidência, jantar marcado para o dia em que Eanes deveria ter abandonado as suas funções, se as últimas eleições legislativas e autárquicas não tivessem determinado o adiamento das presidenciais.

À noite Manuela Eanes também não cumpriu a sua prevista aparição na Casa do Alentejo, ao lado de Zenha, para jantar com funcionários públicos, médicos e professores apoiantes do ZAP.

Além do próprio candidato, personalidades como Henrique de Barros, Joana de Barros Baptista, Moradas Ferreira, prof. Barahona Fernandes,

conselheiro Hernâni Lencastre, Graça Fernandes e António Teodoro, ambos do Sindicato dos Professores e Rosa Marques, do Sindicato da Função Pública, sentaram-se na mesa da presidência. Além deles dois representantes partidários — Salvato Sampaio do MDP/CDE e Carlos Lilaia, do PRD.

Uma ementa composta por caldo verde, lombo de porco e arroz doce foi servida ao meio milhar de convivas que encheu duas das notáveis salas da Casa do Alentejo.

Muitos funcionários, nomeadamente da Assembleia da República, professores, magistrados do Ministério Público e médicos encontraram assim forma de manifestar em Lisboa o seu apoio à candidatura de Zenha.

Uma vez, provavelmente na maior parte dos casos, porque essa é a opção partidária, seja ela PRD ou PCP, outras por decisão própria.

«Não me importava nada de votar Pintasilgo», disse ao re-



pórter do «DL» uma das participantes no jantar. «Mas Zenha é o único que pode passar à segunda volta, porque tem o apoio do general Eanes», precisou para justificar a sua presença na Casa do Alentejo, afirmando a seguir que o seu objectivo essencial é «evitar a eleição de Freitas do Amaral».

O candidato, falando logo no princípio da refeição — costume que aprendeu na Noruega «porque assim se fala melhor» — reconheceu que «a máquina administrativa padece de todos os vícios de uma burocracia bloqueadora, geradora de mau estar entre os que a servem».

Condenou a política de excedentes, «que não é seguramente a mais ajustada perante a recessão que se verifica no

mercado de emprego» e acusou os responsáveis do Governo «que nunca demonstraram sensibilidade e vontade política para reconverter, em moldes modernos, realistas e eficientes a estrutura e os métodos da administração».

Zenha renovou também a defesa de uma administração «aberta», «que promova a transparência dos processos e acabe com o secretismo injustificado; que faculte a informação e o acesso dos cidadãos aos critérios e à formulação das decisões, quer do governo quer da administração».

Dirigindo-se aos médicos presentes, o candidato à Presidência da República recordou o projecto de Serviço Nacional de Saúde «promovido pelo meu bom amigo António Ar-

naut» e suscitou assim uma das maiores ovações da noite.

Aos professores, Zenha lembrou as esperanças decorrentes do 25 de Abril para o sector do ensino e admitiu que «nem sempre o seu entusiasmo (dos professores) teve correspondência na política educativa dos sucessivos governos, muito pelo contrário, muitas foram as dificuldades que se lhes depararam».

«O ensino, adiantou também, «tem de ser uma prioridade absoluta da acção governativa. Como presidente tudo farei para que os governos possam atacar de frente estas questões e disponham de condições para resolver estes problemas».

O outro orador, este no fim do jantar mas sem por isso fa-

lar pior, foi Henrique de Barros, mandatário nacional de Zenha.

Depois de historiar as suas relações com o candidato, que datam de há 40 anos (então entre o «jovem professor de Agronomia» e o «finalista de Direito»), fez o elogio de Salgado Zenha, salientando que ele é «independente e democrata».

«O candidato da direita unida é o seu adversário principal nestas eleições», disse também para a seguir insistir: «A reacção não é, entre nós, um mito. Há pouco mais de dez anos ainda estávamos a ser governados pelos herdeiros confessionalmente reaccionários do integralismo lusitano».

Visionando o futuro admitiu que «todos desejamos que o presidente Salgado Zenha desempenhe a sua missão em Belém como português e democrata, sem discriminar ninguém, tanto à sua direita como à sua esquerda».

Manuela Eanes enviou uma mensagem de saudação ao jantar que foi lida pela ex-presidente da Comissão da Condição Feminina, Joana de Barros Baptista.

Se não houver alterações do programa, ou seja se os serviços do ZAP não derem preferência à comunicação através da TV e da rádio sobre os contactos directos, Zenha estará hoje em Bragança, descendo depois até à Figueira da Foz, onde à noite se realiza um comício. Manuela Eanes acompanhará parte do percurso eleitoral do candidato.

Corrida a Belém termina no Pavilhão dos Desportos

José Manuel Saraiva

BELEM



O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, deverá participar e discursar no comício marcado para o dia 22 no Pavilhão dos Desportos de apoio à candidatura de Ângelo Veloso. Com esta manifestação política, o Partido Comunista dará seguramente por concluído o trabalho de esclarecimento efectuado ao longo da campanha junto dos seus militantes a favor da utilidade do voto em Francisco Salgado Zenha. Nos termos da lei, só são admitidas desistências às eleições para a Presidência da República até ao dia 23.

No comício do Pavilhão deverá pois ser anunciado o fim da corrida a Belém do candidato comunista e, de acordo com a principal conclusão da conferência nacional do partido realizada no dia 4 de Janeiro, proclamado o apelo sem reservas ao voto na pessoa do antigo dirigente socialista. Mas, enquanto chega e não chega esse dia, Ângelo Veloso e outros dirigentes comunistas vão-se desdobrando em inicia-

tivas políticas e participando em sessões de esclarecimento. Ainda ontem, em Lisboa, no café-encontro do cinema Alvalade, o candidato comunista falou a cerca de quatro dezenas de trabalhadores dos sectores públicos e de serviços.

Nesse encontro, Ângelo Veloso justificou uma vez mais a sua presença nesta corrida e uma vez mais apelou aos indecisos para votarem em Francisco Salgado Zenha, candidato

que necessita da «convergência democrática de três milhões e mais qualquer coisa» para ir à segunda volta.

A grande batalha

Uma falha de organização ia no entanto comprometendo a realização da iniciativa de ontem, cuja hora fora marcada erradamente, pelos serviços de apoio à candidatura de Ângelo Veloso em dois comunicados diferentes. A ausência de participantes no início da sessão, que acabou por durar cerca de duas horas apesar do número reduzido de pessoas, fez atrasar o encontro, durante o qual o candidato comunista prestou vários esclarecimentos sobre as razões por que o PCP apoia Zenha e não Lourdes Pintasilgo.

Segundo as palavras de Veloso, esta campanha eleitoral «exige uma grande batalha para eleger um democrata», «capaz de derrotar a direita».

No seu discurso, o candidato do PCP alertou no entanto para a possibilidade de Mário Soares conseguir a transferência de votos da direita. «Zenha é o candidato não por proximidade de opiniões, mas por um dever democrático que se coloca acima de concepções pessoais», acentuou o candidato a alguns participantes que falaram da «simpatia» de que desfruta Maria de Lourdes Pintasilgo junto do eleitorado comunista. Veloso afirmou porém que aquela candidata «não tem nenhuma possibilidade de ganhar as eleições», comparando-a até a Otelo Saraiva de Carvalho, que nas eleições de 1976, prometeu «esperanças, ilusões e o messianismo». Sobre os candidatos da direita, Ângelo Veloso disse que ambos (Freitas do Amaral e Mário Soares) «preconizam mudanças da lei eleitoral e do sistema económico» pondo assim os dois em perigo a vida portuguesa.

À margem

● A candidatura de Salgado Zenha apresentou queixa ao Conselho de Imprensa contra os jornais «O Dia» e «Primeiro de Janeiro». Os serviços de candidatura alegam que os referidos matutinos «se associaram, nas suas edições do dia 11, à campanha de calúnias do réu arrependido Macedo Correia, através da forma tendenciosa e manipulatória como divulgaram notícias referentes ao julgamento das auto-intituladas FP-25 de Abril».

● A mandatária nacional da candidatura à Presidência da República de Freitas do Amaral requereu ao Tribunal Constitucional a imediata suspensão do direito de antena atribuído ao «pseudocandidato» Ângelo Veloso. Bessa Luís fundamenta o requerimento num decreto-lei que estipula a atribuição dos tempos de antena «em condições de igualdade às diversas candidaturas». Para a mandatária de Freitas do Amaral, Ângelo Veloso utiliza o respectivo tempo de antena para apelar ao voto em outro candidato à Presidência, o que resulta numa «flagrante duplicação de utilização de tempos de antena».

● Quando Soares intervinha num debate na Faculdade de Economia de Lisboa, o chefe da comitiva chamou a atenção do candidato para a necessidade de se cumprirem os horários do programa. Soares interrompeu o seu discurso e disse aos estudantes: «Temos que nos despachar que o próximo ponto da minha agenda é muito simpático — trata-se de um jantar só com mulheres». Os estudantes soltaram gargalhadas. Quando se calaram Soares retorquiu: «Espero sair de lá vivo».

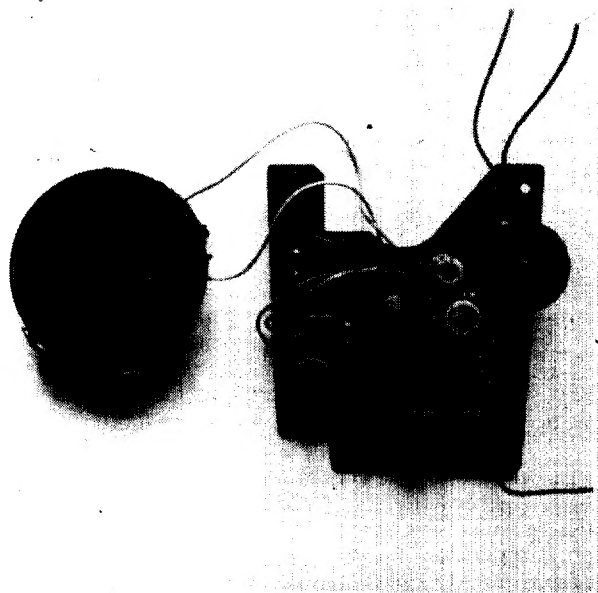
● O presidente da Câmara de Lamego, eleito pelo PRD, manifestou o seu apoio a Freitas do Amaral ao desejar-lhe «um êxito extraordinário» na corrida para Belém. Freitas do Amaral foi recebido na Câmara Municipal pelo seu presidente, António Ferreira, que participou também no almoço do candidato à Presidência da República com apoiantes.

Continua na pag. 8

À margem

Continuação da pág. 7

● Salgado Zenha foi saudado à porta do mercado de Albufeira por Helena Serra Santos, mulher do mandatário concelhio da candidatura de Mário Soares. Os mercados de Loulé e Albufeira e a loja de Portimão foram as últimas paragens de campanha de Salgado Zenha, que seguiu ao princípio da tarde para Lisboa para gravar tempos de antena.



● Os serviços de candidatura de Freitas do Amaral participaram às autoridades policiais a existência de um aparelho de escuta num telefone directo do candidato presidencial. O aparelho — «um pequeno transmissor, em frequência modulada, com um raio de acção de 300 metros» — foi detectado no sábado, depois de ter sido instalada uma linha directa, telefónica, para serviço do candidato e do seu secretariado, no gabinete pessoal de Freitas do Amaral.

● O pescador ouvia Salgado Zenha na loja de Portimão e entusiasmou-se quando ele disse que ia proteger a pesca: «Se é assim, pode contar com o meu voto». José Vieira, de 59 anos, é pescador «desde que nasceu», acha que muita coisa está mal no sector das pescas e não hesita em explicar ao candidato os problemas. «Isto está muito mau. Então já se viu pagarem-nos sardinha para farinha a 11 escudos o quilo e importarem da União Soviética peixe pior a 40 escudos?», diz, manifestando o seu desacordo.

● Soares, Zenha e Freitas do Amaral «falam, todos, a mesma linguagem» e «estão presos a um conceito de democracia dos tempos da Primeira República, do princípio do século», disse Lourdes Pintasilgo em Vila Franca de Xira.

● A juventude do Movimento de Apoio à Candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo à Presidência da República lançou um «manifesto aos jovens» no qual defende o aparecimento de «uma nova cultura política». Este manifesto foi divulgado numa conferência de Imprensa, promovida pelo sector de juventude do Movimento de Apoio à Candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo, saído do encontro nacional realizado a 7 de Dezembro, em Coimbra.

● «O povo português tem lucidez suficiente para saber o que isso significa» — afirmou Lourdes Pintasilgo à Anop sobre o aparecimento de Ramalho Eanes no tempo de Salgado Zenha. Lourdes Pintasilgo dispensou-se assim de fazer, ela própria, qualquer comentário sobre o assunto.

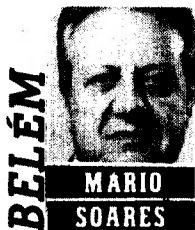
● Os líderes do PSD e CDS só deverão participar na campanha de Freitas do Amaral «a título excepcional», disse à agência NP fonte da candidatura. Cavaco Silva já declarou anteriormente que só se envolveria na campanha caso Ramalho Eanes participasse na campanha de Salgado Zenha.

● Maria Barroso disse em Portalegre que o seu marido Mário Soares é «o único candidato do consenso», sendo capaz de «acabar com a guerrilha presidencial que se tem mantido ao longo dos últimos dez anos em Portugal». «Ele é capaz de estimular a acção do Governo», afirmou.

● Cegos e surdos tiveram oportunidade de «ver» e «ouvir» Mário Soares quando foram surpreendidos pela sua visita num lar para cegos em Campo de Ourique. Doses de beijos e abraços, a mistura com alguma indiferença e vivas de entusiasmo foi o balanço da visita que Soares fez hoje ao bairro de Campo de Ourique, programa de campanha que Soares não deixou de considerar «pouco atractivo» em termos de impacto eleitoral.

Entre as mulheres sem trincar a maçã

Augusto Vilela



BELEM
MÁRIO
SOARES

Foi entre as mulheres que Mário Soares teve ontem o seu ponto alto da campanha, já que a visita a alguns bairros pobres de Lisboa tem um significado diferente. Perante a miséria gritante que em alguns deles se vive a presença de um político acaba por ter mais o carácter de uma tomada de consciência do que propriamente uma acção de propaganda eleitoral. Nestes bairros Mário Soares ouviu as queixas e lamentações e os apelos de muita gente a que a tirassem dali. Não menos dramático será o facto dessas pessoas, na maioria dos casos, não terem a mínima consciência dos mecanismos que as tiram para a miséria.

«Marocas» entre as mulheres

O «Marocas». «Aqui está ele!», foi com expressões deste tipo, num ambiente informal e alegre, que Soares foi recebido na Trindade para um jantar oferecido por mulheres. Eram cerca de duas centenas, formando uma massa apoiante heterogênea, que englobava mulheres como Clara Junqueiro, Maria Belo, Hermínia Silva, Sofia de Melo Breyner, entre outras, por exemplo. Hermínia cantou quadras soltas populares (Oh meu povo português / santo de tantos altares / façam cá como a Hermínia / votem no Mário Soares). A poetisa citando Paul Éluard, a propósito da alegria que, afirmou ela, Mário Soares sempre evidenciou «mesmo nos momentos mais difíceis da oposição».

Maria Antónia Palla, uma das promotoras do jantar, fez uma curta intervenção a explicar que a escolha da Trindade tinha um motivo especial: «as cervejarias têm sido até hoje ponto de encontro reservado aos homens, o que é preciso mudar». Ofereceu depois duas maçãs (verdes) a Mário Soares, presas com fitas de várias cores, umas simbolizando o feminismo, outras as cores da campanha.

Aquela jornalista e apoiante de Mário Soares disse ainda, em determinada passagem da sua intervenção, que «só a liberdade e a segurança podem permitir que a igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres — consagrados na lei — se tornem vida». Maria Antónia Palla explicou depois o significado das cores daquelas fitas: lilás representa o feminismo, vermelho as mulheres socialistas e amarelo as apoiantes do MASP.

O ambiente ia entretanto aquecendo com quadras populares cantadas em coro, desde o Malhão ao Vira do Minho.

Maria Antónia Palla disse a certa altura que esperava que quando estivesse em Belém Soares se lembrasse destas maçãs «para nos ajudar a regressar ao paraíso».

No paraíso parecia Mário Soares, rouco e cansado, mas cada vez a esquecer mais esse

cansaço de uma intensa peregrinação pelos bairros de Lisboa. Não lhe faltou no momento próprio energia para um curto «speech» adequado às circunstâncias.

«Se há situações em que um homem se sente confundido — disse — é naturalmente entre as mulheres. A Maria Antónia condicionou-me. Deu-me uma maçã para eu dar uma dentada. Mas não sei se ouse. É certo que a minha mulher está em Portalegre. Mas ela, que me tem sempre um pouco em liberdade vigiada, mandou a minha filha».

Muito breve, reflexo evidente do desgaste físico que a campanha está a provocar, Soares disse ainda que, «se

não houvesse mais nada nestas eleições, havia esta festa, este convívio, esta liberdade».

Houve depois quadras soltas, muitas espontâneas, outras adaptadas, como esta: «Os olhos do Máriozinho, são verdes cor de limão, ai sim Máriozinho ai sim, ai não Máriozinho ai não». Ou como esta: «O meu nome é Marocas, e nasci para governar, com o apoio das mulheres, hei-de chegar a Belém». Esta não rima mas rima uma outra de Hermínia Silva: «Eu sou filha de cantor, neta de quem canta bem, por isso aprendi a música, pra te levar a Belém».

O «neo-realismo português»

O contraponto disto tudo foi porém, durante o dia, a volta de Soares por Lisboa. Começou na Centrel onde o presidente do conselho de administração, Rocha de Matos, esteve ausente por impossibilidade de desmarcar compromissos anteriormente assumidos. Foi especialmente bem recebido pelas mulheres e ouviu do administrador Pires de Matos palavras de apreensão quanto ao futuro da empresa, cujo projecto, segundo aquele responsável, «está profundamente ameaçado pela indiferença do

poder político em Portugal», e a má notícia de que a Centrel está na iminência de reduzir os postos de trabalho a metade.

Soares respondeu que a situação desta empresa resultou do rompimento da coligação do bloco central e do consequente congelamento do processo de digitalização da rede telefónica — o candidato visitou depois o Bairro Chinês, em Marvila, que alberga mais de 20 mil pessoas em centenas de barracas.

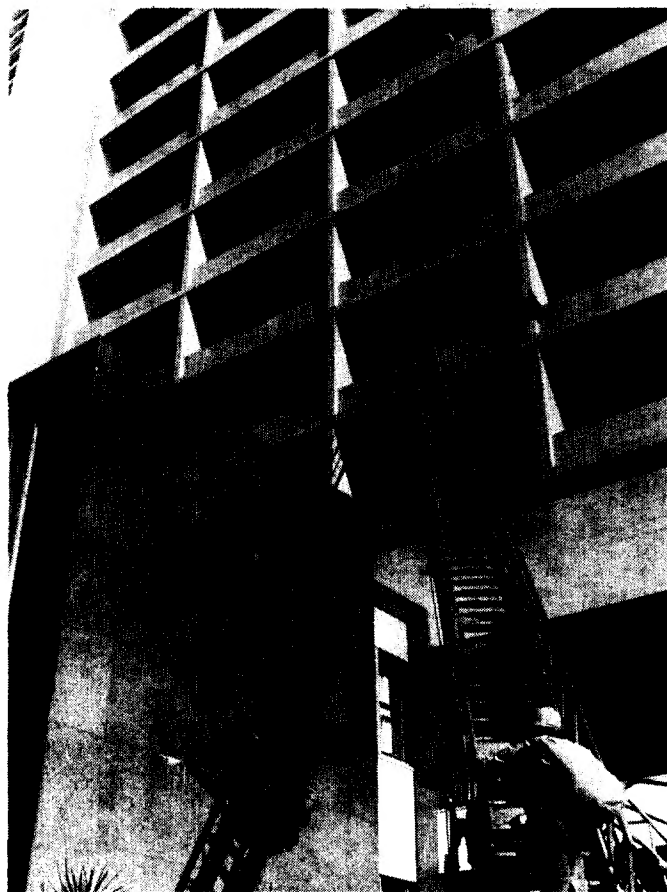
«Estamos na Europa. Isto é uma coisa que envergonha a todos», disse Soares mas «com a nossa entrada na CEE estou certo de que, dentro de cinco anos, o problema das barracas estará erradicado em Portugal».

Queixas, súplicas, pedidos de auxílio, de tudo ouviu Soares num quadro idêntico com todos os visitantes que de qualquer modo representem ou possam a vir representar o poder, e que se repete há muito.

Da parte de tarde Mário Soares esteve em Campo de Ourique, visitou o Centro Comercial das Amoreiras e teve um debate com estudantes do ISE.

Hoje o candidato iniciou a sua digressão pela região do Oeste a começar em Torres Vedras.





Bombeiros «salvam» hóspedes no Hotel Ritz

Inserido na "1ª Semana

de Prevenção Contra Incêndios"

Hotel Ritz foi palco de simulacro de incêndio

A meio da manhã de ontem, quem passou pelo Hotel Ritz, em Lisboa, pensou que o edifício estava a arder ao vê-lo cercado por carros de Bombeiros, mangueiras e homens que em verdadeira azáfama «salvavam» hóspedes. Tratou-se do quarto exercício da 1.ª Semana Nacional de Prevenção Contra Incêndios, levada a cabo pelo Serviço Nacional de Bombeiros e Liga Nacional de Bombeiros.

Cerca das 11 e 15, o dispositivo de incêndio do hotel desapareceu. Sete minutos depois, um verdadeiro cortejo de carros de Bombeiros — dez viaturas e duas ambulâncias — e 60 homens do Batalhão de Sapadores de Bombeiros e dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique chegaram ao local. Motivo: uma bomba tinha rebentado no quarto 219 daquela unidade hoteleira, destruindo a parede e propagando o fogo ao quarto 220.

Gera-se o pânico entre os hóspedes e é preciso proceder à evacuação das pessoas bloqueadas naquela área coberta de fumo.

O salvamento

«O simulacro não foi muito preparado, para que tudo tivesse o máximo realismo», afirmou o major Matos da Silveira, que comandava as operações através de «walky-talkies», que acrescentou: «A sobrevivência dos hóspedes e empregados começa na necessidade de evitar o pânico e no estudo das possibilidades de fuga do edifício», salientando ainda que seriam ne-

cessários mais exercícios deste tipo.

Os 60 bombeiros, com a ajuda das dez viaturas — uma escada hidráulica que actua como grua, duas automacas, dois pronto-socorro, duas escadas mecânicas — começaram logo o salvamento dos hóspedes.

No momento, registavam-se dois mortos e uma senhora gravemente ferida, para além de cerca de uma dezena de pessoas bloqueadas pelas chamas.

O salvamento foi feito rapidamente, retirando-se dois hóspedes através do sistema de cinto, enquanto outros dois eram «atirados» pela manga de salvação por dois bombeiros que subiram até ao quarto em chamas.

Na varanda lateral do edifício, dez outros hóspedes eram salvos através da plataforma hidráulica.

Actuação rápida

Entretanto, uma senhora, em estado grave, recebia cuidados na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, e às 11 e 40 seguia para o hospital, a soro.

«A operação corre bem», foi o balanço feito pelo comandante das operações, o major Matos da Silveira, quando, perto do meio-dia, o salvamento chegava ao fim.

A 1.ª Semana Nacional de Prevenção Contra Incêndios, na qual se integrou este simulacro de incêndio no Hotel Ritz, termina hoje com um exercício na Petroquímica.

Afinal o "Poeta" continua a "cantar" em Monsanto

Réu "arrependido" volta a arrepender-se...

O réu «arrependido» Macedo Correia voltou a «arrepender-se» e continuou ontem a prestar declarações no Tribunal de Monsanto, ao contrário do que anunciara na passada sexta-feira, aquando da discussão travada com o juiz-vogal Ricardo, que o acusara de vir a julgamento «passar» recados.

«Reservo-me o direito de interromper o meu depoimento se voltar a ser achincalhado como na última sessão» — desenrascou-se o «arrependido» quando, no início da sessão de ontem, o juiz-presidente o inquiriu sobre a disponibilidade para declarações.

Depois foi o espectáculo do costume: Macedo Correia continuou a «cantar» o que é preciso que «cante». Respondendo à acusação, que ontem terminou o seu inquérito, o «Poeta», entre muitas outras coisas, afirmou que os réus Otelo Saraiva de Carvalho, Mouta Lis e Francisco Marques eram os responsá-

veis das FP-25 que geriam os fundos que estas recebiam do País Basco, Argélia, Líbia e Iraque.

De acordo com as suas declarações os fundos eram canalizados através de uma empresa comercial ligada à organização e por «meios diplomáticos». Por outro lado, disse, a Direcção Político-Militar (DPM) do Projecto Global é que decidia sobre a movimentação desses valores.

Mais «esclarecimentos»

Grande parte da sessão de ontem foi preenchida com os «esclarecimentos» de Macedo Correia sobre 24 co-

-arguidos, a somar aos sete sobre quem já depusera anteriormente.

«Não me recordo, não estou a vê-lo» — disse o «arrependido» sobre alguns, mas nestes casos identificou-os por fotografias das respectivas fichas policiais de identificação. Instado pela acusação, Macedo Correia esclareceu também o procurador da República, Teodósio Jacinto, sobre parágrafos dos dois cadernos, de capas preta e verde, apreendidos a Otelo Saraiva de Carvalho na «Operação Orion» da PJ, em Julho de 84.

Dos 24 co-arguidos citados, vários foram dados pelo declarante como membros das estruturas clandestinas do Projecto Global de Otelo — estruturas essas sempre identificadas pelo «Poeta»

como sendo as próprias FP's.

Os réus José Sequeira Linhas, João Gomes e Júlio Lopes de Castro foram alguns dos apontados por Macedo Correia como elementos de ligação da FUP com a ECA (Estrutura Civil Armada), esta sinónimo, no seu dizer, das FP-25.

Por outro lado, Macedo Correia disse ainda que as FP-25 planearam atacar «os grandes grupos económicos», nomeadamente os Mellos.

Confrontado com um passo dos cadernos apreendidos a Otelo Saraiva de Carvalho onde se sublinha a «necessidade de ataque» aos referidos grupos, o «arrependido» disse ter estado previsto em 1982 «mandar uma rajada para as pernas de um administrador de uma empresa do Norte ligada aos Mellos».

Em documento ontem entregue em Coimbra

Médicos e estudantes de Medicina expressaram preocupação à ministra

Jovens médicos e estudantes de medicina entregaram ontem em Coimbra à ministra da Saúde um documento expressando a sua preocupação face à situação da regulamentação do internato geral.

O documento lamenta «os atrasos verificados no início do internato geral 86/87, o não cumprimento dos prazos da lei em vigor e o «desemprego forçado» a que os jovens médicos estão a ser obrigados».

Os subscritores defendem a conclusão do processo de colocações já iniciado, com a aplicação da legislação em vigor à data de abertura do concurso.

Consideram, ainda, inaceitável que a regulamentação do internato geral seja feita anualmente pelo Ministério da Saúde, «num processo arbitrário» que, sustentam, «criará um clima de incerteza para todos os futuros licenciados em medicina».

No documento entregue a Leonor Beleza, jovens médicos e estudantes manifestam discordância com a designação de «subsídio» que alegadamente se pretende atribuir à sua remunera-

ção e defendem «a manutenção de todos os direitos actualmente atribuídos aos internos gerais».

Cerca de 150 candidatos ao internato geral e alunos do sexto ano da Faculdade de Medicina de Coimbra decidiram, entretanto, concentrar-se terça-feira frente ao Ministério da Saúde, juntamente com colegas de Lisboa e do Porto.

Uma deslocação do Presidente da República a Coimbra, terça-feira à tarde, será aproveitada por jovens médicos e alunos de medicina para o sensibilizarem para o problema.

Jovens médicos e estudantes reclamam o diálogo com o Ministério da Saúde e sublinham que as concentrações planeadas «não se destinam a garantir um emprego na Função Pública».

Entre os alunos da Faculdade de Medicina de Coimbra circula um abaixo-assinado que defende, nomeadamente, «a garantia de colocação, após o internato geral, no grau seguinte das carreiras médicas».

O mesmo abaixo-assinado preconiza a definição do inter-

nato geral como primeiro grau das carreiras médicas, dentro dos princípios da actual legislação.

Entretanto, a comissão académica da Juventude Social-Democrata de Lisboa considerou que «é infeliz a aprovação recente de um decreto-lei que atribui» aos médicos internos gerais um subsídio de montante não especificado.

Aquela estrutura estudantil da JSD afirmou que «está, no entanto, certa que o actual Governo saberá encontrar forma de garantir aos jovens médicos os direitos sociais devidos».

Entretanto, a Juventude do ZAP (Zenha à Presidência) apoia a manifestação que a comissão nacional de médicos candidatos ao internato geral promove hoje, junto do Ministério da Saúde.

A juventude do ZAP considerou que a atribuição de um subsídio de montante não especificado aos médicos internos pelo Ministério da Saúde traduz-se «na perda de regalias já alcançadas, nomeadamente o ordenado regular».

Rádio Universidade Tejo

— um contacto

académico

com a cidade

de Lisboa

Divulgar as actividades universitárias dos estudantes na área do conselho de Lisboa é o objectivo da Rádio Universidade Tejo (RUT) que iniciou as suas emissões a partir do corrente mês de Janeiro.

O projecto Rádio Universidade Tejo, promovido por 14 Associações de Estudantes das Universidades Técnica, Clássica e Nova, foi recentemente apresentado em Lisboa durante uma conferência de imprensa.

Segundo os seus promotores, a Rádio Universidade Tejo terá uma audiência de «algumas centenas de milhares de pessoas e terá em cada Faculdade um circuito fechado de audição em bares, cantinas e salas de convívio».

Atingir uma audição de 10 mil pessoas/dia é outro dos objectivos da RUT, que conta já com o apoio dos Reitores das três Universidades e da Câmara Municipal de Lisboa.

«Promover a ligação da Academia à cidade de Lisboa e colaborar com as autoridades académicas e estatais no desenvolvimento da autonomia da Universidade e do prestígio da Academia» são princípios enumerados nos estatutos de constituição da rádio.

A RUT defende ainda a total independência política e o respeito pelas regras da democracia e pelas opiniões universitárias.

Aconteceu esta manhã na fronteira de Caia

“Pepe Vultus” falou ao “DL” ao entrar em Espanha

Manuel Geraldo

Ao percorrer os treze quilómetros que o separavam de Elvas à fronteira de Caia, o «poeta» — novilheiro José Vultus Sequeira («Pepe Vultus»), entrou esta manhã em Espanha concluindo assim a primeira fase da aventura iniciada ao meio-dia do passado dia 5 (um domingo), à porta do Campo Pequeno, e destinada a conduzi-lo à praça madrilena de Las Ventas, onde reivindica apresentar-se como matador de toiros.

Em Caia, a caminho de Badajoz, onde irá passar a noite, contactámos com o novilheiro de Mora, a quem colocámos algumas questões relacionadas com estes dez dias de caminhada, em que tem sido seguido por Miguel Cardenas, seu inesperado companheiro de viagem desde Lisboa e também ele guiado pelo mesmo sonho.

«Pepe Vultus» começou por referir-se a grande cadeia de solidariedade que tem vindo a encontrar ao longo do percurso, sobretudo da parte das corporações de bombeiros locais que lhe têm proporcionado alojamento e alimentação, cedendo-lhe ainda as suas instalações para os treinos de ginástica e de preparação taurumáquica. «O comandante dos bombeiros de Montemor, sr. José Capelo Reis — referiu «Pepe Vultus» — levou-me mesmo a jantar em sua casa».

Mas para o autor de «Lição das Coisas» essa cadeia de solidariedade tem sido extensiva as pessoas anónimas, que o saudam na estrada, aos seus antigos companheiros da E.P.A.L., que já organizaram uma excursão para lhe dar apoio directo, e aos elementos da sua tertulia na «Casa do Alentejo», que no passado domingo estiveram presentes em força na vila de Borba, liderados por Carlos Fialho, dirigente daquela agremiação regionalista.

A posição da Associação de Poetas

Perguntámos a «Pepe Vultus» se não teme que a sua aventura se venha a transformar num fracasso, caso o povo espanhol, e sobretudo os seus representantes taurumáquicos (ganaderos e empresários) lhe retirem o apoio. O novilheiro português respondeu-nos que para ele não se coloca tal questão pois, pelo que sabe do país vizinho e pelo que tem lido na imprensa espanhola a seu respeito, espera contar «com a mais ampla abertura e compreensão para que possa vir a triunfar na pátria e na arte de Manolete».

No que diz respeito a Portugal, e a propósito do convite que lhe foi endereçado pelo empre-

sário, e antigo matador de toiros, Fernando Santos, para que venha a actuar no Campo Pequeno, «Pepe Vultus» disse que ficou «sensibilizado com o convite», mas que só o irá aceitar se vier «a triunfar totalmente na catedral do toureio mundial, que é a Monumental de Madrid».

Mas sendo o toureio uma actividade controversa, já que implica a violência, e mesmo a morte, sobre um ser vivo, é natural que a aventura, e reivindicação, de Vultus Sequeira, partindo ela sobretudo de um poeta, já esteja a ser alvo de críticas em certos meios ecológicos e intelectuais. A propósito mostrámos a «Pepe Vultus» um recorte do «DP» do passado dia 9, no qual vinha transcrita a posição da Associação Portuguesa de Poetas, (APP) que acusava a dado passo: «É inadmissível que um indivíduo, escritor, que se diz defensor acervo dos direitos à vida, não violência e paz, se proponha tourear, ofendendo frontalmente os direitos e deveres que o mesmo deveria sentir em face da vida, já que a tourada não é mais do que um incitamento à sanguinolência, enturecimento e a dor daí proveniente».

Confrontado com as críticas da APP respondeu-nos Vultus Sequeira: «Em primeiro lugar não sei se essa associação existe de facto, pois nunca ouvira falar dela e eu sou membro da Associação Portuguesa de Escritores. No entanto, e em meu entender, não há contradição entre a poesia e o toureio: são duas formas de arte, de expressar a condição humana. Violência e contradição são a fome e a falta de cultura. Isso é que é alienação. Aliás como dizia Leônidas, rei espartano, «só se pode compreender a Vida quando se enfrenta a Morte». E eu quero compreender a Vida na sua plenitude, pois só assim atingirei o cume da poesia. Por outro lado, penso que, por exemplo, Frederico Garcia Lorca, Hemingway ou Alves Redol, não deixaram de ser grandes vultos da cultura contemporânea pelo facto de gostarem de touradas».



José Vultus Sequeira («Pepe Vultus»): uma aventura controversa

Ouvindo Miguel Cardenas

Aproveitámos a oportunidade para ouvir Miguel Cardenas, o companheiro de caminhada de «Pepe Vultus», que, pelo facto de ter os pés bastante maltratados, poderá ter de vir a desistir de alcançar Madrid. Ao que nos disse nasceu na Colômbia e está naturalizado espanhol, tendo chegado a tourear ao lado de El Cordobés e escrito cinco novelas, ainda não publicadas, e baseadas na sua experiência taurumáquica, a última das quais intitulada «Las Cornadas Mortales».

Vivendo em Denia (Alicante) Miguel Cardenas é hoje «um dos dois milhões de desempregados em Espanha», pensando que, para voltar às praças como uma figura de cartaz, terá de «arrimar-se, arrimar-se, arrimar-se», pois, e aqui citou Shakespeare, «é graça das idades que os loucos sirvam de guia de cegos aos cordatos».

A finalizar, Miguel Cardenas expressou-nos a sua opinião sobre «Pepe Vultus»: «Um personagem com um grande sentimento trágico da existência, a que une uma grande dimensão humana. É um idealista, limpo e puro. Um D. Quixote deste século».

Explosão na Amadora vitimou operário

Um operário morto e um outro em estado grave foi o trágico balanço de uma violenta explosão ocorrida, pelas 15 e 30 de ontem, na fábrica de borracha Bis, na Venda Nova, Amadora. Manuel Francisco Rosado Ramalho, de 34 anos, casado, a vítima mortal, e António Ramos Duarte, de 38, que deu entrada no Hospital de S. José, foram atingidos pela explosão de uma caldeira de vapor quando estavam a trabalhar uma máquina de gomar tela. De acordo com os bombeiros da Amadora, que estiveram no local, a fábrica não possui as mínimas condições de segurança, tendo já ali ocorrido vários incêndios em restos de borracha, devido à falta de cuidado no seu armazenamento. Manuel Ramalho residia na Amadora e deixa dois filhos órfãos.

Casal alemão provoca incêndio

Em Lagos, um casal alemão provocou, ao princípio desta madrugada, um incêndio no quarto do hotel onde está hospedado, ao deitar-se deixando a lareira acesa. Um porta-voz dos bombeiros locais, que extinguíram o fogo, disse que a lareira não obedecia às normas de segurança exigidas por lei.

Uma das colunas do boletim tinha a “chave” certa

Coveiro de Santo Tirso falsificou o Totoloto

Confirmaram-se as previsões dos escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia, que ontem publicámos, de acordo com as quais nenhum apostador acertara na «chave» respeitante à última edição do Totoloto, não se confirmando assim a existência de um totalista na pessoa do coveiro Carlos Alberto Pinheiro, de 50 anos, que, na tarde de domingo, se apresentara numa agência em Santo Tirso, dizendo ter seis números certos e apresentando um boletim em que tal facto era confirmado.

Confrontado com o boletim, Joaquim Mário Carneiro, o encarregado da agência, comunicou ontem de manhã o facto ao Totoloto em Lisboa, de onde lhe

disseram que o computador não acusava nenhum totalista pelo que deveria comparar o recibo com os químicos a fim de verificar se havia algum erro.

Feita a comparação, o encarregado da agência constatou que no químico, a segunda coluna de apostas fora deixada em branco, prova de que o recibo de Carlos Pinheiro, que agora ameaça suicidar-se, fora falsificado depois da entrega e logo que conhecidos os resultados.

A hipótese de o falso seis «ter sido preenchido por brincadeira no recibo de Carlos Pinheiro por algum amigo do Governo» foi levantada pelos donos do pequeno estabelecimento de electrodomésticos onde está a agência de Totoloto.

«Se há alguém que merecia ganhar aquele dinheiro, o Carlos Pinheiro é um deles» — disse o encarregado da agência, sublinhando que o coveiro é uma pessoa «que vive na miséria, é cego de uma vista e a quem esta história abalou muito os nervos».

O falso seis de Carlos Pinheiro fora aliás motivo de uma reportagem, ontem transmitida pela RTP/Norte e de uma entrevista à RDP/Antena UM.

Os serviços de Apostas Mútuas da Santa Casa da Misericórdia afirmaram que se Carlos Pinheiro quisesse que o caso vá para tribunal terá que preencher um boletim de reclamações, o que o coveiro ainda não fez conforme disse.

Mário
Castrim



SENHOR Carlos Lopes, escrevo-lhe para você me explicar uma coisa. É um favor que lhe peço porque o senhor não tem nenhuma obrigação de responder a quem quer que seja e muito menos a quem quer que não seja. Como será provavelmente o meu caso. Trata-se do seguinte. Acabo de o ver na televisão e eu, ao princípio, pela voz do apresentador e pelo estranho clima das imagens, até cheguei a pensar que era um filme de terror, desses que passam nos programas infantis. Só depois percebi que tudo se passava na corrida de S. Silvestre que você não ganhou — e os meus sinceros parabéns por isso. Você estava muito zangado porque ao longo da corrida o povo lhe chamou muitos nomes. Acredito que seriam nomes pouco agradáveis de ouvir. Você diz que mais ou menos sabe porque o injuriavam, eu é que não faço a ideia mais minimizinha, tão do mundo mais minino longe. Escrevo-lhe pelo seguinte. Eu só o conheço pela televisão. Liga-nos o cordão do patriotismo, com pesado débito para a minha conta, pois você nada ganha com as minhas pestanas queimadas à luz eléctrica e eu gozo que me farto com as suas glórias. Não há manco em Portugal que se não sinta orgulhoso com as pernas do Carlos Lopes. Ora além de correr, sempre o ouvi falar na televisão. Aliás, você gosta tanto de dar à perna como de dar à língua, esquecendo-se talvez que pela boca morre o peixe. Pois sempre na televisão eu o ouvi dizer a) que não era político; b) que não se interessava pela política; e c), que não percebia nada de política. Vejo-o agora dando voz política. Posso concluir que já se interessa pela política e que já é político. Mas você, há pouco tempo, não percebia nada de política; então agora já percebe... Caramba!, você quer dizer-me onde frequentou o curso de formação acelerada? Por favor diga-me, porque eu também queria. Há-os de serralheiro, electricista e canalizador, mas não interessam. Quero o de político. Com esse curso e um certo patuá, uma pessoa já se desenrasca. O que é preciso é fazer pela vidinha. Não é assim, ô Lopes?

PJ está a investigar caso das "Páginas Amarelas"

A Polícia Judiciária vai averiguar o caso dos «documentos forjados por desconhecidos pretensamente relativos a pessoas e factos ligados aos CTT e TLP», disse à Anop o responsável do gabinete de Imprensa da empresa. Um comunicado do Conselho de Gerência dos CTT e TLP divulgado na quinta-feira refere, que foi recebido um telex pela ITT World Directories, «expedido da Estação dos CTT dos Restauradores, em Lisboa, no qual se insinuam pretensas irregularidades de consulta para a edição e publicação das listas telefónicas».

Essas insinuações, refere o comunicado, indicam que as irregularidades teriam sido praticadas por parte «presumivelmente interessada que não os CTT e TLP», e que a administração teve conhecimento da sua existência depois de ter sido alertada pela ITT.

Uma fonte ligada ao processo disse que o telex, que classificou como «apócrifo», foi enviado à ITT em Nova Iorque, e que o texto «pretendia insinuar uma tentativa de suborno por parte de um representante da ITT em Portugal, ligado à Imprimarte».

A assinatura do telex, disse a mesma fonte, «pretendia associar o nome de um assessor jurídico dos CTT e TLP com o autor do mesmo e insinuar que este estaria preocupado com o facto de o representante da ITT estar a tentar subornar o conselho de gerência».

O telex, segundo a mesma fonte, «foi enviado por um des-

conhecido, que deixou nos registos o nome falso de uma mulher e a morada de um andar devoluto».

Pouco depois de ter tomado conhecimento do telex, acrescentou a mesma fonte, a administração dos CTT e TLP recebeu anonimamente, pelo correio, fotocópias de documentos «forjados que pretendem incriminar uma das pessoas envolvidas».

A Administração dos CTT e TLP afirmou que não se pronunciaria sobre o conteúdo do telex porque «não tem que se pronunciar sobre um documento que diz respeito a outra entidade», disse Maria Amália, responsável do gabinete de Imprensa da empresa.

O Conselho de Gerência da Imprimarte parece ter a mesma posição relativamente ao conteúdo do referido telex.

Manuel Pereira, responsável do Gabinete de Relações Públicas da Imprimarte, disse por sua

vez que não se pronunciaria sobre o seu conteúdo uma vez que «ele foi entregue aos CTT/TLP pela ITT».

O processo de escolha do novo contractante para a edição das listas telefónicas começou em Maio de 1985, quando a Administração dos CTT e TLP decidiu abrir consultas a outras empresas, de forma a negociar melhores condições para si.

Entre as sete empresas consultadas para o efeito apenas duas apresentaram propostas — a ATT/Phillips e a INAPA/Ámbar.

A ITT que também havia sido consultada decidiu não apresentar qualquer proposta e reivindicar direito de preferência.

Esse direito reivindicado pela ITT está relacionado com uma cláusula do contracto assinado entre a Imprimarte e os CTT e TLP, em 1977, na qual se estabelece que a primeira terá direito a cobrir as propostas apresentadas por qualquer concorrente em próximas consultas.

O direito de preferência reivindicado pela ITT conduziu a uma reacção de um dos concorrentes — a INAPA/Ámbar que tem já pareceres negativos sobre essa matéria, de cerca de 13 professores catedráticos da Faculdade de Direito.

Vasco Pessanha, presidente do conselho de administração da INAPA/Ámbar, disse que esse direito apenas teria validade se o

contrato com a Imprimarte fosse rescindido ou denunciado.

Embora o conselho de administração, que nunca pôs em causa esse direito, não tenha ainda tomado uma decisão final sobre as propostas, informou já que a ATT/Phillips apresentou a melhor proposta.

Observadores ligados ao processo comentam que a posição da INAPA/Ámbar se resume a fazer o papel de advogada de defesa da ATT/Phillips, já que a sua proposta teria sido recusada por ser menos vantajosa para os CTT e TLP.

Outras fontes admitem que a INAPA/Ámbar está a tentar que a consulta iniciada em Maio de 1985 seja anulada de forma a poder alterar a sua proposta.

Os concorrentes ATT/Phillips, INAPA/Phillips, INAPA/Ámbar e ITT/Imprimarte estão interessados na operação, por um lado, porque está em jogo um importante montante — cerca de quatro milhões de contos de facturação anual — e, por outro porque a informatização de alguns dos serviços das telecomunicações será para o vencedor nova e significativa fonte de rendimentos.

A administração dos CTT e TLP terá de tomar uma decisão final até ao fim do corrente mês, aguardando neste momento concordância da tutela sobre a forma como o processo foi conduzido.

Primeiro trabalho veio do Canadá

Veio do Canadá o primeiro trabalho concorrente ao Prémio «Gazeta» de Jornalismo, na modalidade de reportagem internacional sobre Portugal. Mas já chegaram ao Clube de Jornalistas, que instituiu os Prémios «Gazeta» — os maiores do País para trabalhos jornalísticos —, muitas outras reportagens publicadas na Imprensa, Rádio e Televisão, tanto em Portugal como no estrangeiro. No entanto, o prazo para entrega dos trabalhos concorrentes termina apenas no próximo dia 15.

Esta afluência, informa o Clube de Jornalistas, era já esperada devido ao prestígio que os Prémios «Gazeta» adquiriram, logo na primeira edição, e ao aumento considerável do seu valor para a próxima atribuição.

Além de um troféu, de uma viagem nas carreiras da TAP (à escolha dos premiados), e de livros da Livraria Bertrand e de Edições 70, que em conjunto podem atingir um montante de mais de duzentos contos, cada um dos cinco prémios é ainda constituído por 350 contos em dinheiro, importância assegurada com o patrocínio das empresas Centrel, Mundial Confiança, Montepio Geral, Renault Portuguesa e Sonae.

As reportagens podem ser apresentadas a concurso pelos próprios autores ou, com a anuência destes, por qualquer conselho de redacção ou por um grupo de cinco ou mais sócios do Clube de Jornalistas.

Cobrindo as modalidades de reportagem de Imprensa (texto), fotoreportagem de Rádio e Televisão e reportagem sobre Portugal publicada no estrangeiro,

os Prémios «Gazeta» de Jornalismo são atribuídos anualmente e têm por objectivo a valorização e dignificação dos jornalistas estrangeiros que trabalham em Portugal, assim como o estímulo da qualidade em jornalismo.

Os juris, que deverão atribuí-los até Março, são nomeados pelas principais instituições de jornalistas: Casa da Imprensa, Sindicato dos Jornalistas, Associação de Jornalistas Estrangeiros, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Centro de Formação de Jornalistas e Clube de Jornalistas, além da Associação Portuguesa de Escritores.

Este ano será também atribuído, pela primeira vez, o «Prémio Revelação em Jornalismo», criado igualmente pelo CJ, com o patrocínio da Martini e Rossi, e que atinge o montante de 200 contos. Destina-se a distinguir o jornalista português com menos de 25 anos que deva ser considerado a «revelação do ano» em qualquer género jornalístico, através de trabalho publicado em qualquer meio — Imprensa, Rádio e Televisão.

Associação de Direito quer processar Reitoria

A Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa vai instaurar um processo à Reitoria da Universidade Clássica por «abuso de poder».

Na origem da questão está a situação de cerca de 450 alunos do quarto ano, cujas matrículas a reitoria pretende agora anular.

Estes alunos iniciaram o curso universitário de acordo com o plano de estudos de 1977, sendo posteriormente abrangidos pelo plano de curso de 1982. Houve alterações de cadeiras, nomeadamente Direito do Trabalho (era do primeiro ano e passou para o quinto), Direito de Família (do terceiro ano passou para o quarto), Direito Comercial (do terceiro para o quarto) e Relações de Direito Internacional e Direito Comparado (que passou do quinto para o segundo ano).

Ensino técnico preocupa ME

A necessidade de intensificar o ensino técnico profissional nas áreas de maior ocupação e de maior evolução tecnológica foi defendida em Coimbra pelo engenheiro Seco da Costa.

O coordenador central do ensino técnico profissional disse à Anop que tal ensino «constitui uma das nossas maiores carências no momento de adesão à CEE, extraordinariamente mais evoluída nesse domínio».

Seco da Costa presidiu ontem nesta cidade a uma reunião com a Comissão Regional para o

A fim de salvaguardar a situação dos alunos que já tinham feito cadeiras de anos anteriores e outras situações anómalas, o secretário de Estado do Ensino Superior publicou uma portaria em Setembro passado, determinando que para esses alunos o Conselho Científico da Faculdade de Direito elaboraria planos de curso próprios.

O CC elaborou os planos para quase todos os alunos que lhe enviaram os respectivos processos. Esses alunos puderam legalmente matricular-se no presente ano lectivo.

A Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa pretende agora anular uma parte dessas matrículas, ou seja, dos alunos que se matricularam no quarto ano em 85/86, com o argumento de que a portaria só é aplicável aos alunos que estão estavam no quarto ano e não aos que estavam no terceiro e transitaram este ano para o quarto.

ensino técnico profissional para se estabelecerem linhas de orientação para o ano lectivo de 1986/87.

A troca de impressões mantida com a comissão incidiu sobre o eventual lançamento de novos cursos, nomeadamente para trabalhadores em horários pós-laborais.

O enquadramento técnico-profissional dos jovens que terminaram os cursos e a necessidade de formação de professores nas áreas técnicas constituíram outros assuntos em análise.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
terça e sábado às 21.30h
domingo, matins às 17h

AMADIS
2 ÚLTIMAS SEMANAS
VEJA TEATRO A PREÇOS
3.ª, 4.ª e 5.ª feira REDUZIDOS
PREÇO (ÚNICO 15000)

CAFE Teatro
SABADOS ÀS 24H
"PO' DE PALCO"
COM NOVOS NÚMEROS
R. 1.ª DE ABRIL 125 08 18
M/12A

SEXTA-FEIRA - às 23.30
— MÚSICA AO VIVO —
c/FREDO MAGNER, JOÃO MALÓ
e TELMO PALMA



tempos de antena
DA CANDIDATURA

ÂNGELO VELOSO
RTP

Terça-feira, 14 de Janeiro às 20.30 h
Quarta-feira, 15 de Janeiro às 20.45 h

RDP

Terça-feira, 14 de Janeiro às 17.30 e 18.00 h
Quarta-feira, 15 de Janeiro às 17.45 h

em todos os canais
e emissores regionais em simultâneo

RR

Terça-feira, 14 de Janeiro às 20.15 h
Quarta-feira, 15 de Janeiro às 20.15 h

Vereador da Segurança faz balanço de três anos

Lisboa é uma cidade tremendamente insegura

Nuno Ribeiro

Dias antes de abandonar o pelouro da Segurança na Câmara Municipal de Lisboa, o vereador que o chefiou nestes últimos três anos fez, para o «DL», o balanço da sua actividade. Os êxitos foram referidos, mas as falhas de anos de trabalho não foram escamoteados, numa linguagem directa, onde a repercussão das afirmações é grande, porque os problemas também o são. E, reflectindo sobre os caminhos da cidade, Renato Miranda sublinha que «Lisboa é uma cidade tremendamente insegura».

«Quem está mal muda-se e eu mudei-me, sentia-me mal»... As palavras de Renato Miranda, sentado à mesa «nobre» de um acanhado gabinete, reflectem o percurso de três anos de trabalho na Câmara Municipal de Lisboa. Por entre funcionários que, momentos antes, receberam «ordem de marcha» para se apresentarem nos gabinetes de origem, a hora é de balanço.

«Sinto-me com a sensação de que se fez alguma coisa, mas podia ter sido feito muito mais se me tivessem dado outras possibilidades orçamentais, e desde que a Câmara não funcionasse em termos políticos.» A frase toca dois pontos fundamentais que, em mais de uma hora de entrevista, serão sempre focados: orçamento e funcionalidade.

Crítico em relação a 1 por cento do orçamento «cerca de 100 mil contos», que lhe foi atribuído, com uma concepção diferente de segurança da de Nuno Abecasis, a funcionalidade e o trabalho de equipa são pontos de honra. «Desde que a Câmara não funcionasse em termos políticos, como uma mini-Assembleia da República e mais como um órgão executivo, podia ter sido feito muito mais», reflecte.

Por outro lado, como acentua, «por deformação profissional sempre gostei de trabalhar em equipa». «Numa coligação que sempre foi AD para o bom e para o mau, os assuntos quando vão para a Câmara devem ser conhecidos de todos os elementos, e a maior parte das vezes isso não acontecia», refere acentuando que «numa Câmara o trabalho em equipa não é fácil, mas quando se consegue trabalhar em equipa fazem-se maravilhas». «Só que», finaliza Renato Miranda, «não foram criadas à partida condições para isso, e julgo difícil criá-las». Palavras de crítica em relação a Abecasis? O até agora responsável do pelouro da Segurança tem boas recordações do trabalho realizado com o presidente, mas, como «a mentalidade das

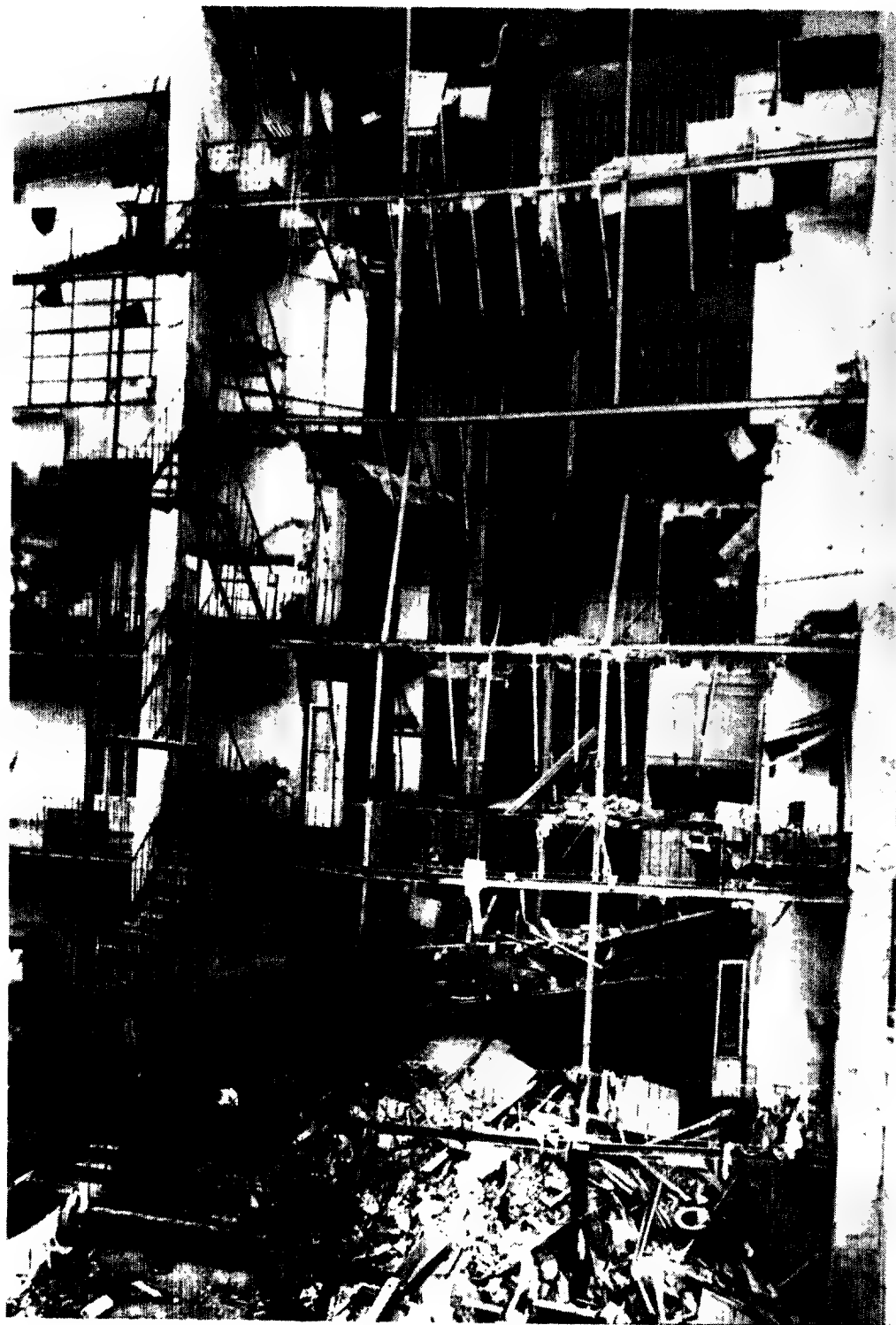
pessoas do PSD é diferente das do CDS gostaria de ver à frente da Câmara um líder social-democrata.»

«A segurança tem de estar materializada»

Esta será uma das condições para um seu eventual regresso. Mas, quando o trabalho de anos fica para trás, o balanço é forçoso. O que queria ter feito e não fez? A pergunta seca, Renato Miranda invoca o orçamento, a estrutura pesada da Câmara que «quase se autoconsome». Mas, sem necessitar de muita reflexão, aborda o tema.

«A segurança dos recintos públicos de diversões», hierarquiza. «Existe uma confusão legislativa a que só o Governo poderá pôr cobro; no funcionamento de uma boite, de um cabaret, de um snack-bar, de um «pub» interferem cinco entidades diferentes: as Direcções-Gerais de Saúde, Turismo e Espectáculos, o Governo Civil e a Câmara». Esta situação é para Renato Miranda incorrecta pois cada um destes organismos tem a sua legislação própria e há que arranjar uma legislação única, que desse um seguimento a todos os passos para que houvesse uma entidade final que desse alvará. Ao contrário, o que hoje acontece «é que a maior parte destes estabelecimentos que estão a funcionar em Lisboa têm uma ou duas licenças, mas não têm a totalidade». E, passando a referir-se a um caso sublinha que «a legislação de saúde é de 1929, numa altura em que não havia ar condicionado». Como para o funcionamento desse sistema é exigido um determinado «pé», «um caso concreto é o do restaurante 'O Policia', um bom restaurante em qualquer parte, que está a funcionar em termos ilegais, pois, após ter recebido um subsídio da Direcção-Geral do Turismo para fazer obras, continua a não ter o pé-direito de quatro metros».

Quanto aos cinemas, «o problema está mais controlado, e os dos centros comerciais já estão



O extremo da degradação: a derrocada final que põe vidas em perigo e provoca prejuízos materiais

resolvidos». Foi uma teimosia da minha parte, pois a maior parte estavam ilegais», sublinha.

Mas outros aspectos não foram resolvidos. Renato Miranda destaca as escolas primárias (as únicas de competência da Câmara) onde, depois de se ter começado numa zona piloto, em Olivais-Chelas, «podemos considerar que ganhámos a guerra mas não totalmente por-

que o Ministério da Educação falhou... não pôs os telefones nem nomeou os guardas». No entanto, neste caso, a Câmara decidiu não ficar «de braços cruzados e imediatamente convidámos para as escolas primárias guardas da PSP escolhidos, para ficarem nas casas prefabricadas construídas».

outro ponto não mereceu a aprovação do Ministério da Administração Interna que, por

considerar «que o policiamento nocturno cabe à PSP, 'chumbou' o projecto de institucionalização dos guardas-nocturnos». «Com base num trabalho de levantamento das Juntas de Freguesia e da PSP queríamos 500 guardas-nocturnos, cuja vigilância é eficaz pois, a PSP ou não faz vigilância nocturna ou fá-la em tempos descontínuos, com as rondas dos automóveis». Todos estes factos

vêm corroborar a ideia forte, o «leit-motiv» de uma concepção mais abrangente de segurança. «Desde uma simples grade à saída de uma escola, até uma zebra para peões que não está devidamente pintada, tudo isso tem a ver com a segurança: a segurança para além de pedagógica tem que estar materializada, esta é a única diferença que eu tenho com o presidente».

«Tremor de terra» será muito grave»

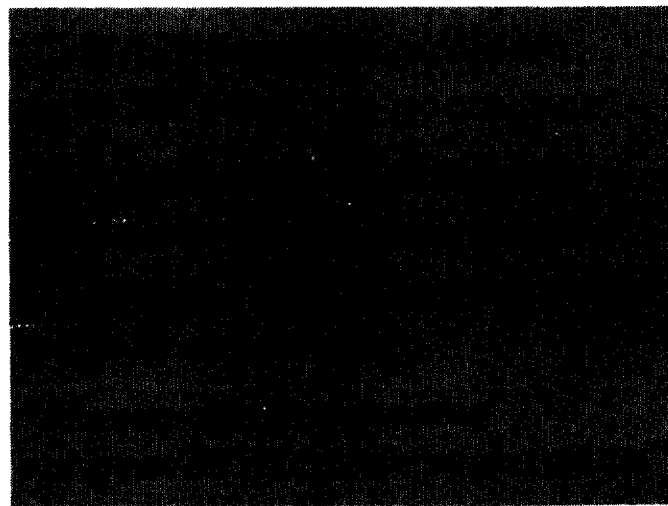
A enumeração das carências sucede-se. «Há poucas passagens desniveladas para peões e Lisboa precisava de umas 20», revela, lembrando que iniciou a luta da passagem desnivelada de Telheiras antes dos atropelamentos mortais. Renato Miranda sublinha ainda que o Benfica «clube que tal como o Sporting, tem uma função social importantíssima na capital, fez obras clandestinas, desviou passagens para peões e fez escadas provisórias, o que acabou por criar graves problemas aos transeuntes e é um problema que não está solucionado: os peões que atravessam essa passagem estão sujeitos a serem atropelados, e havia a necessidade de fazer um passeio devidamente resguardado com tubagens para que se pudesse passar por debaixo da Segunda Circular». Renato Miranda mostra-se, contudo, convencido que «mais tarde ou mais cedo, o Benfica acabará por fazer isso, porque tem consciência de que o tem de fazer».

A degradação dos prédios é também uma das suas preocupações, com atenção dirigida para a Freguesia de Nossa Senhora de Fátima. «São prédios de uma determinada época, com determinados modelos de construção, em que os há com sete, oito ou nove andares com alicerces de dois metros assentes em solo de argila», sublinha. «Assim, quando se constroem prédios novos, dá logo abaixamento nos prédios vizinhos».

Como conhecedor das causas, para as quais enumera o congelamento das rendas e a incapacidade financeira da Câmara de tomar a seu cargo as obras de reparação dos imóveis «fazem-se vistorias, mas os senhores não fazem as obras recomendadas e, assim, a maior parte dos prédios na zona velha da cidade têm as escadas de salvação podres, especialmente se são metálicas», Renato Miranda conta casos. «Há prédios em



Renato Miranda: «podia ter sido feito muito mais»



que os donos, a maior parte deles construtores civis, chegam até a destelhar as casas para lá entrar água»...

Como é que um conjunto habitacional nestas condições poderá resistir a um sismo de forte intensidade? «será uma situação muito grave», responde. «A Câmara criou um órgão municipal de protecção civil, que funciona na Polícia Municipal e de que é director o Presidente para fazer o levantamento da cidade, em número de hospitais, e camas e geradores», revela. «A cidade está situada numa falha sísmica, no eixo Lisboa-Vila Franca e, por causa da precariedade dos prédios a situação seria extremamente grave». O até agora vereador do pelouro da Segurança sabe da existência de um estudo feito pelo Serviço Nacional de Protecção Civil, «mas nunca fui chamado a trabalhar nele, e estou convencido de que também não contactaram o órgão municipal de Protecção Civil.»

«A Câmara deve apoiar os bombeiros voluntários»

Na eventualidade de uma tal ocorrência, Renato Miranda sublinha «que há que tomar as medidas preventivas que passam, por exemplo, em ter um serviço de Cruz Vermelha com áreas e material preparado para, de um dia para o outro, montar tendas e estruturas de apoio à população». A necessidade de ir buscar auxílio mais vasto ao do Batalhão de Sapadores Bombeiros (BSB), «apesar de ser uma unidade de elite em termos de Europa», passa por um apoio a todas as corporações de voluntários, «o que não tem sido feito em termos adequados, pois o BSB consome 800 mil contos/ano». «Em todo o País», sublinha, «a única zona em que os bombeiros voluntários não são apoiados é precisamente no concelho de Lisboa».

E, para mostrar que nem tudo vai bem, e mesmo no que toca à segurança dos bombeiros, Renato Miranda conta um caso paradigmático. «Não consegui a instalação do Museu dos Bom-

beiros do BSB, um dos mais magníficos do Mundo, que está metido num barracão no Palácio da Mitra em graves riscos de segurança». No campo do apoio à formação e actividade do BSB, o vereador destaca ainda não ter conseguido verbas para a construção de uma galeria de fumos, onde os elementos do BSB e os voluntários se poderiam treinar sem perigo de vida.

«Pedi à Gulbenkian e ao MAI, mas não consegui obter os 15 mil contos necessários», lamenta.

Na orgânica da segurança de Lisboa, os Sapadores Bombeiros desempenham um papel importante. Pela formação técnica do comando, engenheiros na sua maior parte, as vistorias têm relevo, inclusive no estudo de projectos das novas construções.

«Quando fui alertado para a Rua do Carmo, o BSB foi lá para ver se os carros passavam e sempre passaram», exemplifica não escondendo o facto de «não me terem consultado antes de fazerem as obras». «Em termos de segurança eu preferia aquela artéria como estava dantes porque para ter um aspecto de lazer podia ser com estruturas móveis e não fixas».

O balanço de três anos ficou feito, enumeradas as conquistas, referidas as carências, sublinhadas algumas das soluções. E, como diz o vereador do pelouro, «a segurança tem a ver com a vida das pessoas e não há nada que pague uma vida humana», a conclusão é clara, o alerta é premente, a alteração é necessária. Para que um vereador do pelouro da Segurança não tenha de reconhecer, como o fez abertamente Renato Miranda, que «Lisboa é uma cidade tremendamente insegura».

A questão da atribuição de pelouros na Câmara de Lisboa

“Marginalização da APU seria desrespeito pela população”

— afirmaram os vereadores eleitos da Aliança Povo Unido

«A marginalização da APU significaria uma atitude de despropositado sectarismo e de claro desrespeito por cerca de um terço da população da cidade», sublinharam em conferência de Imprensa ontem realizada os vereadores eleitos pela APU para a Câmara de Lisboa. Na oportunidade foi também divulgado um conjunto de dez propostas a serem apresentadas ao executivo camarário na primeira reunião, com data marcada para o próximo dia 20.

«Os vereadores da Aliança Povo Unido confirmam a sua inteira disponibilidade para assumir responsabilidades na gestão dos pelouros do Município de Lisboa, compatíveis com a sua real influência, capacidade de trabalho e competência comprovada que conduzam à resolução dos principais problemas de Lisboa», sublinha o texto. Este reafirma da posição de princípio dos eleitos da APU, força que a 15 de Dezembro se cotou na segunda posição, aumentando a sua votação de 26,5 para 29,1 por cento, surge na sequência de contactos já efectuados com Nuno Abecasis e da existência «de indícios preocupantes» quanto à marginalização de um terço dos eleitores de Lisboa.

Por isso, foi sublinhado que tal opção —contribuiria não só para a não-resolução dos problemas de Lisboa, como confirmaria a intenção de manter os objectivos e os métodos de gestão que conduziram à progres-

siva degradação da cidade e ao agravamento das condições de vida da população». «Uma decisão nesse sentido», prossegue o comunicado, «significaria não só uma atitude política contra a APU, mas principalmente uma decisão contra os interesses da própria cidade».

Dez propostas para discussão

A demonstrar a possibilidade de intervenção dos vereadores da Aliança Povo Unido na vida da cidade, foram apresentadas 10 propostas sete das quais têm do mandato anterior. Estão neste caso o lançamento de um concurso público de ideias para um plano de ordenamento urbanístico e de salvaguarda do património da área da Avenida da Liberdade, a classificação do Bairro de Alfama e Encosta do Castelo como património mundial, o lançamento de medidas cautelares para os Bairros de Alfama e Mouraria, a eliminação do estacionamento do Terreiro do Paço e a transformação da-

quele espaço como área de convívio e de actividades lúdicas e culturais, a redefinição da linha do Metropolitano, a gestão dos recursos hídricos subterrâneos e ordenamento das linhas de água adjacentes, e a análise das áreas de intervenção da EPUL, nas unidades de ordenamento do Lumiar, Carnide-Luz e centro administrativo.

Entre as novas propostas, algumas delas já formuladas durante a campanha eleitoral, foi defendida a criação de um novo pelouro — o da juventude —, a adopção de um novo regimento de funcionamento da Câmara Municipal de Lisboa, e a formação de uma comissão de vereadores para a gestão de competências no domínio das decisões municipais em matéria de planeamento, urbanismo e habitação. Pela Lei 100/84 a competência sobre estes assuntos é da Câmara mas, segundo adiantou ao «DL» o vereador Rui Godinho, no mandato anterior apesar de não ter havido delegações de poderes no presidente, ele exerceu-as. Esta matéria que, de acordo com a proposta da Aliança Povo Unido ficará na dependência de uma comissão de quatro vereadores, refere-se a importantes aspectos como a aprovação de projectos de urbanização e de construções e demolições.

Camões vai ver a confusão do trânsito lisboeta

Alterações na Rua da Misericórdia e Rua do Alecrim

A partir de hoje e por um período de dois meses são vedados ao trânsito os troços descendentes da Rua da Misericórdia e da Rua do Alecrim, em Lisboa, entre o Largo Trindade Coelho e a Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré).

O tráfego é desviado através do Largo Trindade Coelho, Rua Nova da Trindade, Largo do Chiado, Largo Camões, Rua das Flores, Travessa dos Remodares até à Avenida 24 de Julho.

O sentido ascendente (Sul-Norte) faz-se através da Rua do Alecrim e Misericórdia, sendo, no entanto, proibida a circulação de pesados.

Os autocarros da carreira 15 passam a ter terminal no Largo Trindade Coelho, sendo a ligação ao Cais do Sodré assegurada pelas carreiras dos eléctricos. Esta «revolução», e a mais do que previsível confusão no trânsito da baixa lisboeta deve-se a obras de pavimentação daquelas artérias.

Em causa a revisão do CCT

Jornalistas votaram greve de 5 dias

A proposta da Direcção do Sindicato dos Jornalistas, que prevê a realização de uma greve de cinco dias pela revisão do clausulado geral do CCT, foi aprovada com 371 votos.

O escrutínio secreto descentralizado pelas redacções deu os seguintes resultados provisórios relativos a Lisboa, Porto, Braga e Açores: a favor 371 votos (78,4 por cento), contra 93 (19,6 por cento) e brancos 19 (0,4 por cento).

Faltam ainda, para obtenção do resultado final, os escrutínios de Coimbra e Madeira. «Tê-lo-emos ainda hoje, talvez ao princípio da tarde» — informou-nos, esta manhã, um porta-voz do Sindicato dos Jornalistas. No entanto, os votos

ainda por computar da Madeira e de Coimbra «já não alteram (ainda segundo o SJ) a concretização da greve».

Os resultados da votação representam um aumento de 14 pontos em termos de apoio à Direcção do SJ relativamente a uma outra efectuada em 1983, em que também foi apresentada uma proposta de greve de cinco dias, em escrutínio secreto, segundo a fonte sindical.

Entretanto, a Federação dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Gráfica e Imprensa afirmou já que o Contrato Colectivo de Trabalho para a Imprensa e Agências se encontra num impasse por recusa negociada da Associação de Imprensa Diária (AID).

Em comunicado, a Federação afirma que pediu entrevistas ao ministro da tutela, Fernando Nogueira, e ao secretário de Estado do Trabalho, Fernandes Marques, e alerta contra «eventuais discriminações do Governo para o sector» (entre jornalistas e os restantes trabalhadores).

A Federação anuncia que os trabalhadores abrangidos pelo CCTV da Imprensa e Agências vão desencadear formas de luta a aprovar em plenários que estão a ser convocados pelos respectivos sindicatos.

Considera que a situação da «demissão das associações patronais das suas responsabilidades de negociar a contratação colectiva» não é nova no sector.



Renato Miranda: *podia ter sido feito muito mais*

"O MAI 'chumbou' projecto para 500 guardas nocturnos"
"Os prédios de oito andares com alicerces de dois metros"
"Senhores destelharam as casas para lá entrar água"
"Museu dos Bombeiros em graves riscos de segurança"

que os donos, a maior parte deles construtores civis, chegam até a destelhar as casas para lá entrar água...

Como é que um conjunto habitacional nestas condições poderá resistir a um sismo de forte intensidade? «Será uma situação muito grave», responde. «A Câmara criou um órgão municipal de protecção civil, que funciona na Polícia Municipal e de que é director o Presidente para fazer o levantamento da cidade, em número de hospitais, e camas e geradores», revela. «A cidade está situada numa falha sísmica, no eixo Lisboa-Vila Franca e, por causa da precariedade dos prédios a situação seria extremamente grave». O até agora vereador do pelouro da Segurança sabe da existência de um estudo feito pelo Serviço Nacional de Protecção Civil,

mas nunca foi chamado a trabalhar nele, e estou convencido de que também não contactaram o órgão municipal de Protecção Civil

«A Câmara deve apoiar os bombeiros voluntários»

Na eventualidade de uma tal ocorrência, Renato Miranda sublinha «que há que tomar as medidas preventivas que passem, por exemplo, em ter um serviço de Cruz Vermelha com áreas e material preparado para, de um dia para o outro, montar tendas e estruturas de apoio à população». A necessidade de ir buscar auxílio mais vasto ao do Batalhão de Sapadores Bombeiros (BSB), apesar de ser uma unidade de elite em termos de Europa, «passa por um apoio a todas as corporações de voluntários, o que não tem sido feito em termos adequados, pois o BSB consome 800 mil contos/ano». «Em todo o País», sublinha, «a única zona em que os bombeiros voluntários não são apoiados é precisamente no concelho de Lisboa».

E, para mostrar que nem tudo vai bem, e mesmo no que toca a segurança dos bombeiros, Renato Miranda conta um caso paradigmático: «Não conseguiu a instalação do Museu dos Bom-

beiros do BSB, um dos mais magníficos do Mundo, que está metido num barracão no Palácio da Mitra em graves riscos de segurança». No campo do apoio à formação e actividade do BSB, o vereador destaca ainda não ter conseguido verbas para a construção de uma galeria de fumos, onde os elementos do BSB e os voluntários se poderiam treinar sem perigo de vida. «Pedi a Gulbenkian e ao MAI, mas não consegui obter os 15 mil contos necessários», lamenta.

Na orgânica da segurança de Lisboa, os Sapadores Bombeiros desempenham um papel importante. Pela formação técnica do comando, engenheiros na sua maior parte, as vistorias têm relevo, inclusive no estudo de projectos das novas construções.

«Quando fui alertado para a Rua do Carmo, o BSB foi lá para ver se os carros passavam e sempre passaram», exemplifica não escondendo o facto de «não me terem consultado antes de fazerem as obras». «Em termos de segurança eu preferia aquela artéria como estava dantes porque para ter um aspecto de lazer podia ser com estruturas móveis e não fixas».

O balanço de três anos ficou feito, enumeradas as conquistas, referidas as carências, sublinhadas algumas das soluções. E, como diz o vereador do pelouro, «a segurança tem a ver com a vida das pessoas e não há nada que pague uma vida humana», a conclusão é clara, o alerta é premente, a alteração é necessária. Para que um vereador do pelouro da Segurança não tenha de reconhecer, como o fez abertamente Renato Miranda, que Lisboa é uma cidade tremendamente insegura.

A questão da atribuição de pelouros na Câmara de Lisboa

“Marginalização da APU seria desrespeito pela população”

— afirmaram os vereadores eleitos da Aliança Povo Unido

«A marginalização da APU significaria uma atitude de despropositado sectarismo e de claro desrespeito por cerca de um terço da população da cidade», sublinharam em conferência de imprensa ontem realizada os vereadores eleitos pela APU para a Câmara de Lisboa. Na oportunidade foi também divulgada um conjunto de dez propostas a serem apresentadas ao executivo camarário na primeira reunião, com data marcada para o próximo dia 20.

Os vereadores da Aliança Povo Unido confirmam a sua inteira disponibilidade para assumir responsabilidades na gestão dos pelouros do Município de Lisboa, compatíveis com a sua real influência, capacidade de trabalho e competência comprovada que conduza a resolução dos principais problemas de Lisboa, sublinha o texto. Este realismo da posição de princípio dos eleitos da APU, força que a 15 de Dezembro se cotou na segunda posição, aumentando a sua votação de 26,5 para 29,1 por cento, surge na sequência de contactos efectuados com Nuno Abecasis e da existência de indícios preocupantes quanto à marginalização de um terço dos eleitores de Lisboa.

Por isso, foi sublinhado que tal opção contribuiria não só para a não resolução dos problemas de Lisboa, como confirmaria a intenção de manter os objectivos e os métodos de gestão que conduziram à progressiva degradação da cidade e ao agravamento das condições de vida da população.

Uma decisão nesse sentido, prossegue o comunicado, significaria não só uma atitude política contra a APU, mas principalmente uma decisão contra os interesses da própria cidade.

Dez propostas para discussão

A demonstrar a possibilidade de intervenção dos vereadores da Aliança Povo Unido na vida da cidade, foram apresentadas 10 propostas sete das quais tem do mandato anterior. Estão neste caso o lançamento de um concurso público de ideias para um plano de ordenamento urbanístico e de salvaguarda do património da área da Avenida da Liberdade, a classificação do Bairro de Alameda e Encosta do Castelo como património municipal, o lançamento de medidas cautelares para os Bairros de Alameda e Mouraria, a eliminação do estacionamento do Terreiro do Paço e a transformação da

quele espaço como área de convívio e de actividades lúdicas e culturais, a redefinição da linha do Metropolitano, a gestão dos recursos hídricos subterrâneos e ordenamento das linhas de água adjacentes, e a análise das áreas de intervenção da EPL, nas unidades de ordenamento do Litoral, Grande Luz e centro administrativo.

Entre as novas propostas, algumas delas já formuladas durante a campanha eleitoral, foi defendida a criação de um novo pelouro — o da juventude — a adopção de um novo regulamento de funcionamento da Câmara Municipal de Lisboa, e a formação de uma comissão de vereadores para a gestão de competências no domínio das decisões municipais em matéria de planeamento, urbanismo e habitação. Pela Lei 100/84 a competência sobre estes assuntos é da Câmara mas, segundo Adriano ao DI, o vereador Rui Godinho, no mandato anterior apesar de não ter havido delegações de poderes ao presidente, ele exerceu as. Esta matéria que, de acordo com a proposta da Aliança Povo Unido ficará na dependência de uma comissão de quatro vereadores, refere-se a importantes aspectos como a aprovação de projectos de urbanização e de construções e demolições.

Camões vai ver a confusão do trânsito lisboeta

Alterações na Rua da Misericórdia e Rua do Alecrim

A partir de hoje e por um período de dois meses são vedados ao trânsito os troços descendentes da Rua da Misericórdia e da Rua do Alecrim, em Lisboa, entre o Largo Trindade Coelho e a Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré).

O tráfego é desviado através do Largo Trindade Coelho, Rua Nova da Trindade, Largo do Chiado, Largo Camões, Rua das Flores, Travessa dos Remodares até à Avenida 24 de Julho.

O sentido ascendente (Sul-Norte) faz-se através da Rua do Alecrim e Misericórdia, sendo, no entanto, proibida a circulação de pesados.

Os autocarros da carreira 15 passam a ter terminal no Largo Trindade Coelho, sendo a ligação ao Cais do Sodré assegurada pelas carreiras dos eléctricos. Esta «revolução» e a mais do que previsível confusão no trânsito da baixa lisboeta deve-se a obras de pavimentação daquelas artérias.

Em causa a revisão do CCT

Jornalistas votaram greve de 5 dias

A proposta da Direcção do Sindicato dos Jornalistas, que prevê a realização de uma greve de cinco dias pela revisão do clausulado geral do CCT, foi aprovada com 371 votos.

O escrutínio secreto descentralizado pelas redacções deu os seguintes resultados provisórios relativos a Lisboa, Porto, Braga e Açores a favor 371 votos (78,4 por cento), contra 93 (19,6 por cento) e brancos 19 (0,4 por cento).

Faltam ainda, para obtenção do resultado final, os escrutínios de Coimbra e Madeira. De los anos ainda hoje, talvez ao princípio da tarde, informou-nos, esta manhã, a imprensa, os resultados dos jornalistas votaram a favor dos

ainda por computar da Madeira e de Coimbra, já não alteram (ainda segundo o SJ) a concretização da greve.

Os resultados da votação representam um aumento de 14 pontos em termos de apoio à Direcção do SJ relativamente a uma outra efectuada em 1983, em que também foi apresentada uma proposta de greve de cinco dias, em escrutínio secreto, segundo a fonte sindical.

Entretanto, a Federação dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Gráficas e Imprensa afirmou já que o Contrato Colectivo de Trabalho para a Imprensa e Agências se encontra num impasse, por recusa da imprensa a aceitar a Associação de Imprensa Diária (AID).

Em comunicado, a Federação afirma que pediu entrevistas ao ministro da tutela, Fernando Nogueira, e ao secretário de Estado do Trabalho, Fernandes Marques, e alerta contra eventuais discriminações do Governo para o sector, entre jornalistas e os restantes trabalhadores.

A Federação anuncia que os trabalhadores abrangidos pelo CCT da Imprensa e Agências vão desencadear formas de luta a aprovar em plenários que estão a ser convocados pelos respectivos sindicatos.

Considera que a situação de demissão das associações, por parte das suas respectivas direcções, nega a existência de uma greve.

A viagem começou em Vila Real de Santo António e alargou-se até Tourem. Em 10 dias, o repórter percorreu 2.500 quilómetros. Entre o Algarve e o Gerês, com incur-

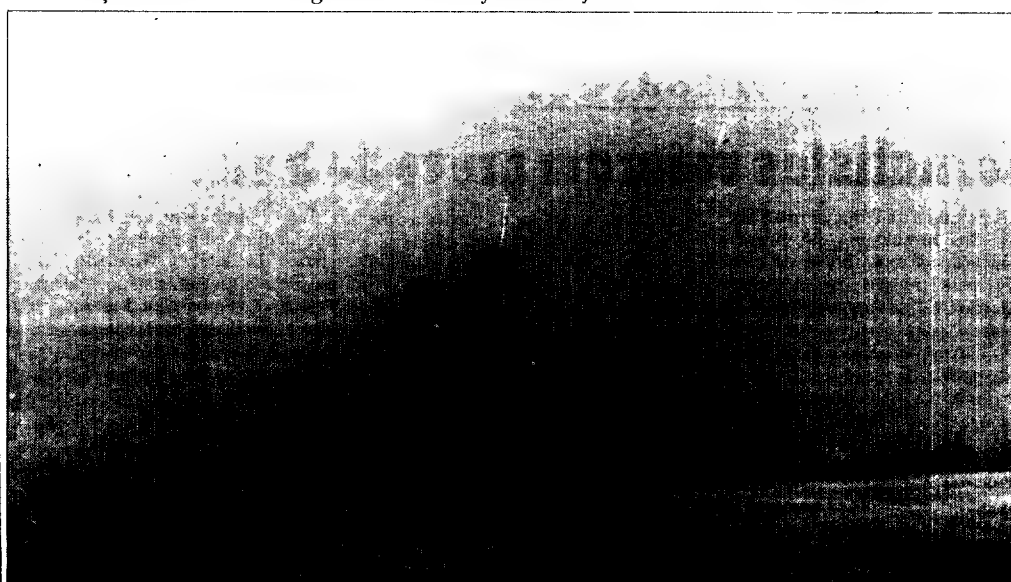
sões por Espanha, as assimetrias são flagrantemente destacadas nesta primeira reportagem, de um e da raia vivem-se... tempos diferentes.

A fronteira do subdesenvolvimento

Texto e fotos de Carlos Gil



Construção da casa do emigrante. Toda a família ajuda



Las Hurdes, a «Terra Sem Pão» que Buñuel retratou amargamente, não alterou muito o seu perfil de tragédia eterna

Onze horas no relógio da igreja de Alcoutim. Só uns segundos depois o de Sanlúcar dá as doze. Um mesmo tempo, a mesma tranquilidade, o mesmo silêncio, mas do outro lado, dizem-me, «a hora é outra...»

A água do Guadiana está barrenta e já não se vêem os veleiros que no tempo de Verão aqui estão ancorados vários dias.

É domingo. A maior parte das lojas estão fechadas e por isso os espanhóis não abundam. Mesmo assim alguns esperam que uma pequena lancha os leve de volta. Sentados, junto à igreja, em bancos de pedra, olham em frente Sanlúcar silenciosa. O silêncio é tal que se pode chamar o homem do barco que está no outro lado, na margem. No cais, um pequeno grupo de rapazes discute, fora do tempo, a tragédia de Heysel no jogo Juventus-Liverpool. Pergunto-lhes se há jovens suficientes para um jogo de futebol em Alcoutim e respondem-me que jogam com os miúdos de Sanlúcar.

Aproveito a boleia no barco e atravesso o rio. Em Sanlúcar, apenas o bar, junto ao porto, tem meia porta aberta. Numa das paredes, vejo com surpresa, uma foto do Benfica e outra do Bento. Mas a explicação é simples: a mulher do conhecido campeão nasceu ali e por isso a popularidade de ambos. Um velho cartaz anuncia as festas de Verão de Sanlúcar, com tómbola e «uma semana cultural com passagem de modelos».

Regresso a Alcoutim. Na praça detenho-me junto à capela. A fachada, a meio, guarda numa placa a trágica recordação das cheias de 1876, que quase «engoliram esta terra». Alcoutim fica numa zona baixa, na margem direita do Guadiana. Do outro lado, Sanlúcar, pequena aldeia espanhola, branca, em escadaria, Alcoutim e Sanlúcar, hoje, dormem um sono de paz e abandono. Frente a frente, as duas povoações mais parecem bancadas de um estádio vazio separadas por um relvado em forma de rio, o Guadiana.

No momento em que Portugal faz a sua entrada oficial no clube da Europa económica, quise saber qual é a realidade dessa faixa fronteiriça, a raia, ou fronteira do subdesenvolvimento, que de Vila Real de Santo António a Caminha, constitui, de um e outro lado, uma vasta zona (quatro vezes maior que a Holanda e Bélgica) abandonada, com milhares de quilómetros quadrados de estagnação e de pobreza.

Foi essa realidade social e económica, a outra costa que não existe nos belos folhetos turísticos coloridos, que procuramos descobrir. Há em Portu-

gal e em Espanha uma outra costa pintada em tons de negro, semeada de pedras e de gente, uma costa do luto, onde restam as «viúvas dos vivos», como lhe chamou Rosalia de Castro.

Do lado português, essa vasta região subdesenvolvida abrange metade dos distritos de Portugal continental, onde existem as mais altas taxas de analfabetismo, onde a presença industrial é pouco mais que ridícula, onde as vias de comunicação são incapazes de servir qualquer esperança de progresso.

Do lado espanhol, a raia é a região mais pobre e atrasada de todo o Estado. A Estremadura, por exemplo, só ela metade do território português com os seus 41 mil quilómetros quadrados, é a lanterna vermelha do rendimento per capita em Espanha.

Alcoutim e Sanlúcar, com o seu isolamento e pobreza são, assim, o símbolo do que é essa fronteira do subdesenvolvimento, esse estar frente a frente e ao mesmo tempo eternamente de costas, que têm caracterizado as relações entre os dois países que deveriam ser irmãos e estar lado a lado.

Costa do luto, ou fronteira do subdesenvolvimento, creio que será apenas «costa do silêncio», pois que o poder colocou ali, desde sempre, o manto espesso do esquecimento...

A caminho das Minas de S. Domingos, por Moreanes, entro num desvio para espreitar o Pomarão que foi em tempos, não muito afastados, o ponto de embarque do minério extraído (das minas) de S. Domingos, com o qual estava ligado por uma pequena linha férrea privada, que foi arrancada e vendida para ferro-velho. Aqui o Guadiana estende-se preguiçoso, formando um belo lago na confluência do Chança.

Em Pomarão hoje tudo parou. É a desolação, o abandono total. Encerradas as minas, as 50 pessoas que ali vivem nas casas da empresa, pouco mais que vegetam. Os mais jovens ainda vão arrançando emprego nos trabalhos de transporte de energia eléctrica que a EDP está a executar. Mas quando isto terminar?

— Vê além aquele monte? É a Formosa. Só lá há velhos reformados que têm menos de 5 contos por mês.

No Pomarão só há pescadores, reformados e viúvas (são as viúvas da sílicose). O senhor Adalberto, que tem 78 anos e trabalhou toda a vida na mina,

recebe 4 mil e oitocentos escudos de reforma como trabalhador rural. Não é necessário que me diga que «a reforma não chega para nada». Vê-se. Quando me despeço, diz-me que se eu quiser, me vai buscar umas azeitonas talhadas. Pergunto-lhe a como vende o quilo. Ri-se. «São para si, é um regalo». É assim esta gente.

Junto ao rio, algumas pequenas hortas florescem, mas quando há cheias os produtos desaparecem pelo Guadiana abaixo. De resto, não se vê como esta gente possa tirar alguma coisa da terra inóspita.

S. Domingos, com as suas duas mil casas e mil e quinhentos operários, foi apenas a mina. Dela viviam, dela morriam. Nos anos 60 é a debandada para outras terras, é a emigração.

Em 1968 os ingleses, seus donos, fecharam-na, «possivelmente porque achavam que a mina já não era uma mina», dizia-me o senhor Pedro que encontrei no café da estrada. Este homem, de 65 anos, seco e esgalgado, foi o meu cicerone durante algumas horas. Os seus seis filhos escolheram Lisboa, «tiveram que desandar daqui, não havia futuro», outros escolheram a França, a Alemanha.

— Fizeram bem. E eu mais valia que tivesse emigrado. Esses, cá vêm todos os anos com bons carros e a gente não tem nada.

Frases como estas é comum ouvir nesta fronteira do desencanto. Sempre um lamento na boca dos que ficaram, «mas porque é que eu não fui embora?» E agora? Bom, as pessoas vivem unicamente da reforma miserável. Os outros, meia-dúzia, vivem de um comércio reduzido, uns da guarda-fiscal, outros da guarda republicana. Os jovens, esses mandam francos ou marcos para contas bancárias e cartas aos pais com selos franceses ou alemães.

Serpa, vila branca. Alentejo, terra de fogo. Uma esperança, o Alqueva. Sempre uma esperança apesar de tudo vai alimentando os portugueses abandonados. Sem transformações rápidas e estruturais será a desertificação da natureza, pois a desertificação humana já se deu. Para além do fluxo migratório, tem-se dado um rápido envelhecimento da população. Desenvolvimento? Uma quase total ausência.

Serpa é branca e à noite as ruas bem iluminadas tornam-na ainda mais clara. Numa casa de esquina, numa placa de mármore alentejano estão gravados estes versos: «Ah! que não sei dizer a maravilha/que embruxa Serpa à noite quando ronda/seus muros de um passado de coro em onda/espuma e quebra as portas de Sevilha.» (Mário Beirão)

antes. Como se
de outro lado

ento-I

Na mostra de um café um
artaz faz apelo aos analfabetos
dultos e diz: «se queres
prender a ler e escrever, di-
ge-te à Câmara Municipal.»
e não lesse, nem acreditava.
Du será para lerem só depois de
prenderem?...

É uma manhã cheia de sol. De
perpa dirijo-me à fronteira de
ficalho. De vez em quando,
ordejando a estrada, surgem
ongas filas, bem alinhadas, de
iprestes, que mais parece a en-
rada larga de um cemitério in-
ernacional.

Na praça da igreja de Vila
verde de Ficalho, dois ou três
rupos de velhos vestidos de
egro, apanham os primeiros
aios de sol da manhã. A um
anto da praça, um letreiro in-
ica um «minimercado ibé-
ico».

Aproximo-me e o contacto é
fácil. Faço perguntas e dou-me
onta que o lamento é sempre o
mesmo: **a reforma é uma mi-
éria, mas do outro lado da
fronteira estão melhor** (5 con-
os em Portugal, 30 em Espa-
ha). Esta comparação com a
ida espanhola será, ao longo da
iagem, um tema permanente
a boca dos raianos. Mas os
mentos não se ficam por ali,
**aqui nem sequer há mata-
ouro. Levam-nos os animais
para matar em Beja e depois
razem a carne para nos ven-
erem. Nem lhe podemos che-
ar.**

Um avião cruza o céu azulado
or cima de nós e há logo um
rotesto geral, «**andam aí os de
eja que nem nos deixam pas-
ar pelas brasas...**»

Também em Olivença, na
raça principal, encontrei al-
uns homens reformados. José
rito e João Cordeiro, descen-
entes de portugueses, falavam
m castelhano-português com
otaque alentejano.

«Já estamos jubilados porque
abalhamos muito por aí nos
ampos da Extremadura, mas
gora dão-nos paga sem traba-
nar. Pagam-nos para passear e
panhar sol, comer e beber. Re-
ebo 29 mil 335 pesetas por
és», disse o José Brito. «Ali o
ordeiro que nem sabe quando a
ão o pariu, também tem o
esmo».

Recordo Ficalho, os refor-
ados da praça da igreja que
banhavam o sol quente deste
utono da vida por quatro con-
s e seiscentos...

Sigo de novo ao longo da
onteira e encontro **Santo
leixo** perto de Barrancos.
ntro no café da aldeia que é
mpre o lugar ideal para sentir
pulsar (do coração) desta
nte franca e simples. Uns
nsam que é para «**pôr lá na
levisão**», outros dizem que já
o vale a pena falar, «**não nos
o atenção, não querem
ber disto**». Apesar de tudo
o-se juntando à minha mesa e
lam. Sou um pretexto para o

desabafo e afinal, pedem-me
para ser o intérprete dos seus
queixumes. Problemas com a
agricultura, com o gado, a re-
forma, sempre a comparação
com Espanha!

Boa região para o gado bo-
vino, caprino, porcino, mas as
estatísticas dão-nos uma dimi-
nuição acentuada da produção.

Do outro lado da fronteira, a
poucos quilómetros daqui, a
Espanha produz os melhores
presuntos e enchidos do mundo,
na serra de Aracena, Aroche,
Jabugo. São os famosos presun-
tos de montado do «**porco ibé-
rico**». Do lado de cá, apesar de
tudo, há optimismo, pois a espe-
rança é a última coisa que se
perde.

— Se quiser, vamos ao outro
lado e vai ver como é que eles
apoiam a agricultura, diz-me
Diogo de Carvalho, um médio
agricultor. Estão mais bem pre-
parados para entrar na CEE. E
nós, não sei se vamos entrar, ou
é a CEE que vai entrar em nós...
Acho que vamos passar um mau
bocado. Venham cá, que eu
mostro-lhes as potencialidades

desta região para sair da crise e
produzir carne por metade do
preço.

Mas aqui não houve apoio do
poder central? pergunto.

— Aqui? Alguém ligou aos
alentejanos? Eles consideram-
nos como os porcos...

O abandono é total. Aban-
dono das gentes e da terra. Na
Herdade da Negrita, «**grande**

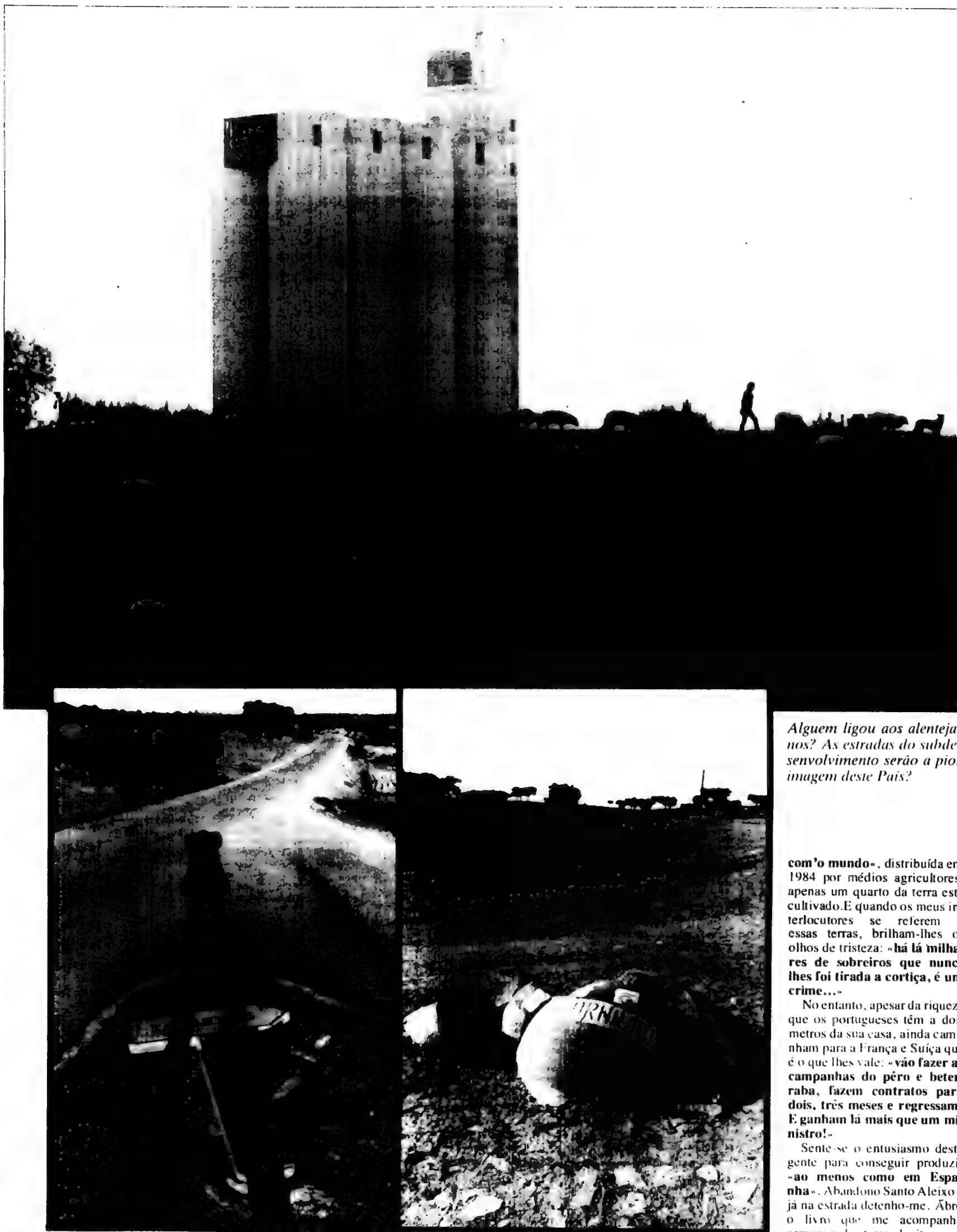
*Alguem ligou aos alenteja-
nos? As estradas do subde-
senvolvimento serão a pior
imagem deste País?*

com'o mundo», distribuída em
1984 por médios agricultores,
apenas um quarto da terra está
cultivado. E quando os meus in-
terlocutores se referem a
essas terras, brilham-lhes os
olhos de tristeza: «**há lá milha-
res de sobreiros que nunca
lhes foi tirada a cortiça, é um
crime...**»

No entanto, apesar da riqueza
que os portugueses têm a dois
metros da sua casa, ainda camin-
ham para a França e Suíça que
é o que lhes vale: «**vão fazer as
campanhas do pêro e betere-
raba, fazem contratos para
dois, três meses e regressam.
E ganham lá mais que um mi-
nistro!**»

Sente-se o entusiasmo desta
gente para conseguir produzir
«**ao menos como em Espa-
nha**». Abandono Santo Aleixo e
já na estrada detenho-me. Abro
o livro que me acompanha
sempre pelas terras lusitanas, e
leio. É Torga que exclama:
«**... e compreende-se que
fosse do seio da imensa pla-
nura alentejana que nascesse
a fé e a esperança num destino
nacional do tamanho do
mundo.**»

De Santo Aleixo para Barran-
cos é uma desolação. São ter-
ras sem ninguém, muito pobres.
É uma região de grandes espa-
ços e silêncios.



Estoril-Sol substituída no Polana por multinacional britânica

O Governo moçambicano não renovará o contrato de gerência do Hotel Polana com a Sociedade Portuguesa Estoril-Sol, informa a NP, de fonte oficial.

O Hotel Polana, considerado o melhor do país e um dos hotéis do mundo com melhor situação panorâmica, passará a ser administrado pela multinacional britânica Lonrho a partir de 1 de Março.

Esta multinacional britânica, com grandes interesses em África, e agora a alargar a sua influência a Moçambique, pretende obter o concurso de, pelo menos, um dos técnicos hoteleiros portugueses que têm servido a Estoril-Sol, no Polana.

A passagem da gerência do Polana para a Lonrho encerra, assim, um longo processo em que chegou a entrar o então Primeiro-Ministro Mário Soares, advogando com o seu peso, junto do presidente Samora Machel, a causa da empresa portuguesa.

Um dos principais accionistas da Lonrho e figura primeira no seu conselho das decisões é o britânico Tinny Rowlands, um amigo pessoal de Samora Machel que é recebido em Moçambique com delicadezas só prodigalizadas a grandes amigos e, sobretudo, a chefes de Estado.

Quimigal facturou em 85 65 milhões de contos

O volume de vendas totais da Quimigal deverá ser superior a 65 milhões de contos, correspondentes a mais 7 por cento que no ano anterior, disse uma fonte da empresa.

«Em 1984, a Quimigal registou uma recuperação dos seus resultados económicos, que passaram de 800.000 contos de prejuízo para 6,9 milhões de contos positivos. Esta tendência manteve-se durante o ano de 1985, embora a um ritmo menos acentuado», comentou.

Na análise destes resultados económicos, disse, «não se entra ainda em conta com os encargos financeiros».

Pela primeira vez, desde há vários anos, o «cash-flow» em 1985, ou seja, os fundos gerados pela empresa durante o

ano, foram positivos.

Para os bons resultados económicos da Quimigal, em 1985, contribuíram entre outros factores, «o aumento da produtividade por trabalhador e da produtividade em termos de vendas».

Em 31 de Dezembro de 1985, os efectivos da Quimigal totalizavam 9.970 trabalhadores, contra 10.386 no ano final de 1984 e 10.919, em 1983.

Esta redução de pessoal «não implicou uma política empresarial de despedimentos», adiantou a mesma fonte.

Durante o exercício de 1984, segundo o Relatório e Contas da Quimigal, as vendas totais cifraram-se em 61 milhões de contos, mais 45,5 por cento do que em 1983.

Diploma sobre salários em atraso vai ser publicado esta semana

Nas empresas com um mês ou mais de salários em atraso é proibida a distribuição de lucros ou dividendos e pagamento de suprimentos e respectivos juros — dispõe um diploma do Ministério do Trabalho, a publicar ainda esta semana.

O decreto-lei aguarda publicação no «Diário da República» e proíbe a satisfação de créditos sobre a empresa não protegidos por garantia real graduada antes do privilégio mobiliário geral de que beneficiam os créditos dos trabalhadores, quer dizer, antes do pagamento dos salários atrasados.

O diploma governamental interdita o pagamento de remunerações aos membros dos corpos sociais a não ser as que resultem da distribuição proporcional do montante disponível por todos os trabalhadores.

O decreto permite aos trabalhadores com um mês ou mais de salários em atraso, mesmo sem culpa da entidade patronal, rescindir unilateralmente o contrato, com direito a indemnização, comunicando a rescisão com um aviso prévio de 10 dias.

Acrescenta que se extingue o direito à rescisão se até ao fim do prazo de 10 dias forem pagas as retribuições em dívida.

Os trabalhadores que usarem daquela faculdade têm direito a uma indemnização de um mês de retribuição por cada ano de casa, num mínimo de três meses, ficando com direito a receber subsídio de desemprego ou subsídio social de desemprego, nos termos da legislação aplicada.

O diploma dispõe que quando a empresa declare e comprove a impossibilidade de proceder ao pagamento de indemnização prevista, o trabalhador poderá

requerer as instituições de Segurância Social o respectivo pagamento, que será financiado por verbas do Fundo de Desemprego e terá um limite máximo de seis meses de retribuição.

A retribuição a considerar será a que serve de cálculo para o subsídio de doença.

Se a entidade patronal se recusar a passar o documento comprovativo da impossibilidade de pagar a indemnização, esta poderá ser suprida por declaração da Inspeção-Geral do Trabalho, sendo a recusa punível com coima mínima de 50 contos e máxima de 100 contos.

Os trabalhadores com mais de seis meses de antiguidade na empresa e um mês ou mais de salários em atraso poderão suspender unilateralmente o seu contrato, por um prazo máximo de seis meses, com um pré-aviso de 10 dias, extinguindo-se a suspensão se durante aquele prazo forem pagas ao trabalhador as importâncias em

dívida.

O tempo de suspensão conta para efeitos de antiguidade e durante este período o trabalhador tem direito a receber subsídio de desemprego.

O diploma estipula que o recurso aos mecanismos de rescisão do contrato e suspensão temporária do vínculo laboral só poderá verificar-se nos 90 dias seguintes à entrada em vigor do diploma.

O decreto-lei terá aplicação nas Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, sem prejuízo das adaptações que lhe venham a ser introduzidas por diploma regional.

O preâmbulo do diploma considera que a existência de trabalhadores com salários em atraso em empresas em laboração «é unanimemente reconhecida como jurídica, social e moralmente inaceitável», tratando-se de «uma situação a que urge pôr cobro de imediato».

Parlamento europeu saudou a entrada dos deputados portugueses e espanhóis

O presidente do Parlamento Europeu, Pierre Pflimlin, desejou ontem em Estrasburgo as boas-vindas aos 60 novos parlamentares espanhóis e 24 portugueses na abertura da primeira sessão daquela instituição depois do alargamento.

«Vivemos uma hora histó-

ca», disse.

Este alargamento, continuou, impunha-se devido a «um imperativo político», porque «é impossível invocar e compreender a nossa história comum» sem ter em conta os papéis desempenhados pela Espanha e por Portugal.

«A contribuição que trouxeram à Europa as nações espanhola e portuguesa é da máxima importância», referiu, sublinhando que o lugar «da Espanha e de Portugal é naturalmente na nossa Comunidade».

O presidente do Parlamento Europeu não deixou, no en-

tanto, de sublinhar as dificuldades que se encontram associadas ao alargamento, afirmando que «a integração de duas economias nacionais que têm a sua originalidade num conjunto que não é ainda totalmente homogêneo é um empreendimento difícil».

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)		54\$75	60\$75
ALEMANHA FED (marco)		63\$35	64\$55
ÁUSTRIA (selim)		85\$95	95\$15
BELGICA (franco)		25\$937	35\$137
BRASIL (cruzeiro)		\$007	\$017
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)		112\$25	114\$75
(notas de 5 a 1000)		112\$75	115\$25
DINAMARCA (coroa)		17\$25	17\$65
ESPAÑA (peseta)		\$984	1\$109
EUA (dólar - notas de 1 e 2)		157\$30	160\$80
(notas de 5 a 1000)		157\$80	161\$30
FINLÂNDIA (marka)		28\$75	29\$35
FRANÇA (franco)		20\$65	21\$35
HOLANDA (florim)		56\$25	57\$35
IRLANDA (libra)		194\$65	198\$65
ITÁLIA (lira)		\$084	\$094
JAPÃO (iene)		\$749	\$784
NORUEGA (coroa)		20\$60	21\$10
REINO UNIDO (libra)		226\$90	231\$40
SUÉCIA (coroa)		20\$50	21\$00
SUIÇA (franco)		74\$75	76\$25
VENEZUELA (bolivar)		9\$20	10\$20

Observações:

1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

Na Execução Ordinária n.º 8.388, contra a executada Fernando Carvalho & Vasconcelos, Lda., foi designado o dia 30 de Janeiro, pelas 10 horas, no Segundo Juízo Cível de Lisboa, 3.ª Secção, para a abertura das propostas entregues até ao momento na secretaria judicial, pelas pessoas interessadas na compra do direito ao trespassse e arrendamento do estabelecimento comercial sito na loja oito do Centro Comercial da Porta de Sacavém, penhorado naqueles autos.

As propostas devem mencionar preço superior a 400.000\$00 (quatrocentos mil escudos) já oferecidos pela executada Costa & Pinheiro, Lda. para o mesmo direito lhe ser adjudicado em pagamento do seu crédito.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito

(Lino Augusto Pinto)

O Escriturário,

(Carlos Frederico Sanchez)

D.L. 14/1/86 — 1.ª Pub.



Lisboa é sua não deixe lixo na rua

Acordo laboral na Lisnave

A Administração e os trabalhadores da Lisnave assinaram um acordo laboral por um ano, através do qual a empresa se obriga a proceder ao pagamento dos salários em atraso — informou fonte da comissão de trabalhadores.

O acordo, subscrito sexta-feira, decorre da resolução do Conselho de Ministros que faz depender a atribuição do subsídio de 150 000 contos à Lisnave da obtenção de um acordo que permita viabilizar a empresa e instaurar a paz social e laboral.

A mesma fonte disse que o acordo prevê que os 150 000 contos sejam utilizados no pagamento integral dos salários do mês de Janeiro e que o pagamento da dívida aos trabalhado-

res se fará através do acréscimo de 5 por cento ao vencimento normal, a partir de Abril.

Fonte da Administração da Lisnave disse à Anop que a empresa «está a estudar um esquema de pagamento da dívida aos trabalhadores», mas declinou precisar como se irá processar o pagamento.

Nos meses de Fevereiro e Março, os trabalhadores da Lisnave deverão continuar a receber vencimentos conforme facturação, situação em que se encontram há vários meses.

A viabilização da empresa passa pela reorganização interna e pela flexibilização de mão-de-obra, ou seja, cada trabalhador poderá desempenhar funções similares às previstas

na sua categoria profissional, no âmbito do acordo celebrado, que prevê a reintegração progressiva dos trabalhadores que rescindiram o contrato de trabalho com a empresa.

«O acordo laboral vai permitir à Lisnave uma redução dos custos da ordem dos 10 milhões de contos em 1986, o que compensa os prejuízos sofridos em 1984 e 1985 (da ordem dos 5 milhões de contos em cada ano), e aumentar a produtividade da empresa tomando-a produtiva e competitiva», afirma a administração.

Desde que a Lisnave foi declarada em 1984 em situação económica difícil, cerca de 2000 trabalhadores rescindiram o contrato de trabalho

Cinco milhões da CEE para Bissau

A CEE concedeu à Guiné-Bissau 4,9 milhões de contos (35 milhões de ECU) no âmbito do programa da Convenção de Lomé-III, para o desenvolvimento.

Esta verba, concedida a fundo perdido, destina-se a projectos de desenvolvimento que

serão escolhidos durante as conversações, que decorrerão em Bissau a partir da segunda-feira, entre as autoridades locais e representantes da CEE.

Para estas conversações desloca-se à capital guineense uma missão da CEE chefiada por Michel Hauswirth,

director-geral adjunto da Comissão para o Desenvolvimento, da Comunidade Europeia.

Além deste financiamento, a Guiné-Bissau poderá, ainda, beneficiar de recursos financeiros adicionais, previstos pela Lomé-III.

Conversações de Genebra

DECORREM desde ontem em Genebra as conversações preliminares à discussão de um tratado de proibição de armas químicas. O comité «ad hoc» sobre armas químicas, que conta com representantes das 40 nações participantes na Conferência de Desarmamento de Genebra, reunir-se-á durante três semanas antes do início da conferência, prevista para 4 de Fevereiro.

Tutu premiado

O bispo sul-africano Desmond Tutu recebe no dia 20, em Atlanta, Geórgia, o Prémio «Martin Luther King», atribuído pela luta não-violenta pela paz, foi anunciado em Nova Iorque. O bispo anglicano negro, galardoado em 1984 com o Prémio Nobel da Paz, encontra-se actualmente de visita aos Estados Unidos.

Nigéria será democrática

O presidente da Nigéria, general Ibrahim Babangida, disse ontem que o país terá um Governo civil em 1 de Outubro de 1990. Babangida fez a declaração ao visitar Abuja, futura capital da Nigéria. O novo Governo será eleito democraticamente, prometeu o general.

A proibição de Winnie Mandela

UM juiz do Supremo Tribunal sul-africano indeferiu o requerimento da activista «anti-apartheid», Winnie Mandela, pedindo a revogação da ordem governamental que a proíbe de residir na sua casa do Soweto, subúrbio negro de Joanesburgo. No entanto, o juiz Louis Le Grange autorizou-a a interpor recurso num tribunal composto por todos os magistrados do Supremo Tribunal.

Relações Espanha-Polisário

O líder da Frente Polisário, Mahfud Ali Beiba, afirmou em Argel que o movimento está disposto a encetar oficialmente e «de forma global» as negociações com Espanha para a normalização das relações bilaterais.

Apoio dos EUA à UNITA

A Administração Reagan já tomou a decisão de solicitar ao Congresso fundos para apoiar os rebeldes que combatem o Governo de Angola, noticia a revista norte-americana «US News and World Report». A revista acrescenta que a única questão que falta decidir é a do montante dos fundos necessários e se o apoio aos rebeldes angolanos deve ser público ou encoberto.

Yelena Bonner operada

YELENA Bonner, mulher do dissidente soviético Andrei Sakharov, encontra-se hoje bem, depois de ter sido submetida a uma operação ao coração de mais de quatro horas. «A operação correu muito bem e ela está agora a reagir bastante bem na unidade de cuidados intensivos» — disse um porta-voz dos Hospital Geral de Massachussets.

Abu Nidal a um jornal árabe:

“Encontrava-me nos EUA quando Reagan pediu a minha cabeça”

O líder palestino radical Abu Nidal declarou em entrevista a um jornal do Abu Dhabi que o seu grupo realizou os ataques contra os aeroportos de Roma e Viena em que morreram 19 pessoas.

O jornal «Al-Wihda», a quem são atribuídas boas ligações com as várias facções do movimento palestino, publica a entrevista afirmando que ela foi feita na quarta-feira numa capital árabe. A conversa decorreu sob a condição de que não fossem feitas fotografias e de que o país onde decorreu não fosse identificado.

«Os ataques (de Roma e Viena) são trabalho nosso... também realizámos outros em Bruxelas, Madrid e outros lugares», disse Abu Nidal.

Interrogado sobre se tais acções lhe pareciam legítimas, o radical palestino respondeu: «Sim... absolutamente, é legítimo».

O jornal refere que Abu Dhabi teve palavras de elogio para o dirigente líbio Moammar Khadafi — «Tem-nos sido de um grande auxílio até agora. É um homem honesto com quem temos laços fortes».

Na entrevista, Sabri Al-Banna (o verdadeiro nome de Abu Nidal) afirma movimentar-se livremente e visitar com frequência os Estados Unidos, utilizando oito passaportes falsos com nomes diferentes.

«Encontrava-me nos Estados Unidos em visita pessoal quando Reagan estava a pedir a minha cabeça».

Interrogado sobre como podia comprovar a sua identidade, Abu Nidal abriu a camisa e mostrou marcas do que disse ser uma operação ao coração a que se submeteu nos Estados Unidos em 1977.

«Nessa altura, utilizava o nome de uma famosa personalidade árabe e um passaporte falso», disse.

Abu Nidal revelou ainda ter efectuado «há alguns meses» em Itália uma operação de cirurgia plástica. «Nem a minha mulher, a minha mãe ou os

meus filhos me reconheceram... até que lhes falei».

O dirigente do Conselho Revolucionário Fatah reafirmou cooperar com organizações armadas da Europa Ocidental como a Acção Directa, da França, as Células Comunistas, da Bélgica, a ETA, do País Basco, ou o Exército Republicano Irlandês, do Ulster.

Craxi critica Khadafi

O primeiro-ministro italiano, Bettino Craxi, declarou que a Líbia devia distanciar-se do grupo palestino de Abu Nidal, responsável pelos ataques de comandos contra os aeroportos de Roma e Viena.

«A Líbia não se distanciou como devia (do grupo de Abu Nidal) e na realidade confirmou o seu apoio», afirmou Craxi a jornalistas em Milão.

Hoje, o chefe do governo italiano inicia uma visita de quatro horas ao Cairo, para conferenciar com o presidente egípcio, Hosni Mubarak.

O gabinete de Craxi indicou que no centro das conversações

com Mubarak estarão a situação no Médio Oriente e formas de dar novo ímpeto à proposta de paz do rei Hussein da Jordânia.

Conversações sobre terrorismo

O subsecretário norte-americano de Estado, John Whitehead, inicia amanhã uma deslocação a oito países europeus e ao Canadá para conversações sobre o terrorismo internacional, revelou o Departamento de Estado.

A deslocação de Whitehead visa alertar diversas nações para «a ameaça líbia de apoio ao terrorismo e as medidas preventivas a adoptar», indicou o porta-voz Bernard Kalb.

A visita de Whitehead a Bona, Roma, Paris, Ancara, Atenas, Haia, Bruxelas, Londres e Otava foi anunciada na passada semana, quando o presidente Reagan decretou várias sanções económicas contra o governo de Moammar Khadafi, que acusou de apoiar os guerrilheiros palestinos que atacaram no passado dia 27 os aeroportos de Roma e Viena.

Aristides Pereira reeleito presidente de Cabo Verde

Aristides Pereira foi ontem reeleito presidente da República de Cabo Verde, durante a sessão constitutiva da terceira legislatura da Assembleia Nacional Popular (Parlamento), eleita em 7 de Dezembro de 1985. O breve discurso de tomada de posse do chefe de Estado cabo-verdiano foi marcado fundamentalmente por uma apelo às camadas mais jovens da população para que empenhem ainda mais nas tarefas de reconstrução nacional.

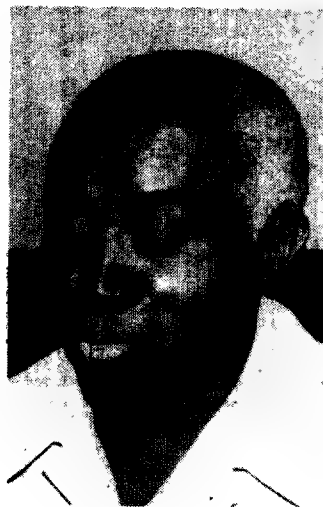
Aristides Pereira salienta que qualquer empresa que pretenda avançar deve prepa-

rar-se continuamente para substituir os quadros velhos por novos, justificando assim o tom do seu discurso.

Na sessão de ontem, o plenário escolheu também a mesa da ANP, tendo eleito como seu presidente Abílio Duarte.

O Parlamento cabo-verdiano reúne hoje novamente para votar o novo primeiro-ministro, que será proposto por Aristides Pereira.

Fontes oficiais disseram à Anop que o nome a propor será, mais uma vez, o de Pedro Pires, chefe do governo de Cabo Verde desde a independência do país, em Julho de 1975.



Golpe falhado no Iemen do Sul

Quatro funcionários superiores sul-ieménitas foram executados por tentativa de assassinato do presidente Ali Nasser Mohammed durante o golpe de Estado fracassado — anunciou a rádio de Aden.

De acordo com a mesma fonte, os executados são Ahmed Antar, vice-presidente do Presidium do Partido no poder e Abdul-Fattah Ismail, funcionário do mesmo partido e antigo presidente e ainda Ali Salem Al-Beid e Ali Shayan Hadi.

Numa emissão captada em Manama, a rádio informou que um número não especificado de outros funcionários foram detidos e serão enviados a tribunal.

CARTÃO JOVEM ENERGIA RENOVÁVEL

Cada ano tem o seu Cartão Jovem. 1986 não foge à regra.

Compra o teu, sem demora, e multiplica as tuas viagens durante a primeira quinzena de Janeiro.

Aproveita já o teu Cartão Jovem. A tua energia renovável.



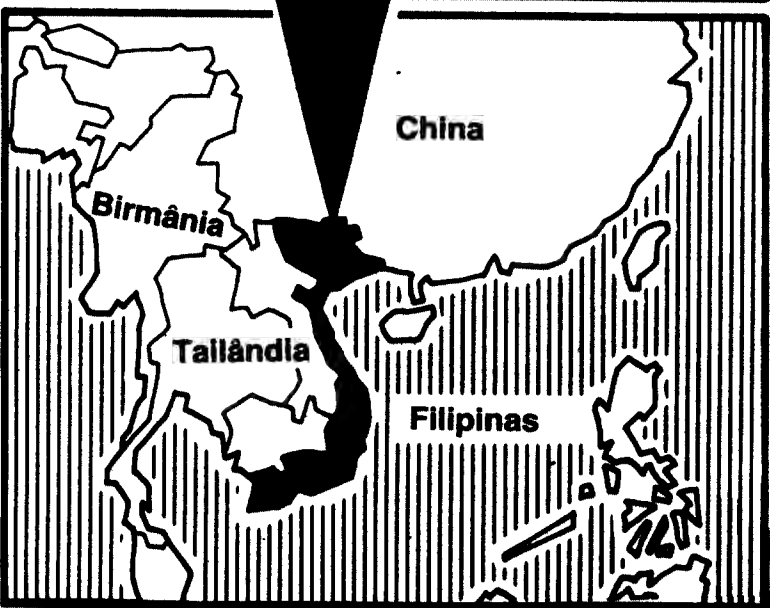
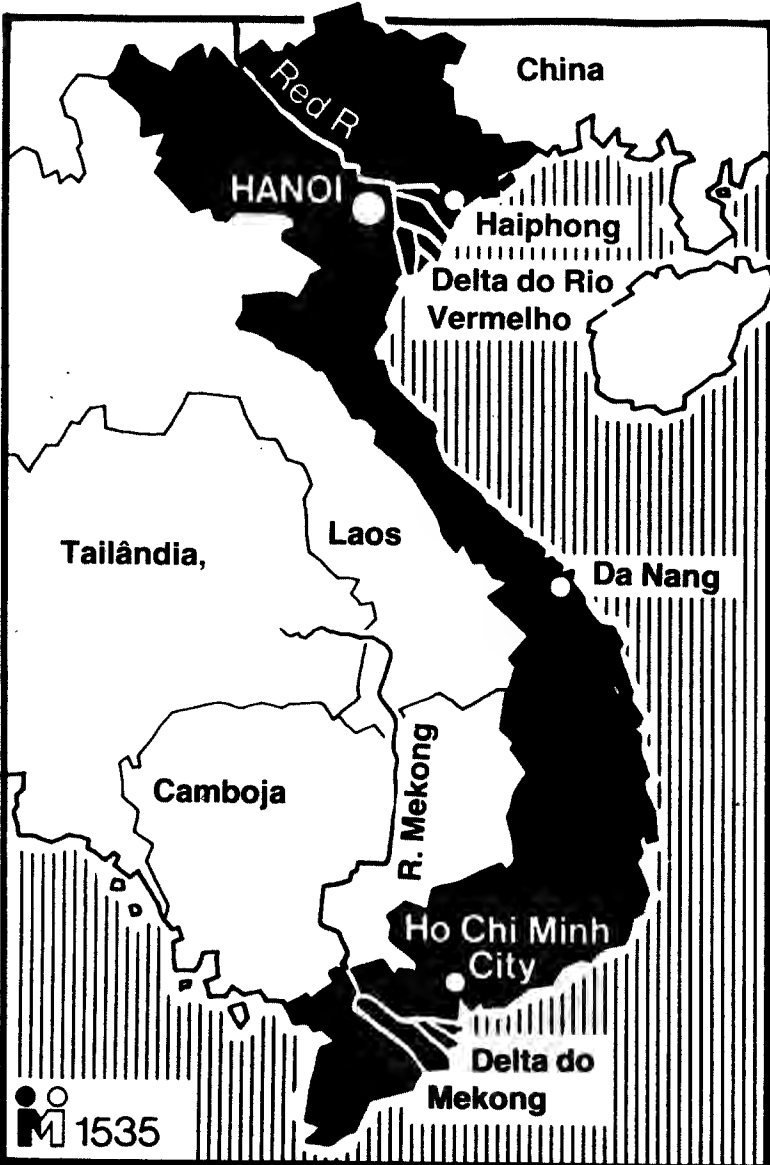
'Matador de gigantes' tem dificuldade em vencer a batalha da economia

Dez anos passados sobre a unificação do Vietname por um governo comunista, e sete anos depois da invasão do Camboja, os seus dirigentes tomam consciência da necessidade de descentralizar se quiserem recuperar economicamente o país.

Nicholas Negen

Exclusivo "Demini News Service" / «D. L.»

O Vietname, único país que foi capaz de vencer militarmente os Estados Unidos, continua a ser, no plano económico, uma das nações mais pobres do Mundo. O seu rendimento anual per capita, calculado em cerca de 24 contos, coloca-o na cauda do desenvolvimento.



No entanto, o Vietname não é intrinsecamente pobre. Os deltas dos rios Mekong e Vermelho são férteis regiões agrícolas e importantes reservas de carvão, petróleo e bauxite fornecem as bases necessárias para uma economia industrial próspera. Porquê então o atraso económico? São basicamente duas as razões que têm impedido o Vietname de se desenvolver.

Por um lado, o esforço de reunificação do país sob a economia planificada, instaurada no Norte há perto de 40 anos, levou a inevitáveis erros. Um destes, foi a subordinação de um Sul relativamente próspero aos interesses ideológicos do Norte, o que fez com que, em vez da economia deste igualar o progresso do Sul, fosse o Sul a ser reduzido ao nível do primeiro.

Depois, a invasão do Camboja, em Dezembro de 1978, que conduziu à destituição do desacreditado regime de Pol Pot por uma direcção comunista mais ao gosto de Hanoi, exacerbou os problemas económicos do Vietname. Para além dos custos de manutenção de 160 mil soldados no Camboja (a maioria dos quais não deverá ter emprego quando regressar a casa), a invasão isolou o Vietname do mundo não comunista.

Sob pressão dos Estados Unidos e dos Estados capitalistas do Sudeste Asiático, o Vietname viu-se desligado do circuito económico ocidental, com uma dramática redução das suas reservas de divisas convertíveis e consequente aumento da dependência da União Soviética e dos outros membros do bloco económico socialista, o COMECON.

Neste momento, o Vietname tem já um plano económico, coordenado com o COMECON, para o quinquénio 1986-1990, que inclui reformas que, por ironia, poderão reaproximá-lo dos países capitalistas.

Trata-se, no fundo, do resultado das pressões exercidas pelos países do Leste Europeu, cansados do peso que o Vietname representa para as suas próprias economias. A Checoslováquia, por exemplo, que tem 40 mil operários vietnamitas a trabalharem nas suas fábricas, e que desta forma ajudam a pagar a dívida do seu país, tem criticado abertamente a inaptidão dos idosos líderes do Vietname para enfrentarem os problemas económicos que se lhes depa-ram.

As reformas, recomendadas pelos aliados socialistas, principiaram em 1980 com a liberalização da agricultura, dando aos agricultores o direito de venderem no mercado livre os excedentes de produção. Nesta linha, as autoridades autorizaram também alguns municípios e províncias a constituírem empresas de comércio, em condições de lidarem directamente com os parceiros comerciais estrangeiros.

O ano passado foram introduzidas mais reformas. Subsídios ao arroz, carne e combustíveis foram abolidos em Junho, enquanto os salários atingiam níveis mais realistas. Neste campo, novas diferenças salariais foram autorizadas, dando um incentivo suplementar ao trabalho extraordinário. Tais medidas produziram já resultados positivos no campo agrícola, colocando o Vietname próximo da auto-suficiência na produção de arroz, tendo sido alargadas a todo o sector operário, depois de algumas experiências aparentemente bem sucedidas em meia dúzia de cidades e de províncias.

Uma reforma monetária a dois níveis, impulsionada por salários mais altos e consequente inflação, traduziu-se em taxas de câmbio mais realistas.

O *dong* (moeda nacional) foi desvalorizado em relação ao dólar, que curiosamente se mantém como a moeda de maior expressão no comércio tanto interno como externo do Vietname, e fixado o seu valor 10 pontos abaixo do câmbio anterior. Presentemente, o dólar vale 150 *dong*, contra 11 há um ano. Embora no mercado negro da cidade de Ho Chi Minh (antiga Saigão), onde circula livremente, a moeda norte-americana continue a ser cotada muito acima da taxa oficial, a reforma monetária, aliada aos incentivos salariais e à produção, sugere que os dirigentes vietnamitas ten-

tam agora seriamente promover a economia do país.

É provável que, este ano, surjam novos sinais deste emergente pragmatismo económico. Para já, foi anunciado que a liderança do partido prepara uma lei dos investimentos estrangeiros que poderá permitir que o investimento externo assegure a posse de 99 por cento do capital em qualquer iniciativa conjunta, podendo estes capitais ser movimentados livremente, desde que enquadrados pelas leis vigentes. Paralelamente, deverão ser dadas garantias de não nacionalização do investimento, bem como facilidades fiscais, num esquema que passa pela revisão prévia das leis impostas em 1977.

Se este conjunto de medidas for aprovado no próximo Congresso do partido, deverá ser imediatamente aplicado a sectores mais atraentes para o investimento estrangeiro, como os têxteis, a manufatura, a electrónica e a indústria hoteleira.

O êxito desta abertura a capitais exteriores tão atractivos como são os japoneses e norte-americanos (e cujos empresários o Vietname tem tentado captar, a despeito do bloqueio diplomático) dependerá de diversos factores, incluindo o clima económico internacional. Mas a abertura ao mundo capitalista poderá reduzir a dependência económica do Vietname face ao bloco socialista. Neste momento, o Vietname depende totalmente da União Soviética em sectores estratégicos como os de combustíveis, fertilizantes, aço e algodão, e parcialmente em áreas como estradas, caminhos-de-ferro, pontes e produção de energia eléctrica.

(A extensão exacta dos «subsídios» soviéticos ao Vietname nunca foi revelada. Alguns observadores acreditam que poderá elevar-se a 3 milhões de dólares por dia, excluindo mesmo assim o auxílio militar. Pouco depois da assinatura de novo acordo económico para cinco anos, o vice-primeiro-ministro para os Assuntos Económicos, Tran Phuog, revelou que 80 por cento da dívida externa de 2,3 biliões de dólares do país, é com a União Soviética).

A carência de petróleo foi uma das causas das dificuldades económicas vietnamitas. Embora companhias petrolíferas norte-americanas clamassem que tinham descoberto petróleo, em águas do Sul, antes da queda de Saigão, em 1975, a verdade é que a empresa estatal «Petro Vietname», assistida pelos soviéticos, não conseguiu enviar, para exportação, uma só gota daquele líquido. Em 1984 pensou-se que em finais do ano passado o país poderia começar a vender petróleo. Fracasso. Agora, Tran Phuog adoptou uma atitude mais realista e anunciou que demorará pelo menos cinco anos até que o seu país consiga uma produção razoável.

Prioridade imediata para os líderes vietnamitas é a auto-suficiência em cereais. Este objectivo quase foi atingido nos últimos dois anos: mais de 18 milhões de toneladas foram produzidas em 1984, o que ficou apenas ligeiramente abaixo das necessidades alimentares de 60 milhões de bocas, mantidas aquém dos padrões internacionais mínimos de nutrição.

O objectivo de 19 milhões de toneladas para 1985, sofreu, porém, um rude golpe com os tufões que assolaram o país, devastando largas áreas agrícolas, no Centro e no Norte. E é à medida de um país pobre que o Vietname consegue exportar arroz: vende-o da melhor qualidade no mercado de Singapura, para depois importar arroz de qualidade inferior.

Para além disso, a carência de fertilizantes necessários para apoiarem os grandes arrozais recém-criados, aumenta a dependência vietnamita em relação à União Soviética, à Índia e, futuramente, também à CEE. Outro auxílio internacional está, por enquanto, vedado, com os potenciais dadores argumentando que o Vietname deve retirar do Camboja se quer ser aceite como parceiro.

Até agora, Hanoi tem resistido a estas pressões, limitando-se a garantir que as suas tropas regressarão a casa em 1990, a menos que um acordo sobre o Camboja seja estabelecido antes disso.

Ser "gay" em São Francisco

Bernard Guetta

Exclusivo Le Monde/DL

A coisa mantém-se abstracta nas estatísticas médicas: um jovem e meio por dia. Na rubrica necrológica do «Bay Area Reporter», o grande semanário «gay» da cidade, estes jovens têm um nome, uma profissão, e, a maior parte das vezes, um local de nascimento muito afastado dessas colinas de casas aciduladas, debruçadas sobre o Pacífico.

É que eles vieram para aqui de todos os Estados Unidos, atraídos há dois, cinco ou quinze anos por uma liberdade, a de serem eles próprios, isto é — o vocabulário é instável —, homossexuais ou maricas, pederastas ou «gays», que importância tem isso hoje? Foi a morte que eles encontraram, uma morte omnipresente, traiçoeira e que chega a pouco e pouco, que se instala, silenciosa, nos corpos, e apanha, de súbito, ao acaso — sessenta novos casos por mês — vítimas às quais um diagnóstico não deixa, de momento, nenhuma esperança.

Ponham os seus assuntos em dia, aconselha uma brochura que é proposta, nas consultas especializadas de São Francisco, a cada novo PWA (People with AIDS, pessoas atingidas pela SIDA). É tão claro que tudo parece dito, mas a SIDA em São Francisco não é somente um record nacional de 1500 casos por 700 000 habitantes contra 4500 em Nova Iorque, cuja população é dez vezes maior. A SIDA, nestas ruas belas e agradáveis é sobretudo 70 000 pessoas, um décimo da cidade grande, uma cidade inteira, atacada pela peste — a primeira e única cidade homossexual do mundo, fundada aqui na alegria quando o impulso libertário e a revolução sexual sacudiam, há vinte anos, a Califórnia.

A peste mata (já há 750 vítimas), mas, antes de mais, ela refaz essa comunidade modificando os seus territórios, as suas ambições e a sua vida. Para Dana Van Gorder, de vinte e nove anos, assistente de Harry Britt, conselheiro municipal «gay» de São Francisco, cada um deve agora fazer face à morte ou à agonia de um próximo, ao terror, a menos que não seja ele próprio o atingido. Isto não abandona os espíritos, as pessoas examinam-se e ocupam-se de si próprios, quando precisamos de mobilizar todas as energias na batalha política. E essa batalha que ontem teria tido lugar na afirmação do direito de ser homossexual, já só tem hoje por objectivo fazer autorizar o uso de novos medicamentos antes de eles serem completamente testados e arrancar ao Congresso um aumento dos créditos federais de luta contra a SIDA.

O nosso primeiro dever é salvar vidas, diz, por seu lado, Bill Kraus, que antes da última eleição presidencial representava os «gays» no seio da comissão encarregada de elaborar a plataforma democrata. Depois disso essa representação foi

suprimida, e Bill Kraus tornou-se, ele próprio, um dos 15 000 americanos atacados pela epidemia. Ele explica que se a comunidade homossexual não tivesse sido organizada a situação criada pela SIDA seria ainda pior, mas acrescenta: **Embora eu deteste dizer isto, fomo longe de mais na sexualidade.**

Não é o único a pensar isto, e Folsom, por exemplo, longa artéria sinistra que era terra «gay» numa boa dezena de blocos, foi reconquistada pelos «straights» (heterossexuais) que compraram por bom preço bares desertos para abrir boîtes onde rapazes e raparigas vão dançar. Alguns quarteirões ainda se mantêm, mas, como velhos edifícios num bairro em renovação, vestígios de uma época de que um dia as pessoas mal se vão lembrar.

Faustosamente equipados para todos os prazeres, os grandes estabelecimentos de banhos foram encerrados, e é proibido, por lei municipal, praticar orgias. Mesmo na Castro, Campos Elíseos da comunidade, grandes cadeias de distribuição compram contratos de arrendamento e o letreiro «Para vender» enfeita a fachada apagada da grande livraria especializada.

A comunidade multiplica as concessões à moral geral, mas nenhum dos seus porta-vozes está disposto a admitir que, à força de renunciar às suas conquistas mais provocatórias, essa cidade podia desaparecer ou, em todo o caso dissolver-se na cidade grande. John Lorenzini, director para São Francisco da associação, Embriónaria mas nacional, dos PWA, não reconhece assim a erosão de Folsom, a não ser para acrescentar imediatamente: **Mas Folsom era o canto dos bares do cabedal.**

Ele quer dizer com isto o canto dos SM, sado-masquistas vestidos de cabedal preto e cobertos de correntes. Um excesso, em suma, dá ele a entender, e que já não estava certo porque, diz ele: **Com SIDA ou sem ela tem que acabar o tempo em que dois tipos se encontravam e pronto, adeus! O meu sonho é que a comunidade compreenda que pode haver verdadeiras relações sem que sejam sexuais.**

O projecto Shanti

Saindo da consulta, um homem entrou então na sala de espera da AIDS Clinic, onde John Lorenzini se encontrava nessa manhã. Cinquenta anos e uma aparência de atleta, este antigo professor de jornalismo



Vieram atraídos por uma liberdade, a de serem eles próprios. O que encontraram foi a morte

de Nova Iorque disse numa voz igual que a palidez da sua fronte desmentia: **É uma forma muito agressiva. Uma forma de sarcoma de Kaposi, cancro de pele que é uma das principais doenças de que morrem as vítimas da SIDA.** John Lorenzini pegou-lhe na mão e colocou-a sobre a sua coxa, num gesto de enfermeiro das almas, papel que tem cumprido desde que há já dois anos sofre de SIDA.

Antes de mais, conta esse contabilista vindo do Nebraska, foi como se tivesse sido atirado para o nada: sem emprego, sem casa, sem auxílio médico, e o único recurso da assistência social. Depois encontrou um teto graças ao Shanti Project, uma organização humanitária subvencionada pelo município para ajudar os PWA e que aluga casas nas quais cada um deles pode ter o seu quarto por um aluguer proporcional ao dinheiro de que dispõe.

O Shanti também desenvol-

veu uma rede de voluntários (nem sempre gays) que assistem os moribundos, dão um «apoio afectivo» aos doentes e aos seus próximos ou fazem recados e limpam a casa dos que não podem sair. Constituiu-se uma frente contra a peste, frente esta que mobiliza a comunidade e cuja primeira fatia é a AIDS Foundashon, para entre outras coisas, responder a chamadas telefónicas angustiadas; assegurar uma alimentação sã aos doentes indigentes; promover o uso dos preservativos ou animar uma associação de trezentos empregados de bar gays que intervêm nas conversas para dar explicações sobre a SIDA ou por em guarda contra a tentação de uma noite.

Quase metade do orçamento da fundação provém de colectas organizadas pelas associações gay de São Francisco (comerciantes, médicos, advogados, etc.), e John Lorenzini, no seu jeans demasiado largo e esbura-

cado conclui orgulhosamente e com certa razão que **a compaixão e a caridade substituíram o sexo como cimento dessa comunidade.** Ele diz que se a cidade sente estima pela comunidade, é porque **temos respeito por nós próprios, porque graças à coragem de hoje escrevemos um novo capítulo da nossa história, e porque ganha-se sempre quando se sabe responder positivamente a um desafio.**

Julgamos ouvir Ronald Reagan cantando as virtudes da América, e a sua voz só quebrará levemente quando ele conta como, há só vinte anos, ainda podia tentar-se, na cidade, internar um jovem por homossexualidade; como ele entrara para o exército, depois se juntara aos «mormons» para **ter, sabe, tornar-me um homem, e como São Francisco lhe trouxera a paz. A paz? Sim, diz ele, orgulho-me da minha vida e aceito tudo, completa-**

mente.

«Gay», é (era?), diz Leon McKusic, de trinta e cinco anos, psicólogo, o vocábulo da libertação — de um período onde todos vivíamos no prazer do fim do tabu, na alegria de um fato novo que se deseja, claro, mostrar. O tabu não voltou a impor-se e a população da cidade escapa à psicose largamente graças à abundância de informações quotidianas do San Francisco Chronicle. Melhor ainda, o conselho municipal que em 1985 desembolsou mais de 8 milhões de dólares para lutar contra a SIDA, adoptou recentemente, por unanimidade, uma lei que proíbia toda e qualquer discriminação contra as vítimas da doença.

Normalização e singularidade

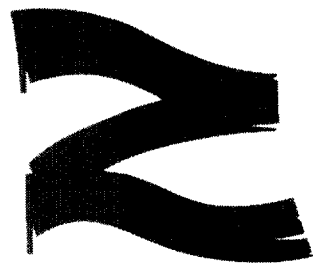
Muitas vezes receada, a perseguição não se produziu, e a Castro, continua a exibir uma

Continua na pag. 20

TEMPO DE ANTENA

na RTP

QUARTA-FEIRA, DIA 15
ÀS 20.30



Nova Democracia
Nova República



ZENHA À PRESIDÊNCIA

COM
FRANCISCO SALGADO ZENHA
DAVID MOURÃO-FERREIRA
MANUELA EANES



MUNICÍPIO DE LISBOA

ANÚNCIO

Prémio Municipal "Júlio César Machado"

Faz-se público que está aberto concurso para atribuição do Prémio Municipal "Júlio César Machado", no valor pecuniário de 50 000\$00, destinado a galardoar o autor do melhor artigo inscrito em publicações periódicas nacionais durante o ano de 1985 que, sobre qualquer aspecto de Lisboa, apresentou ideais e formas dignas de apreço especial.

Os interessados em concorrer devem apresentar nos Serviços de Acção Cultural da Câmara Municipal de Lisboa — Palácio dos Coruchéus, Rua Alberto de Oliveira, Lisboa — até ao dia 31 do corrente mês, o seu pedido de admissão a concurso, acompanhado de 5 exemplares da publicação em que o artigo foi inserido.

Paços do Concelho de Lisboa, em 6 de Janeiro de 1986

O Vereador,

Manuel Maria de Meneses Pinto Machado



MUNICÍPIO DE LISBOA

ANÚNCIO

Prémio Municipal "Júlio de Castilho"

Faz-se público que está aberto concurso para atribuição do Prémio Municipal "Júlio de Castilho", no valor pecuniário de 100 000\$00, instituído pela Câmara Municipal de Lisboa e destinado a galardoar o autor do melhor livro original, impresso em língua portuguesa e publicado em Portugal entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro de 1985, de investigação, propaganda ou divulgação da cidade de Lisboa, nos seus aspectos arqueológicos, históricos, literário, artístico ou urbanístico.

A apresentação ao referido concurso faz-se por simples carta dirigida, até ao próximo dia 15 do mês de Fevereiro, aos serviços de Acção Cultural desta Câmara, Palácio dos Coruchéus, Rua Alberto de Oliveira, Lisboa, acompanhada de 5 exemplares das obras respectivas, cuja recepção será comprovada por recibo.

Paços do Concelho de Lisboa, em 6 de Janeiro de 1986

O Vereador,

Manuel Maria de Meneses Pinto Machado

Ser "gay" em São Francisco

Continuação da pág. 19

certa singularidade. As mulheres são ali tão inesperadas como palmeiras no gelo, o banco é homossexual como o são o vendedor de vinhos e licores, os médicos do gabinete de grupo, o agente de seguros, os proprietários e os inquilinos, o anti-quário e o vendedor de queijo. O pintor da esquina morreu, e com ele uma certa exuberância.

Antes de aceitar a evidência da epidemia, os interessados iam ali a qualquer hora to pick somebody up, e era tal a afluência nos passeios que bastava, dizia-se em ar de brincadeira, escolher o seguinte se se tinha falhado o primeiro. Hoje os comerciantes queixam-se da baixa do volume de negócios, o casal de decoradores desejava que o bairro se tornasse menos evidentemente gay. O turismo homossexual outrora florescente, está em queda livre, e o vendedor da loja de roupa constata: **Acabou a revolução sexual.** Logo o patrão o corrige: **A promiscuidade nunca teve nada a ver com a revolução sexual.**

As pessoas já em todo o caso não se procuram nos passeios, nem nos bares — cujas fachadas, desde a libertação, são de vidro transparente — já não há salas discretas, com pouca luz, e vê-se, muito ajuizadamente, televisão — salvo, está bem de ver, na tarde do desafio. **São Francisco-Seattle**, durante o qual se ouvem em toda a Castro berros e hurras de cidadãos, como todos.

As sondagens anuais realizadas desde 1982 por Leon Mckusick mostram que, em cinco anos, o número de membros da comunidade que, no mês precedente não tinham nenhum partenaire, duplicou (de 7% para 13%), enquanto que os que declaravam seis ou mais diminuíu dois terços (9% contra 26%). O casal e a fidelidade são valores em ascensão, e largamente difundidos. As linhas directivas para a **safe sex** (sexo sem risco) começam a ser conhecidas por todos e muito aplicadas. Não se deve trocar espermias, nem saliva nem sangue, e usar com muita atenção os preservativos.

Restam, em suma, a ternura e a masturbação — **criadora** (os Estados Unidos são o país do marketing), — e Leon Mckusick falando do seu próprio

medo que tornou toda a comunidade hipocondríaca, diz que já não fuma nem bebe, para que o seu organismo possa resistir melhor no caso de...

Nostalgia

O bar na esquina da Castro e Market tem a tranquilidade de um «pub» inglês. O jovem que está sentado no banco ao fundo, ao lado de um quadragenário, fala muito. Vai casar daí a um mês porque abandonou a homossexualidade logo que se começou a falar do «cancro gay», como então se dizia. Que faz ele então aqui? Nostalgia, e depois, é um simples bar. O amigo, o quadragenário, esse é um simples amigo e até é monge franciscano.

E «gay»? O monge, muito, mas muito divertido «80%». Um monge não deve ter relações sexuais, pois não? Claro que não, responde, e ele não as tem. Ele sublima, vivendo naquele bairro, onde anima uma pequena paróquia «gay» — cada vez mais útil, sublinha, contando como um «barman» o acolheu na véspera: «Bemvindo a bordo do Titanic!» O falso casal desaparece.

Do outro lado do banco, o barbudo está com curiosidade de saber se a sua pronúncia se nota. Não, não é alemão nem escandinavo. Israelita. Há muitos em São Francisco, Romeu e Julieta improváveis, tão inquietos como tragicamente ignorantes da SIDA e certos de lhe escapar desde que só durmam com pessoas conhecidas. Outro bar: um careca que ainda não tem trinta anos e trabalha numa casa de câmbios, embriaga-se com leite vitaminado. É católico e não se sente à vontade com o pecado. A SIDA é o golpe de misericórdia, tanto mais terrível quanto o homem com quem vive é médico, e que o último PWA que viu morrer, de máscara de oxigénio na cara, rabisçou antes de se apagar: «Turn straight» («Torna-te hetero»).

Basta para hoje, mas, no dia seguinte, de manhã a primeira visão dos corredores da unidade 5-B, o serviço especializado do hospital público, deixa-nos petrificados: um esqueleto coberto de lesões horríveis tenta em vão fazer avançar a cadeira de rodas. Não tem cabelos, não tem olhar, não tem trinta anos, e os enfermeiros parecem não o ver. Não que sejam indiferentes a essa dor, todos eles são volun-

tários e são «gays» ou lésbicas, uma espécie de santos quase sempre. Mas este espectáculo já se tornou um hábito. Há coisas piores para além das portas dos quartos: os desfigurados, as descargas intestinais permanentes, aqueles de quem só é possível aproximarem-se com uma máscara, porque já não têm força para levar a mão à boca quando a pneumonia os dilacera.

Limpinho e bonito

Mesmo assim tudo é limpinho e bonito, e na saleta comum conversa-se entre o frigorífico cheio (dávila da comunidade) a máquina de café e o quadro que propõe (estamos na América) «t-shirts» 5-B por 5 dólares. Uma enfermeira, Diane Jones, explica que o serviço disporá em Janeiro do dobro das camas. Um doente, aida sólido mas com um herpes purulento no lábio diz com dificuldade: «Não chegam», e vai-se embora.

Às vezes é preciso pôr na rua famílias que vêm dizer a um filho moribundo: «Bem te tínhamos dito». Também não é simples anunciar a pais que chegam de uma quinta do Middle-West que o filho é «gay» e está condenado. Nem ver as batalhas entre as famílias e o «genro» odiado. Aqui nada é simples e principalmente perguntar ao doente, antes de ele perder o conhecimento, se quer que o mantenham vivo até ao fim, entubado na sala de reanimação.

«Ao fim e ao cabo — diz Bob Adrian, o jovem enfermeiro de origem húngara — isto não é pior que a fome na Etiópia ou as prisões psiquiátricas na URSS». Ele diz que só chorou três vezes, sobretudo no dia de Natal de 1984, «quando dois polícias vieram trazer presentes e entraram no quarto de um rapaz de vinte e três anos que morria lentamente e que não pôde vê-los, compreender que os polícias podiam trazer-lhe presentes, a ele». Mas esses polícias eram...? «Sim, talvez, um pouco 'gays', é possível», respondeu Bob interrompendo uma pergunta desprovida de interesse.

«Apreende-se no meio do flagelo — dizem as últimas linhas da «Peste» — que há nos homens mais coisas para admirar do que para desprezar». Verifica-se que é assim. Desde que o flagelo não dure:

O P.C.P. E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Convite

A Direcção da Organização Regional de Lisboa do P.C.P. convida-o/a a participar num **encontro-debate** de Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do P.C.P., com **independentes**, no próximo dia 15 de Janeiro, quarta-feira, pelas 21.30 horas, no Cinema Alvalade.

D.O.R.L. DO P.C.P.

África Austral

Crocker manteve conversações com as autoridades de Pretória

O subsecretário norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, entrevistou-se ontem com o presidente sul-africano, Pieter Botha, e com os ministros sul-africanos dos Negócios Estrangeiros e da Defesa.

No encontro com Botha, de uma hora e meia de duração, Crocker entregou ao presidente sul-africano uma carta do presidente norte-americano, Ronald Reagan.

O enviado especial dos Estados Unidos, que antes de se reunir com o presidente sul-africano visitou bairros negros do subúrbio de Joanesburgo, declinou a fazer declarações sobre as questões debatidas na entrevista, que decorreu no gabinete de Botha na cidade do Cabo.

Crocker manteve posteriormente cinco horas de conversações com os ministros sul-africanos dos Negócios Estrangeiros, Roelof (Pik) Botha, e da Defesa, Magnus Malan, cujo conteúdo também não foi revelado.

Antes de viajar, no domingo, para Joanesburgo, Crocker esteve em Luanda, onde efectuou

conversações com o governo angolano sobre o problema da independência da Namíbia, que Washington e Pretória fazem depender da retirada das tropas cubanas estacionadas em Angola.

Entretanto, na capital da Namíbia, Windhoek, representantes do governo interino formaram um conselho constituinte que, nos próximos 18 meses, terá por missão a redacção do texto de uma Constituição para o território.

O conselho integra 16 membros procedentes dos seis partidos políticos que formam a coligação governamental, que viu os seus poderes alargados por decisão tomada em Junho pelo governo de Pretória.

Swapo no Zaire?

Entretanto, uma fonte diplomática revelou à NP que o Zaire poderá abrigar temporariamente os guerrilheiros da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO) até à independência da Namíbia.

A iniciativa integra-se nas conversações desenvolvidas

pelos Estados Unidos com Luanda e Pretória com vista à independência do território geograficamente situado entre a África do Sul e Angola.

Forças militares sul-africanas têm invadido sistematicamente o território angolano desde 1983, a pretexto de perseguirem guerrilheiros da SWAPO que, segundo Pretória, utilizariam o território angolano para lançar operações na Namíbia.

Nas últimas semanas, Angola acusou várias vezes a África do Sul de novas incursões no seu território, onde teria atacado, há uma semana, uma coluna de abastecimento matando vários militares.

Embora a SWAPO seja reconhecida internacionalmente como o legítimo representante do povo namíbio, Pretória rejeita-a e argumenta que não é possível um processo pacífico para a independência com os guerrilheiros e efectivos cubanos em Angola.

O Zaire tem vindo há algum tempo a apoiar tacitamente as forças rebeldes da União Nacional para a Independência de Angola (UNITA), que beneficiam também do apoio logístico da África do Sul.

Confirmado o ataque da Renamo a Marromeu

Fontes oficiais moçambicanas confirmaram que a Renamo tomou a localidade de Marromeu, mas na quinta-feira passada e não ontem conforme anunciou, em Lisboa, um porta-voz do movimento rebelde.

As mesmas fontes afirmaram que se registaram numerosas vítimas civis, mas que não foram raptados nem mortos oficiais do exército ou directores da empresa açucareira estatal.

Uma fonte do Ministério da Agricultura desmentiu que a empresa açucareira de Marromeu tenha concluído qualquer negociação com a multinacional britânica Lonrho, como disse a Renamo em Lisboa.

Uma delegação desta empresa deixou no sábado a cidade da Beira, onde iniciou negociações com o ministro moçambicano da Agricultura, João Ferreira, para a criação de uma sociedade mista açucareira a funcionar perto dessa cidade.

A NP afirma que soube em Maputo que o major-general Hama Thai, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, se encontra na Beira, desde sábado, para dirigir operações relacionadas com a operação de Marromeu.

Uma fonte militar desmentiu à NP que tenham sido mortos 235 soldados moçambicanos no ataque a Marromeu, referindo que esta operação se ficou a dever substancialmente a um reforço especial vindo do Malawi.

MINISTÉRIO DO PLANO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO
SECRETARIA DE ESTADO DO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS
DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTO HIDRÁULICOS
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE OBRAS HIDRÁULICAS

DIVISÃO DE CONSTRUÇÃO

APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DE MACEDO DE CAVALEIROS
EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE ACESSO À
BARRAGEM DO AZIBO E DOS ACESSOS À TORRE DE
MANOBRAS E À ESTACÃO ELEVATÓRIA

ANÚNCIO

Anuncia-se que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida:

Preço base 30 500 000\$00
Caução provisória 762 500\$00

Alvará(s) exigido(s): IV Categoria (VIAS DE COMUNICAÇÃO E AERÓDROMOS) ou 1.ª Subcategoria (ESTRADAS E ARRUEAMENTOS, INCLUINDO TERRAPLENAGENS) da IV categoria e classe correspondente ao valor da proposta, tal como definida nos n.ºs 1 e 2 do art.º 1.º do D. L. 310/80, de 19 de Agosto.

As propostas deverão ser apresentadas na Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos, na Avenida Almirante Gago Coutinho, n.º 30, até às 17 e 30 horas do dia 4 de Fevereiro de 1986.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia 5 de Fevereiro de 1986. O processo de concurso encontra-se patente na Divisão de Construção (8.º Piso) onde pode ser examinado todos os dias úteis e nas horas de expediente.

LISBOA, em 19 de Dezembro de 1985

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
(Adolfo Gonçalves)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte: seja declarado nulo o acto de reconhecimento da paternidade do menor Nuno Miguel Rodrigues Paiva Gonçalves, rectificando-se o actual assento de nascimento do menor de modo a ficar como filho de pai incógnito, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial à disposição da ré na Secretaria deste Juízo, sito ao 4.º Piso do Palácio da Justiça de Lisboa.

Acção Ordinária n.º 3689, 2.ª secção. Autor — Mário Paiva Gonçalves. Réu — Antónia Teodora Monteiro Barbosa Rodrigues, solteira, empregada doméstica, com última residência conhecida na R. José Dias Coelho, n.º 20-1.º Esq., em Lisboa.

Lisboa, 22 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito,
J. Carvalho Pinheiro

Pro Escrivão de Direito,
Abílio António Garrido da Silva

D.L. 14/1/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

O Dr. Francisco Curto Fidalgo, Juiz de Direito do 4.º Juízo do Tribunal Judicial de Cascais.

FAZ SABER que por este juízo e 2.ª Secção, nos autos de Embargos de Terceiro n.º 2-A/84, em que são embargantes MARIA ESMERALDA MARQUES DUARTE, residente na Rua Bernardino Ribeiro, n.º 60, Parede e Embargados MARIA CORÁLIA TEIXEIRA SETAS FERREIRA, residente na Alameda D. Afonso Henriques, 60, 2.º, Dt.º, em Cascais e J. RAMALHO, LD.ª, com última sede conhecida na Rua Luís Gomes, 59-A, Amadora, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando a Ré J. RAMALHO, LD.ª, para, no prazo de dez dias, contestar querendo a referida acção, cujo duplicado fica à sua disposição na Secretaria deste Tribunal.

Cascais, 7 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito,

a) Francisco Curto Fidalgo

A Escriutária,

a) Eduarda Maria Pereira de Oliveira Cruz

D.L. 14/1/86 — 1.ª Pub.

PARTIDO RENOVADOR DEMOCRÁTICO ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 6.10.1985 CONTAS REFERENTES À APRESENTAÇÃO DAS CANDIDATURAS E CAMPANHA ELEITORAL

(N.º 1, Art.º 78.º da Lei N.º 14/79, de 16 de Maio)

B A L A N Ç O

R E C E I T A

Proveniente das recolhas de fundos de militantes a nível distrital, e cujo produto foi entregue pelos respectivos Mandatários Distritais 36 992 142\$00

TOTAL 6 992 142\$00

Lisboa, 26 de Dezembro de 1985

O VOGAL DA C. D. N.
Presidente da C. T. E.
(A. Marques Júnior)

D E S P E S A

Apoio às Comissões Distritais 7 430 000\$00
Combustíveis e Outros Fluidos 740 089\$00
Comunicação 1 077 289\$00
Despesa com o Pessoal 1 405 240\$00
Equipamento 1 625 089\$00
Imprensa 876 537\$00
Inquéritos 266 000\$00
Material de Escritório 294 696\$00
Materiais Diversos 290 012\$50
Material de Propaganda 14 970 862\$50
Refeições e Alojamento 2 554 124\$00
Sessões Públicas 1 012 960\$00
Transportes de Mercadorias e Pessoal 1 247 851\$50
Vários 2 774 208\$50

36 564 959\$00
SALDO DEVEDOR (a reverter para o Partido). 427 183\$00

TOTAL 36 992 142\$00

O VOGAL DA C. D. N.
Administrador
(A. Bandeira Bento)

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTILOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL

CONFECCOES STAHL, LDA.
AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1.º ESQ.

☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

Artur Ramos no Centro Cultural de Évora

O cineasta e encenador Artur Ramos encontra-se actualmente em Évora, a convite da Direcção do Centro Cultural de Évora, a fim de dirigir um exercício-espectáculo com os alunos do Grupo VII da Escola de Formação Teatral do Centro.

O atelier dirigido por Artur Ramos teve início em 6 do corrente e prolongar-se-á até 8 de Fevereiro próximo, data da apresentação pública do exercício, organizado com

o texto de Stephen Poliakoff «Uma noite em cheio».

O espectáculo, que terá lugar na sala da Escola, será depois apresentado numa série de 10 representações.

Os alunos do Grupo VII da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora trabalharam no primeiro trimestre, além das disciplinas de base habituais, com Madalena Vitorino (atelier de dança moderna), Francisco d'Orey (expres-

são vocal) e com o director da Escola, Luís Varela (prática teatral).

No decurso do segundo trimestre o encenador Artur Ramos dirige o seu primeiro exercício público e em seguida montará novo exercício dirigido por Mário Barradas.

Artur Ramos é assistido pelo actor da companhia do Centro, Vítor Zambujo, responsável por alguns dos cursos de aperfeiçoamento de amadores organizados todos os anos pelo departamento de formação do centro Cultural de Évora.

NOTARIADO PORTUGUÊS 14.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua da Vitória, n.º 94-1.
Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 30 de Julho do corrente ano, lavrada de folhas 93 verso e folhas 96 verso do livro de notas 22-H deste Cartório, foi constituída uma sociedade de comércio por quotas de responsabilidade limitada, a qual se regerá nos termos constantes da respectiva fotocópia, que se compõe de cinco folhas, e vai conforme ao original na parte reproduzida nada havendo na dita escritura que amplie, restrinja ou condicione, quanto se reproduz ou narra.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos 10 de Agosto de mil novecentos oitenta e cinco.

ARTIGO PRIMEIRO: A sociedade adopta a denominação de «CARDÚSTRIA — COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE SUBPRODUTOS PECUÁRIOS DA PAÍLA, LIMITADA».

ARTIGO SEGUNDO: A sua sede será provisoriamente na Rua Jorge Barradas, lote duzentos e dezasseis, quinto andar, esquerdo, em Lisboa, podendo, todavia, a mesma bem como a sede definitiva ser transferida para qualquer outro local do território nacional ou estrangeiro, mediante simples decisão da assembleia geral.

PARÁGRAFO ÚNICO: Também por simples decisão da assembleia geral poderá a sociedade instalar, manter e encerrar escritórios, filiais ou qualquer outra forma de representação onde e quando for julgado conveniente.

ARTIGO TERCEIRO: O objecto da sociedade é a comercialização, indústria de transformação, exportação e importação de subprodutos animais e produtos alimentares.

ARTIGO QUARTO: A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde a data da sua constituição.

ARTIGO QUINTO: O capital social, integralmente subscrito e realizado em dinheiro, é no valor de SEISCENTOS MIL ESCUDOS e é dividido por três quotas iguais de duzentos mil escudos cada uma, pertencendo uma ao sócio JOSÉ DA SILVA CARDOSO, outra ao sócio FERNANDO JOSÉ TEIXEIRA CARDOSO e uma outra ao sócio VÍCTOR BELO TEIXEIRA CARDOSO.

PARÁGRAFO ÚNICO: Os sócios gozam do direito de preferência nos aumentos de capital da sociedade, na proporção das quotas que nela já possuem.

ARTIGO SEXTO: Não serão exigíveis prestações suplementares mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, nas condições que vierem a ser definidas pela assembleia geral.

ARTIGO SÉTIMO: Tanto na cedência de quotas entre os sócios como na cedência a estranhos a sociedade em primeiro lugar e os outros sócios em segundo lugar têm o direito de preferência na aquisição das posições a alienar, de forma a manter-se o mesmo equilíbrio que existia entre as diversas posições sociais anteriormente à cedência.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: Se nem a sociedade nem os sócios exercerem o direito de preferência, o sócio que pretender ceder a sua quota poderá fazê-lo livremente, após verificação do presuposto previsto no parágrafo seguinte.

PARÁGRAFO SEGUNDO: Para efeito do estabelecido no parágrafo anterior, o sócio cedente só poderá ceder livremente a sua quota após comunicar, em carta registada com aviso de recepção, enviada para a sociedade e para cada um dos restantes sócios, o preço da quota e condições de pagamento e estes tiverem respondido negativamente ou nada disserem dentro do prazo que lhe for fixado pelo interessado em ceder, prazo esse que não será inferior a quinze dias.

ARTIGO OITAVO: A administração da sociedade e a sua representação em juízo ou fora dele, activa e passivamente, fica a cargo

de uma gerência, a quem são conferidos os mais amplos poderes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

PARÁGRAFO SEGUNDO: A sociedade obriga-se com a assinatura de dois gerentes, excepto nos actos de mero expediente, em que bastará a assinatura de qualquer gerente.

PARÁGRAFO TERCEIRO: A sociedade poderá constituir mandatários, mesmo entre pessoas estranhas, para quaisquer fins de interesse social, ficando definido na procuração, que para o efeito se passar, o âmbito dos respectivos poderes.

PARÁGRAFO QUARTO: Sem prejuízo do que fica previsto no parágrafo anterior, qualquer gerente poderá igualmente e por si só, delegar os seus poderes de gerência em qualquer dos outros sócios ou mesmo em terceiro, estranho à sociedade, mas, neste último caso, terá de ter prévia autorização da sociedade.

ARTIGO NONO: Por morte ou interdição de qualquer sócio, os seus herdeiros escolherão, de entre eles, um que a todos represente na sociedade, salvo se acordarem na divisão da quota do falecido ou interdição, ficando tal divisão desde já autorizada.

ARTIGO DÉCIMO: A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio nos casos seguintes:

a) No caso de pretensa cessação com ofensa do estabelecido no artigo sétimo deste pacto.

b) Quando a quota for objecto de penhora, arresto, arrolamento, apreensão ou outra providência com idêntica finalidade.

c) Em caso de falência ou insolvência do respectivo titular.

d) No caso de, por morte ou interdição do respectivo titular, os seus herdeiros não concretizarem o regime previsto no artigo nono destes estatutos, no prazo que lhes for marcado pela sociedade, mas nunca inferior a cento e vinte dias, e assim se desinteressarem da respectiva posição social.

PARÁGRAFO ÚNICO: O preço da amortização será, em qualquer dos casos, o valor da quota que resultar de um balanço especialmente dado para o efeito e poderá ser pago pela sociedade em prestações trimestrais ou semestrais, até ao prazo máximo de dois anos, não vencendo juros.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO: No caso de dissolução, que se verificará nas situações previstas na lei, serão seus liquidatários os sócios que na altura forem gerentes, podendo eles proceder à liquidação extrajudicial.

PARÁGRAFO ÚNICO: Qualquer sócio poderá, porém, exigir que se faça liquidação global, no caso de pretender adquirir todo o activo e passivo da sociedade.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO: Quando a lei não exigir outra forma especial, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com um mínimo de quinze dias de antecedência.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: As assembleias gerais, em que esteja representado todo o capital social, poderão deliberar validamente sobre qualquer assunto, mesmo que não tenha constado da convocatória, ou mesmo que não tenham sido regularmente convocadas, no prazo acima mencionado.

PARÁGRAFO SEGUNDO: Qualquer dos sócios poderá fazer-se representar na assembleia geral por qualquer pessoa, desde que esta última se encontre munida da respectiva procuração, com poderes para o efeito.

D.L. 14/1/86

ContraCena

Carlos Porto

JORGE LISTOPAD — entrevista ao «Jornal Universitário» — n.º 1-12/1985:

«... Acho que o teatro português está em crise permanente, que a crise é a sua natureza, porque o homem português é extremamente teatral, exerce a sua teatralidade em casa, na rua, no café, nos transportes comuns, e já não precisa de teatros profissionais. Todos os latinos têm uma grande carga de teatralidade. A rua aqui é diferente da de Estocolmo como a de Roma difere da de Berlim. Umas são ruas animadas, onde se passa sempre alguma coisa, onde acontecem sempre «cenas», enquanto que nos países nórdicos (não latinos, não católicos, protestantes), a teatralidade é muito mais contida, e a gente para se conhecer através da teatralidade tem que ir ao teatro. Daí que este, nos países frios, é muito mais procurado, muito mais cultivado, e talvez melhor. Em Portugal, essa crise está ligada à natureza humana, que não precisa do teatro porque o faz.»



Jorge Listopad

Comentário

Teoria aliciante — a vida do teatro substituída pelo teatro da vida — a lembrar Evreinoff. As coisas, porém, que é como quem diz a prática aí está para corrigir a teoria. É que o teatro existe, opera, interessa as gentes; lá no mundo latino e católico. É ver aqui ao lado, em Espanha, em França, em Itália: o teatro nas ruas mas também o teatro nos palcos, nos teatros, quase sempre cheios.

Não, a meu ver as coisas têm menos a ver com a epistemologia e mais com a política. Não apenas a

grande política, mas também com a pequena, com o comodismo, o desinteresse, a imbecilidade, que andam por aí aos pontapés e exercem uma censura permanente sobre o que existe ao mesmo tempo de mais frágil e de mais subversivo. O teatro precisamente. Enquanto o teatro for tratado como é, na comunicação social, em especial na RTP, nas escolas, nos próprios teatros, enquanto não for encarado como uma vivência do nosso quotidiano, tão indispensável como qualquer outra, o cinema, a televisão, o futebol, a bica — enquanto isso não acontecer continuaremos a lutar quase em vão.

Fantaspporto

Orson Welles e Fritz Lang em foco

Orson Welles e Fritz Lang serão duas das figuras em foco na 6.ª edição do Festival Internacional de Cinema do Porto/FANTASPORTO 86 que terá o seu início no dia 7 de Fevereiro.

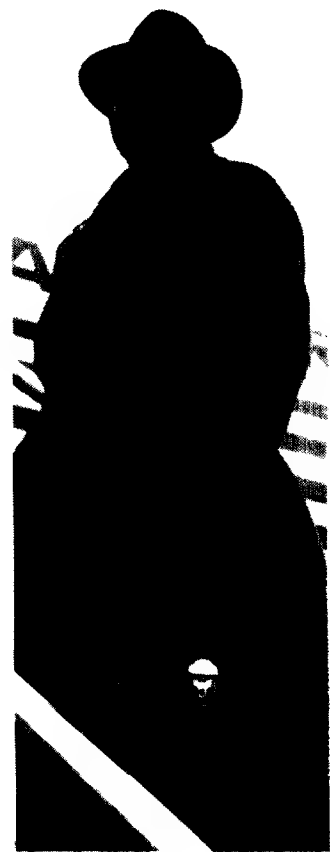
Durante os dez dias do certame a decorrer, como vem sendo habitual, no Auditório Carlos Alberto e nos cinemas Lumière A e L serão exibidos cerca de 100 filmes divididos por quatro sectores — secção oficial (antestreias, competitiva e informativa — filmes inéditos comercialmente em Portugal), secções paralelas («Os Rostos do Fantástico» — Peter Cus-

Um destaque especial poderá ser dado às homenagens que o FANTASPORTO vai realizar este ano a Orson Welles e Fritz Lang, bem como ao nosso sector paralelo «novos clássicos».

Falecido em 10 de Outubro de 1985, Orson Welles um génio que o cinema enquanto arte deu a conhecer ao mundo, autor dessa verdadeira obra máxima de todos os tempos que é «Cidadão Kane», será uma personalidade em foco. A exibição de uma curta-metragem inédita, de título «The Hearts of Age», será sem dúvida momento alto do FANTASPORTO, que completará esta homenagem com a exibição de «Malpertuis» de Harry Krumel onde Welles surge como actor principal. Esta homenagem será complementada pela exibição em vídeo, no circuito interno montado no Auditório Carlos Alberto, de grande número de filmes do realizador.

«Metropolis», «Os Nibelungos», «A Morte Cansada», Dr. Mabuse, o Inferno» e «Dr. Mabuse, o jogador» serão filmes a exhibir pelo FANTASPORTO 86 na homenagem a Fritz Lang. Tratam-se de cinco obras fundamentais para a história do cinema, realizadas nos anos 30 por esse mago do cinema alemão que os Estados Unidos viam a celebrar.

Um novo sector no Festival é o dedicado aos «Novos Clássicos». Não sendo propriamente uma secção destinada aos «cult movies» este espaço pretende ser local privilegiado para a exibição de obras que marcaram momentos fundamentais para a



compreensão da história do cinema fantástico actual. Assim este ano serão exibidos neste sector «O Nevoeiro» de John Carpenter, «Laranja Mecânica» de Stanley Kubrick, «No Limiar da Realidade» de Spielberg, Dante, Miller e Landis, «Operação Thor» de John Badham, «Sangue Virgem para Drácula» de Paul Morrissey e «O Exorcista 1» e «O Exorcista 2» de respectivamente William Friedkin e John Boorman.



hing. «Cinema e Banda Desenhada», «Novos Clássicos» e «Secção Especial», esta última num autêntico balanço da temporada cinematográfica 84/85), Homenagens (Fritz Lang, Orson Welles, e Vicente Aranda) e Retrospectivas (cinema Japonês Fantástico e Harry Krumel, realizador de quem se poderá apreciar a sua obra cinematográfica completa).

SALDOS

nos

ARMAZÉNS DO

CHIADO

INÍCIO

6

JANEIRO

Chiado

INÍCIO

6

JANEIRO

Gente internacional é outra coisa...



Rex Harrison há uns anos atrás, com a atriz Kay Kendall, sua bela e malograda mulher



Rex Harrison, numa foto recente



Lee Remick

GLENN FORD, o veterano actor norte-americano, tomará parte numa aventura que se adivinha emocionante, já que acompanhará o famoso Comandante Costeau na próxima viagem do não menos célebre «Calypso».

Glenn torna-se, assim, no primeiro norte-americano a ter a sorte de viajar, como convidado especial, no famoso navio de Costeau por águas canadianas. O actor americano sempre manifestou uma grande admiração pelo professor Costeau e este também considerava, desde sempre, Glenn como um dos seus actores favoritos.

DEBORAH MOORE é uma beldade de 20 anos que acaba de se estreiar no cinema no filme «Lionheart», rodado em solo húngaro. A principal figura masculina foi interpretada por Eric Stoltz, o jovem protagonista de «MASK».

A bonita Deborah, a quem muitos auguram um futuro brilhante na Sétima Arte, é filha do famoso Roger Moore, e sempre jovial intérprete de James Bond, na série 007.

DIAHAN CARROL, a artista de cor de «Dinasty», foi galardoada pela Associação Nacional para o Progresso da Defesa Legal e dos Fundos para a Educação de Pessoas de Cor, pelo seu trabalho, sempre desinteressado, em prol dos homens, mulheres e crianças negros. Diahn é também presidente de Honra de um orfanato, ao qual doou recentemente meio milhão de dólares.

REX HARRISON, o conhecido actor britânico que foi Oscar da Academia das Ciências e Artes de Hollywood pelo seu extraordinário papel em «My Fair Lady», acaba de assinar um importante contrato editorial para a publicação das suas «memórias». No livro, o actor conta-nos as suas recordações e fala-nos das mulheres que amou ao longo da sua vida. Rex Harrison confessa que o grande amor da sua vida foi a malograda atriz Kay Kendall, que faleceu vitimada pela leucemia quando eram um dos casais mais felizes do mundo artístico britânico.

STACY KEACH, protagonista da série televisiva «MIKE

HAMMER voltou de novo ao pequeno «écran». Nesta nova série, o «duro» Stacy combaterá uma rede de traficantes de droga. Stacy Keach, tal como foi largamente noticiado, foi detido e preso em Londres por se encontrar na posse de uma pequena quantidade de cocaína. O actor, depois de libertado, deu algumas conferências de Imprensa e uma longa entrevista na TV americana, confessando que tinha consumido cocaína, mas que esse vício tinha sido abandonado para sempre. «Lutarei para que as outras pessoas possam ser recuperadas. A droga mata os corpos e as pessoas.»

LEE REMICK será a protagonista de uma série baseada nas memórias da advogada russa Dina Kaminskaya, conhecida pela sua luta para salvar um jovem injustamente acusado de violação e assassinio. Lee, que interpretou no cinema alguns êxitos de bilheteira, como «Anatomia de um crime» e «Requiem para uma mulher», trabalhou nos últimos tempos em numerosos programas e séries de televisão. Quando desempenhou o papel de mãe de Winston Churchill, na série sobre o famoso político e escritor britânico, recebeu nada mais nada menos que quinze prémios internacionais.

DAVID KEITH, conhecido do grande público pelo seu papel em «Oficial e Cavaleiro», é o principal protagonista de «White of the eye», um filme de «suspense» baseado no livro com o mesmo nome da escritora Margaret Tracey. A sua companheira neste novo trabalho será a bonita Cathy Moriarty, a célebre «esposa» de Robert de Niro em «O Touro Enraivecido».

RICHARD DREYFFUS, figura principal de «American Graffiti», sofre do terrível SIDA! Esta notícia, contudo, não passa de simples ficção, já que Richard está atacado pela doença, sim, mas na obra «The normal Heart», que tanto êxito está a ter na Broadway, e cujo tema é precisamente o SIDA.

Óscar Martin (Serviço Especial da Agência EFE em exclusivo para Portugal)



Glenn Ford



Segundo disco de Paulo Gonzo a pensar no mercado externo

Paulo Gonzo, antigo elemento da Go Graal Blues Band, que iniciou o ano passado uma carreira a solo com o disco «So Do I», tem já editado o segundo trabalho, dos mesmos autores, intitulado «Somewhere in the Night».

Para Paulo Gonzo, abrem-se agora as portas do mercado internacional a partir, primeiro, da negociação de um acordo

com um editor austríaco, para a edição em três países (Austria, Alemanha e Suíça); segundo, com uma viagem de promoção a empreender dentro de dias.

O novo disco de Paulo Gonzo foi concluído no passado dia 26 de Novembro no Angel Studio 2, pela mão de José Fortes (técnico de som e a colaboração de Ana Paula Semedo (coros). A capa é da responsabilidade Octávio Diaz Bérrio.



Ruy Castelar

“Clube da Manhã” vai ao Brasil

Ruy Castelar: novidades fortes na estrutura do «Clube da Manhã», uma aposta firme de João David Nunes na «grelha» da Rádio Comercial. Com locução de Ruy Castelar e Maria Alexandra, um vasto leque de colaboradores (Gustavo Fontoura, Carlos Castro, Maria Afonso, Isabel Risques, Teresa

Pizarro, Neves de Sousa) o «Clube da Manhã» vai dentro de dias ao Brasil, não apenas para continuar dando semanalmente notícias através de Cândido Gorja mas, especialmente, captando entrevistas e reportagens com figuras desportivas e artísticas, sem esquecer (obviamente) a transmissão do Carnaval carioca.

"Utu — o último guerreiro"

de Geoff Murphy

Jorge Leitão Ramos

Se um português cavasse verticalmente um túnel que atravessasse a Terra iria desembocar na Nova Zelândia.

É, portanto, dos antípodas que nos chegam novas cinematográficas com «Utu — O último guerreiro», um belo filme que o público tem ignorado.

O cinema não é só objecto estético e de entretenimento. Em muitos casos é também matéria de «viagem», de conhecimento de outras histórias, outra História, outras gentes, outros lugares. Creio que, em primeiro lugar, Utu — O último guerreiro é um filme que nos fala de realidades ignoradas — mas não estrangeiras, que o português traz no sangue e memória de ter estado na terra inteira.

Nova Zelândia, 1870: os Maoris, uma das tribos do território, estão em revolta liderados por Te Wheke, um soldado dos lanceiros que parte em vingança contra os brancos que lhe dizimaram a aldeia e a família.

Utu é a palavra maori para desforra, vendetta, vingança. E não é só Te Wheke que a reclama.

A violência, uma vez insta-

lada, é interminável. Utu também pede Williamson, o fazendeiro autóctone a quem Te Wheke matou a mulher. Utu pede o tenente Scott pelo assassinio da amada. Utu pede o coronel por a sua autoridade britânica ser contestada. Utu pedem os maoris, as outras tribos, os brancos naturais de Nova Zelândia, os colonialistas. A vingança pede vingança, o sangue grita pelo sangue, todos têm as suas (boas) razões.

O principal mérito desta fita é o de não ser uma reflexão sobre a justiça da revolta mas preferir — reconhecendo-a — encenar a paranoia da violência. Para isso ela não ergue heróis mas personagens (complexos, contraditórios, ora apelativos ora desgostantes) sabendo que a realidade tem mil faces e que de todas é feita.

É possível ver em «Utu — O último guerreiro» uma transferência do western para território neozelandês. Seria, então, um western amargo, onde a amplidão dos espaços se povoava de angústia, onde a beleza coalhava nos contrafortes da sanha e do ódio. E seria, também, um western sem vilões nem cavaleiros — apenas perdidos nas malhas de um conflito que nenhum desejava, os seus personagens, joguetes de um destino acre, eternizariam a chacina se alguém não soubesse que fazer.

Das entrelinhas do filme sai porém a razão, materializada em Wiremu, esse nativo sagaz, alistado nas tropas britânicas, jogador de xadrez e falando as línguas da civilização e da barbárie — esse personagem astuto que decide liquidar o coronel porque já basta, mas também o seu irmão porque urge estancar o sangue e a raiva.

Surpresa grande desta fita é o seu apuro técnico, a sua eficácia narrativa, a sua inteligência do tempo e do espaço, os seus actores (Anzac Wallace, justiceiro e sanguinolento, Bruno Lawrence, vingador e alucinado,

Kelly Johnson, inseguro nas suas fidelidades, a belíssima Tania Bristowe, com o coração entre dois territórios...).

Da Nova Zelândia chegam boas novas do cinema.

FICHA:

Título original: Utu.

Realização: Geoff Murphy

(Nova Zelândia — 1983)

Argumento: Geoff Murphy e Keith Aberdein

Fotografia: Graeme Cowley

Música: John Charles

Montagem: Michael Horton e Ian John

Produção: Geoff Murphy e Don Blakeney

Interpretação: Anzac Wallace

(Te Wheke), Bruno Lawrence

(Williamson), Tim Elliott

(coronel Elliott), Kell Johnson

(tenente Scott), Wi Kuki Kaa

(Wiremu), Tania Bristowe

(Kura), Ilona Rodgers

(Emily Williamson), etc.

Distribuição em Portugal:

Cine Filme

Cinemas: N'Gola e Rex

Classificação: Para maiores de 12 anos

Duração: 104 minutos



Uma agradável surpresa nos chega do cinema neozelandês

Encontro internacional sobre formação de actores

Decorreu em Bruxelas e em Liège, de 30 de Dezembro a 4 de Janeiro, um encontro internacional sobre o tema «O movimento cénico na formação dos actores», co-organizado pelo Instituto Nacional Superior das Artes do Espectáculo da Bélgica, Conservatório Real de Bruxelas e pelo Presidium do Comité de formação teatral do Instituto Internacional do Teatro.

Participaram no Encontro delegações de 36 países, tendo o Centro Cultural de Évora sido convidado a participar a título gracioso, tendo-se feito

representar pelo encenador Luís Varela, que dirige a respectiva Escola de Formação Teatral.

As diversas sessões, organizadas se forma muito intensiva, foram preenchidas com a apresentação de diversos exercícios práticos, mesas redondas e debates de natureza pedagógica e ainda pela apresentação da Cena II do Acto III do «Sonho de Uma Noite de Verão» de Shakespeare, a cargo respectivamente da Escola Nacional do Teatro do Canadá, da Academia Supe-

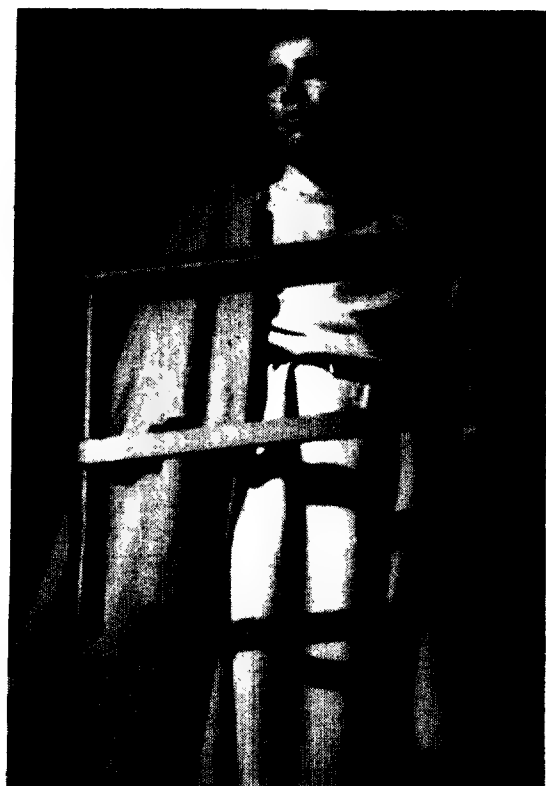
rior das Artes do Espectáculo da Checoslováquia, da Universidade da Carolina do Sul dos EUA e do Instituto de Teatro de Shanghai, da República Popular da China.

As apresentações da cena referida funcionaram em cada dia como pretexto de estudo e debate alargado.

A participação do Encenador Luís Varela no encontro foi apoiada pela Fundação Gulbenkian, tendo sido designado relator de uma das mesas, Luís Varela foi convidado a participar numa reunião do Presidium do comité

de formação do IIT com os membros titulares da URSS, Inglaterra, Checoslováquia, Bélgica, Finlândia, Suécia, Canadá e Mali, reunião esta onde foi decidido o programa de iniciativas do Instituto Internacional do teatro no domínio da formação teatral para o triénio 1987/89.

Na ausência deste encontro prevê-se que o Centro Cultural de Évora possa vir a contar proximamente com o concurso de alguns especialistas estrangeiros na formação dispensada ao actual Grupo VII de alunos da escola.



Teatro

- Desde Junho em cena na nova sala da Comuna, «Amadis» está de partida. A peça, um original de Abel Neves, está em cena só até 26 deste mês, de terça a sábado pelas 21.30 e aos domingos às 17 horas. «Amadis» é um novo original português, que recria o mundo dos romances da Idade Média, a partir do célebre romance de Amadis, fixado em texto definitivo por Atonso Lopes Vieira. A peça tem música de Tó Neto, encenação de João Mota e interpretação de todo o elenco da Comuna. Hoje, amanhã e quinta-feira, aproveite e veja a peça a preços reduzidos — 150\$00.

Conferências

- Na Sociedade de Língua Portuguesa, na R.S. José, 41, em Lisboa, realiza-se uma conferência pela Dr.^a Teresa Cunha Lopes, sobre «Escravos e libertos na Roma Imperial». A conferência integra-se na série «3.ªs Feiras da SLP» e tem início pelos 18.30 horas.

Cinema

- No Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, são projectados esta noite, pelas 21.30 horas, os filmes «Diário de Um Realizador», de Federico Fellini e «Noites de Nevoeiro», do realizador Alain Resnais. Ambos os filmes são para maiores de 13 anos.
- O Ciclo de Cinema Musical, que tem vindo a decorrer na Cinemateca Portuguesa e na Fundação Gulbenkian, prossegue esta noite com a exibição do filme realizado por Walt Disney em 1940, «Fantasia». A projecção tem lugar no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, a partir das 21.30 horas.

Exposições

- 18 desenhos/alegorias de Ribeiro Farinha encontram-se expostos no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, no âmbito de uma exposição evocativa do 23.º Aniversário do Nascimento de Luísa Todi. No catálogo que acompanha a mostra, escreveu o artista: «No começo e sempre, a Música... Seguir os (com) passos de música que fala da cor, da tonalidade, sugere variações, aponta caminhos — cor de esperança, pelos carreiros do sonho ou varando com clareiras os tons baços do viver triste do mergulho na angústia...».
- Em «A Galeria», em Cascais, está patente ao público desde a passada sexta-feira, uma exposição de stencilografia de Assunção Venâncio. A artista nasceu em Elvas, em 1947, e é diplomada em Pintura pela E.S.B.A.L. Foi bolseira pela Fundação Calouste Gulbenkian e é professora efectiva do C.P.E.S. Tem exposto regularmente desde 1971. Em 1972, foi Prémio de Aquisição-Gravura na 1.ª Exposição de Jovens Artistas, Lisboa/Porto.
- Esta mostra estará patente ao público todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 15 às 19 horas, até ao dia 26 de Janeiro.
- Em Aveiro, mais concretamente na Galeria Grade, na R. Dr. Alberto Souto, está aberta ao público uma exposição colectiva, que conta com trabalhos dos artistas plásticos Cândido Teles, Cohen Fusé, Erik Moustgaard, Frederico Mendes, Guerra de Abreu, Luís Regala, Mário Silva, Michael Barret, Quintas, Paulo Ossião, Seixas Peixoto e Silva Palmeira. A mostra fica patente até ao próximo dia 22.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club

T. 763319

A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h

Amoreiras 3

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

OS GOONIES
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

HALLOWEEN III — REGRESSO ALUCINANTE
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscopio

— T. 795093

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio

— T. 372358

PARAÍSO SEXUAL
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «Movimento em Falso», realizado por Wim Wenders, com Anna Schygulla, Nastassja Kinski e Rüdiger Vogler. Em exibição no Cinema Quarteto.

Cinebloco

— T. 556824

AMERICAN GIGOLO
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Camões

T. 324194

O GOLPE
(n/acons. m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

RUY BLAS/1947
18.30 h
FANTASIA/1940
21.30 h

Cine 222

— T. 579460

LARANJA MECÂNICA
(int. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O VINGADOR DA ESTRADA
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha
O REI DE ALPHABET CITY
(maiores 16 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

OS GANGSTERES MARADOS
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

ROSA PURPURA DO CAIRO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS VAGABUNDOS DE NOVA IORQUE
(não acons. men. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

F den

— T. 320768

OS PUNHOS DA VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

F studio

— T. 555134

A LENDA DA FLORESTA
(M. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

F studio ACS

— T. 887255

A ESCOLHA DE SOFIA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

OS BANDIDOS DAS BMX
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1
JAMES BOND 007 — ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

TYGRA — O FOGO E O GELO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 3

AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

«CRIA CORVOS»
(int. 13 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1
O ESPIÃO DO SAPATO VERMELHO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

HALLOWEEN III — REGRESSO ALUCINANTE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

RAÇA VIOLENTA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

A ESTUDANTE SEXY
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathe

— 821933

DR. JENKEIL GOSTA DELAS QUENTES
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
(maiores 13 anos) 24.00 h

Politeama

T. 326305

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A FORÇA DO SEXO FRACO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 2

A CASA E O MUNDO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h
HAMMET, DETECTIVE PRIVADO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 3

NOME: CARMEN
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 h
NA CALADA DA NOITE
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 4

MOVIMENTO EM FALSO
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
FANTASMA DO PASSADO
(m. 18 anos) 23.30 h

N'Gola

UTU, O ÚLTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30 e 16.45 h
ANDREI RUBLIOV
(n/acons. 13 anos)
18.45 e 21.30 h

Restelo

T. 610375

CHORUS LINE — O FILME
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

Cineclub Rex

UTU, O ÚLTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45 h
JE VOUS SALUE MARIE
(m. 16 anos)
19 e 21.30 h

Roma

T. 889192

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O SEGREDO DA CAVERNA FANTASMA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h
O HOMEM QUE SABIA DE MAIS
(maiores 12 anos) 23.45 h

Terminal

— T. 371573

OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O CLUBE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

OS REPETENTES EM FÉRIAS
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio
«A Lenda da Floresta», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro Lido
«Chorus Line — O Filme», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Babilónia
«Silverado», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores
«Debaixo do Vulcão», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

MEM MARTINS — Cine Teatro Chaby
— Descanso

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL
«Floresta Esmeralda», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000
«A Chorus Line», às 17.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Outra Beira

ALMADA — Acad
«Missão Final», às 17 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Ines
«Compromisso», às 17 e 21.30 h (n/acons. 18 anos)

PAVILHÃO JARDIM
(a-faria) — «O Império do Desejo», às 22.30 h (maiores 16 anos)



Lisboa é sua
não deixe lixo na rua



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Lisboa — PERMANENTE — AMOREIRAS - CAMPO-LIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); AREIRO - APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); CAMPO GRANDE: Nova Iorque, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003); ROSSIO: Estácio, Rossio, 60-63 (T. 327067); SÃO BENTO - PALÁCIO: São Bento, R. dos Poiais de São Bento, 73 (T. 601673); SALDANHA: Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); SANTA BARRA: Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); SETE RIOS: Canto, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 758414); ODI-VELAS: Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 963940); ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); ALVALADE: Belo, Av. de ome, 53-A (T. 776314); BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); CAMPO DE OURIQUE: Porfírio, R. Francisco Metras, 59-B (T. 663349); CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno, Av. Júlio Diniz, 10, loja 18-19 (T. 771661); CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); LICEU PEDRO NUNES: Janeiro, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 771453); OLIVAIS SUL: Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); PEDROÇOS: Sociedade Higilux, R. de Pedroços, 50-52 (T. 610280); PICHELEIRA: Mar-luz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); BRANDOA - AMADORA: Correia, Urbanização Alformelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; COVA DA PIEDADE: Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; COSTA DE CAPARICA: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2401318). Até às 19 horas; MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; LAVRADIO: Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; BARREIRO: Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; BAIXA DA BAHIA: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; CORROIOS: Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; AMORA: Moura Carneiro. Até

às 22 horas; SEIXAL: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10, Arrenda (T. 2210007). Até às 22 horas; MONTIJO: Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; SETÚBAL: Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; Bocageana, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; Oliveira Rodrigues, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; LINDA-A-VELHA: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDE-CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; OELAS: Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Atrur Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; CASCAIS: Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carnele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Permanente; Dias e Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Até às 22 horas; DAMAIA: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; QUELUZ: Simões, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; CAMARATE: Flores, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; CACÉM: Guerra Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; MEM MARTINS: Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RIO DE MOURO: Rimouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; SINTRA: Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24, Este-fânia (T. 9230058). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918); SACAVÉM: Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De terça a sábado, a 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**ARSENICO E RENDAS VELHAS**». Original de Joseph Kesselrind. Versão portuguesa de César de Oliveira, Gaspar Fiuza e Carlos César. Intérpretes: Maria Helena Matos, Carlos Quinas, Camacho Costa e Luísa Barbosa.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Quintas, sextas e sábados, às 21.45; aos domingos às 16.00

«**TU E EU**», de Friedrich Zwaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Angelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Sexta e sábado às 21.30; domingos, às 16.00

«**PÁSCOA**», de August Strindberg. Encenação de Luís Miguel Cintra. Cenografia e figurinos de Cristina Reis.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

De terça a sábado às 21.30
Domingos às 17.00

«**AMADIS**», de Abel Neves. Encenação João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, e Paulo Ferreira.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — (Tel. 60 72 991)1

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**A BANDA DO CHICO DE HOLANDA**». Encenação de Filipe La Féria.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De terça a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 16.30

«**A CAÇA AO SNARK**». Encenação de Teresa Garcia Fernando, pelo Grupo «Dou-te Tudo e Mais Não Posso».

Salão das Furnas

R. Raul Carapinha (a Sete Rios) — Tel. 76 66 152

Terças, quintas e sextas, às 13.30

«**BOLA DE SABÃO**». Pelo Grupo Papa Léguas.

Teatro Iberico

Tel. 63 99 74

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 75

(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvana Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO**», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armada.

Teatro do Século

R. do Século, 41

Sextas, às 21.30; domingos, às 17.00

«**EMBALAGEM PERDIDA**», de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalho.

III

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**GALILEU, CONTADORES DE HISTÓRIAS**». Encenação de Kim Cachopo.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De terça a domingo, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«**UM CORONEL EM 2 ACTOS**». Adaptação de Francisco Nicholson. Direcção e encenação de Varela Silva. Cenários de Octávio Clérigo. Interpretado por Camilo de Oliveira, Alina Vaz, António Feio, Paulo Marcelo, Dulce Guimarães e Francisco Nicholson (artista convidado).

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«**JARDIM DE OUTONO**», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Porto — Campo Alegre

R. Camões, 312, 2.ªA — Tel. 38 21 31

A «**Séva-Troupe**» apresenta todas as noites às 21.45, domingos às 16.00

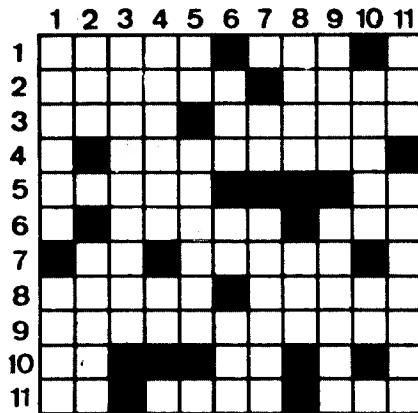
«**OS AMOROSOS DA FOZ**» de Camilo Castelo Branco. Encenação de Norberto Barroca, cenografia de Manuel Passos e música de Paulino Garcia.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 15 632

HORIZONTAIS:

- 1 Inteligência. Pronome relativo.
- 2 Alinda. Montão.
- 3 Raera. O mesmo que arreata.
- 4 Zurrapas.
- 5 Prendera. jalcio (s.q.).
- 6 Freguesia do concelho de Bardez, distrito de Goa. Pronome demonstrativo.
- 7 Preposição latina que designa movimento. Freguesia do concelho de Miranda.
- 8 Cortesã grega, tipo de orgulho e cupidez. Distribui por rua.
- 9 Converteremos em massa.
- 10 Concede. Pago.
- 11 Érbio (s.q.).



VERTICAIS:

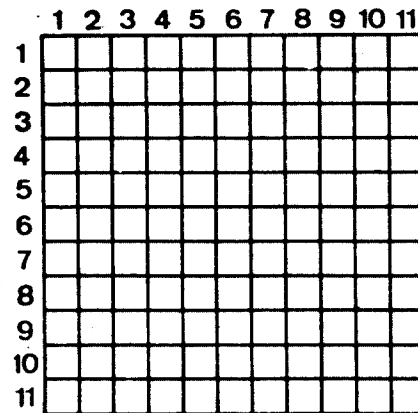
- 1 Vila e sede de concelho (Portalegre. Cheira Mal).
- 2 Cidade dos Países Baixos Equipar.
- 3 Antiga província de França.
- 4 Atraiçoara. Nosso Senhor.
- 5 Néon (s.q. e inv). Freguesia do concelho de Vila do Bispo.
- 6 Artigo. O sono das crianças.
- 7 Uma das Novas Hébridas na Melanésia.
- 8 Duas vogais iguais. Desagradável.
- 9 Rio da Rússia. Voz usual entre os índios e caboclos da Amazônia e que exprime espanto. Surpresa, alegria ou mofa.
- 10 Rio de Portugal. Bandos.
- 11 Mastiga sem engolir. Alternativa (inv).
- 12 Conceder. Juntasse.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 472

HORIZONTAIS:

- 1 Região ao Sul, da Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir.
- 2 Mulher israelita que no tempo dos juizes habitava Belém. Bolo de Farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- 3 Nome de peixe. Artigo definido (ant).
- 4 Autores. Detestável.
- 5 Lato que aparece em Portugal e é também conhecido por castro. Tosas.
- 6 Tomba (inv). Deus dos pastores. Vento frio, agreste (pop).
- 7 Ourais da Arábia.
- 8 Avarenta. Paixão.
- 9 Bondosa. Estéril.
- 10 Espreitado. Sua Majestade.
- 11 Moderato. Rádio (s.q.). Al-deia de Itália.



VERTICAIS:

- 1 Cidade da Turquia. Felicidade.
- 2 Hora canónica correspondente às quinze horas. Irmão de Moisés.
- 3 Delimitavam.
- 4 Fruta da Índia, que se põe em conserva para excitar o apetite. Bário (s.q.). Caminhar.
- 5 Atilho. Realizara.
- 6 Letra grega. Guarneceira de asas.
- 7 Insecto díptero, espécie de mosca. Passado.
- 8 As riscas.
- 9 Autores. Sufixo que designa abundância. Moderato.
- 10 Avaliar. Nota musical.
- 11 Que tem calos. Move os remos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 631

HORIZONTAIS:

- 1 A. VERDADE. É.
- 2 Nai. Af. Amar.
- 3 Palmela.
- 4 Sal. Obá. Nem.
- 5 Sra. Socata.
- 6 Maé. Roa.
- 7 Mirasses.
- 8 Oirar.
- 9 Raivais. Itu.
- 10 File. Saar.
- 11 As. Lascas.

VERTICAIS:

- 1 Anissó. ORFÁ.
- 2 Ar. Siais.
- 3 Violam. Ril.
- 4 Amável.
- 5 Raposeira.
- 6 Diabo. Ios.
- 7 Lacraus.
- 8 Dam. Aos. Sa.
- 9 Ementas. Ias.
- 10 Álea. Esta.
- 11 Eram. As. Uro.

PROVÉRBO: A verdade é orfã

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 471

HORIZONTAIS:

- 1 Falun. Risca.
- 2 Açor. Faon.
- 3 Roa. Aia. Ar.
- 4 Ir. Amado. Ti.
- 5 Adama. Orças.
- 6 Ama. Criar.
- 7 Ara. Nas.
- 8 A. Orna. Aru.
- 9 Nós. Cós. Dar.
- 10 Aras. Doma.
- 11 Lasca. Casos.

VERTICAIS:

- 1 Faria. Canal.
- 2 Acorda. Mora.
- 3 Loa. Ama. Sás.
- 4 Ur. Amaro. SC.
- 5 Ama. Arc.
- 6 Dia. Noa.
- 7 Adomas.
- 8 If. Oriá. Da.
- 9 Saa. Casados.
- 10 Cortar. Ramo.
- 11 Anais. Curas.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário; 23.30: Último jornal; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.35: A harpista Annie Challan; 16.45: Árias de óperas; 17.00: Integrais; 17.20: Quinze prelúdios, de Luís de Freitas Branco; 18.00: Quarteto, em dó menor, de MacMillan; 18.40: Música; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Música sacra; 22.00: Intercâmbio musical; 23.30: Retrospectiva/85; 00.15: Solos instrumentais; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média
18.00: Quiosque; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Clube dos colecionadores; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Uma casa portuguesa; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional (Braga, Porto e Évora)

15.00: As boas-tardes da Renascença; 18.00: Noticiário regional; 18.30: Ligação à rede nacional.

Onda Média Regional (Lisboa)

14.00: Meia-tarde; 15.00: As boas-tardes da Renascença; 18.00: Jornal da região de Lisboa; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Sete colinas. Noticiários a todas as horas.

FM-Estéreo

19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa-noite.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Azul e branco; 20.00: Conta corrente; 21.00: Musical; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da frente; 17.00: Pé-de-vento; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Nunca mais é sábado; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio da série «Bell e Sebastião» — O Salvoamento de Isabel.

18.35 — Notícias

18.50 — Século XX

«A China em Marcha» — (7.º episódio): Mais de quatro quintos dos mil milhões de chineses são camponeses. Uma equipa de filmagens passou um mês em Maoping, uma pequena aldeia típica, para conhecer e ver como vivem os seus habitantes. As famílias ocupam o seu dia-a-dia a tratarem das terras que lhe foram atribuídas pelo Estado sob o novo regime de «responsabilização». Para as mulheres a vida gira à volta dos trabalhos domésticos...

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Campanha Eleitoral para a Presidência da República

Hoje o espaço é reservado aos candidatos Ângelo Veloso e Mário Soares.

21.05 — Louco Amor

Isolda revela a Cláudia as circunstâncias em que conheceu Renata.

Guilherme diz a Fernando que a doença de Marquinho é motivada pelas saudades da mãe.

Edgar, Lipe e Gisela concordam em comparecer no jantar de despedida de Renata.

Márcio e Carlinha encontram-se com Lipe. Este convida Carla para ir com ele, no dia seguinte, ao cinema.

Nanda convida Márcio para o jantar de Renata.

Edgar propõe a Lipe uma ida à feira de Artesanato para comprar alguns quadros a Alfredo.

Cláudia garante a Muriel que esta irá para Paris pois tem argumentos e provas que impedirão Renata de deixar o Brasil.

21.45 — Imagens em Movimento

(7.º e último episódio): O cinema nasceu em 1895, mas passados dez anos era já uma indústria internacional controlada pela América. Os pequenos produtores, marginalizados do cartel constituído na Califórnia onde podiam produzir livremente os seus filmes.

Realizador: Mark Anderson

22.15 — Panorama

23.15 Último Jornal



19.30 — Desenhos Animados

«O Mascariha» e «Terry Toons»

20.05 — Videopolis

«A Sombra de Dylan»

Serão apresentados os seguintes telediscos: «Glory Days» — Bruce Springsteen; «The Deceiver» — The Alarm; «All I Am» — Bluebells; «You can't get there from here» — Ram; «When the Night» — Bob Dylan.



«A China em Marcha»: hoje o 7.º episódio

Apresentação de Álvaro Costa. Produção de Paulo Tavares.

20.40 — Falar de Macau

«Geomantes, Intérpretes do Destino»

21.00 — Sessão das Nove

«Os Visitantes da Noite»: Uma saxofonista que mata sem razão, a sórdida vida íntima de um polícia, um realizador e argumentista de cinema que se confunde com o seu herói — são algumas peças do «puzzle» aqui proposto por Amos Poe. Produto da efervescente nova vaga de Nova Iorque, esse «underground» que extravasa os seus limites para conquistar um público cada vez mais vasto, «Os Viajantes da Noite» é, caracteristicamente, um trabalho de pólos múltiplos que se complementam e completam. O realizador é também intérprete, o protagonista é músico e é um dos autores da música com que ele próprio sublinha o seu trabalho, a



Bob Dylan, uma presença no Videopolis de hoje, na RTP 2

música é omnipresente, com a fina-flor da vanguarda nova-iorquina: Robert Fripp, Ivan Kraal, John Lurie, Lounge Lizzards.

Amos Poe (nascido em 1950, em Israel) emigrou para os Estados Unidos em 1958, dedicando-se, desde sempre à sua paixão, o cinema. Poe filma a noite, a cidade, a música, a fauna, com a mesma destreza insolente que a New Wave põe em tudo o que faz: um pegar ou largar que é a afirmação de vitalidade, de personalidade, em que tudo o que existe pode ser aproveitado sem que isso signifique subserviência ou plágio. O mesmo espírito com que os Lounge Lizzards de John Lurie pirateiam o repertório mais tradicional do jazz e fazendo dele algo de extremamente pessoal e inconfundível.

Título original: Subway Riders; Realizador: Amos Poe; Intérpretes: John Lurie, Susan Tyrrel, Cookie Mueller, Robbie Coltrane, Charlene Kallina, Amos Poe, Leigh Tyler; Duração: 125 minutos; Ano de estreia: 1983; Género: policial-dramático; Fotografia: cor.

23.10 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Trânsito
19.20 — Jazz para Todos
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Vamos Jogar no Totobola
20.40 — Louco Amor
21.30 — Noite de Cinema
— «Como se fazem os heróis»
23.20 — Último Jornal

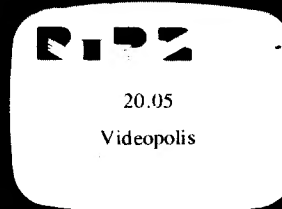
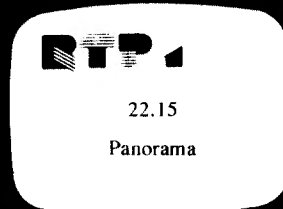
RTP 2

18.57 — Basquetebol
20.20 — Mulher a Mulher
20.45 — A Experiência Migrante
21.40 — Foi Êxito na TV — «Carlos do Carmo»
22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B • R. de Macau 8-1 • LISBOA

MELO
FABRICO INGLÊS
20 900\$00
OFERTA MANUAL PORTUGUÊS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardino Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Video)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



20.35 — Louco Amor

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 4197570

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
05.40 4,20 m	11.28 1,20 m
18.05 3,80 m	23.33 1,30 m

Dia 15

06.21 4,00 m	12.09 1,40 m
18.45 3,00 m	

BRAGANÇA	-2°
VIANA DO CASTELO	2°
VILA REAL	0°
PORTO	3°
COIMBRA	2°
CABO CARVOEIRO	12°
CASTELO BRANCO	3°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	6°
ÉVORA	8°
BEJA	5°
FARO	7°
SAGRES	7°
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	16°



Balsemão em guerra contra Cavaco Silva

A recusa de Pinto Balsemão em tomar posse do cargo de deputado ao Parlamento Europeu foi esta manhã apresentada pelo presidente do Conselho Nacional do PSD como uma «atitude que visa dizer não ao medo e à subserviência, pretende alertar contra a discriminação, constitui um aviso desapaixonado à necessidade de cumprir regras em política, mesmo e sobretudo quando se está a ganhar».

Pinto Balsemão falava aos jornalistas, em Lisboa, numa conferência de Imprensa convocada expressamente para tornar públicas as razões que o levaram a rejeitar o cargo que tinha sido designado pela Assembleia da República. No texto que leu afirma-se que essas razões têm a ver com a sua «dignidade pessoal» e, principalmente, com a «dignidade política». Balsemão considerou-se «discriminado pela direcção do partido» do qual é fundador e a cujas mesas do Congresso e do Conselho Nacional preside.

A sua decisão assenta essencialmente no facto de o seu nome ser o primeiro da lista do PSD para o Parlamento Europeu e de, afinal, o lugar ter sido ocupado por Rui Almeida Mendes, apesar de aquela lista ter sido aprovada pelo Conselho Nacional do partido em Julho de 1985.

Na passada quarta-feira, recorda Balsemão numa carta em que comunica a sua atitude ao presidente do grupo parlamentar social-democrata, António Capucho, foi informado por Rui Almeida Mendes que «o presidente da Comissão Política Nacional (Cavaco Silva) escreveu à presidente do grupo Liberal e Reformista do Parlamento Europeu indicando-o como representante do PSD no Grupo Liberal e Reformista» e como membro do «Bureau» do Grupo — «creio que como vice-presidente».

Anteriormente, evoca igualmente o presidente do Conselho Nacional do PSD, procurou que os deputados do partido indigitados para Estrasburgo se reunissem para definir estratégias. Essas diligências revelaram-se infrutíferas e «pelo contrário, vim a saber recentemente que a única reunião realizada, ainda em 1985, o foi sem eu ser convocado», escreve.

Entretanto, afirma Pinto Balsemão, a questão foi abordada numa conversa realizada entre ele e Cavaco Silva a 19 de Dezembro: «Aproveitei para assinalar que não abdicava da minha posição como cabeça de lista e para lembrar que fui eleito presidente da Mesa do Congresso na Figueira da Foz (sem esquecer, claro, que sou o único fundador do nosso partido que nela subsiste».

Nessa altura Cavaco Silva disse-lhe que a Comissão Nacional tencionava designar Almeida Mendes como seu representante em Estrasburgo, tendo Balsemão manifestado a sua discordância e prevenido que tal solução «iria provocar dificuldades».

«Desde então nunca mais fui informado seja do que for», acrescenta. O desfecho do caso surgiu em Bruxelas quando o próprio Almeida Mendes informou Balsemão e os seus colegas escolhidos para o Parlamento Europeu de que seria ele o representante do partido em Estrasburgo.

Todo este processo foi discutido no Conselho Nacional de sábado passado e Balsemão considera não ter recebido «a clarificação necessária». Por isso mesmo decidiu não tomar posse no Parlamento Europeu, comunicando previamente a sua decisão aos presidentes do Parlamento Europeu, Assembleia da República e grupo parlamentar do PSD.

Em resposta aos jornalistas Balsemão afirmou não querer acreditar, mas reear, que o silêncio do Conselho Nacional em relação a estas questões se deva ao «medo e à subserviência». Não confirmou nem negou que as suas declarações signifiquem directamente que haja «medo e subserviência» no seio do seu partido, mas frisou que face a situações como a que denunciou é preciso «dizer não».

D/E/C/A/R/A/S/



SOUSA LEITÃO, chefe do Estado-Maior da Armada, deu posse, no cargo de superintendente dos Serviços de Pessoal da Armada, ao vice-almirante António Maria de Sá Alves Sameiro, anterior subchefe do Estado-Maior da Armada, que substituiu o vice-almirante Rebelo da Silva nas funções em que acaba de ser empossado. A cerimónia assistiu elevado número de oficiais-generais e superiores da Armada.

GIORGIO ALMIRANTE: o Parlamento Europeu retirou a imunidade a este membro da Direita Europeia, a fim de ser julgado em Itália por envolvimento na fuga de um indivíduo acusado de ter assassinado três polícias. O próprio Almirante, acusado de envolvimento na fuga de um indivíduo de extrema-direita que em 1972 assassinou três polícias, e membro do Parlamento italiano, pediu a retirada da sua imunidade parlamentar para, segundo disse, «limpar o seu nome».

EUGÉNIO NOBRE: o nome

do que foi secretário de Estado das Obras Públicas do anterior Governo vai passar a fazer parte da toponímia de Vila Nova de Foz Coa, por deliberação da câmara municipal. A autarquia atribuiu o nome daquele ex-membro do Governo a uma das artérias criadas por recente urbanização municipal na zona da escola secundária da vila. Com este acto, o Município de Vila Nova de Foz Coa pretende testemunhar a gratidão do concelho pelas obras levadas a efeito nos últimos anos.

JAIME SILVÉRIO MARQUES, que fez parte da Junta de Salvação Nacional, morreu ontem na sua residência de Lisboa, tendo-se realizado hoje o seu funeral, da Capela do Hospital Militar da Estrela para o Cemitério do Alto de S. João. O general Jaime Silvério Marques, que faria 72 anos no próximo dia 16 de Fevereiro, foi o primeiro chefe do Estado-Maior do Exército depois do 25 de Abril e exerceu estas funções até 30 de Setembro de 1974. Destituído do cargo em con-

sequência do 28 de Setembro, passou então à reserva.

JOHN LENNON: a sua antiga mulher, Cynthia, disse estar aterrorizada com as sugestões de que o seu filho Julian é a reencarnação do famoso pai. Recorde-se que Cynthia se divorciou de John no final de 1960, após este ter conhecido Yoko Ono. «Julian tenta ser igual a si próprio, não tem nada a ver com o pai» — afirmou Cynthia, que no entanto admitiu que John e Julian se assemelham fisicamente e que são até muito iguais em atitudes, no humor e criatividade.

JOÃO BERNARDO VIEIRA, presidente da Guiné-Bissau, recebe hoje o núncio da Santa Sé para a África Ocidental, monsenhor Lucci de Senna, que se encontra em Bissau para uma visita de três dias àquele país. Sediado em Dacar, monsenhor Lucci de Senna terá também conversações com missionários e visitará obras a cargo da Igreja Católica. Amanhã celebrará missa na catedral da capital guineense.

Atrasos nos comboios da Linha do Estoril

Os comboios na Linha do Estoril estiveram esta manhã paralisados nos dois sentidos, entre as 6 e 45 e as 9 e 10, devido a avaria numa agulha eléctrica ocorrida na Estação do Cais do Sodré, a qual através de um «concurso de cargas» originou disparos na subestação de S. Pedro do Estoril. A situação seria agravada, cerca das oito horas, com a avaria de uma automotora em Santo Amaro de Oeiras.

Adolescente acusado de dois homicídios

Um adolescente de 16 anos foi detido, em Faro, pela Polícia Judiciária, sob suspeita de envolvimento em dois homicídios, em quatro tentativas de violação e num assalto. Segundo refere a PJ no passado dia 9 foi encontrado morto na sua residência em Belo Romão, no concelho de Olhão o septuagenário José António Joaquim, que era homossexual. Após exame pericial as autoridades policiais chegaram à conclusão de que o crime terá ocorrido na noite anterior com o uso da tranca de uma janela. Quanto ao outro homicídio, acontecido na mesma localidade quatro meses antes, vitimou uma mulher de 80 anos.

Assaltado o Grupo Musical da Bemposta-Bucelas

Foi a noite passada assaltada sede do Grupo Musical e Recreativo da Bemposta, Bucelas, onde os gatinhos entraram por meio de arrombamento e furtaram artigos no valor de 608 contos.

A colectividade foi assim despojada de: sete contos em dinheiro, uma máquina de calcular, outra de escrever, o aparelho de TV a cores, dois saxofones, um bandolim, ferriños, bombo, acordeão, amplificador, microfones, máquina registadora, bebidas tabaco, carnes bacalhau e café em grão.